

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Programa de Pós-Graduação em Letras
Doutorado em Texto, discursos e relações sociais



Tese

A tríade pronominal na obra *O Estrangeiro*, de Albert Camus:
uma intersecção entre os estudos da linguagem, da filosofia e da literatura

André Rodrigues da Silva

Pelotas, 2024

André Rodrigues da Silva

A tríade pronominal na obra *O Estrangeiro*, de Albert Camus:
uma intersecção entre os estudos da linguagem, da filosofia e da literatura

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Letras pela linha de Texto, discurso e relações sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Daiane Neumann

Pelotas, 2024

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação da Publicação

S586t Silva, André Rodrigues da

A tríade pronominal na obra O Estrangeiro, de Albert Camus [recurso eletrônico] : uma intersecção entre os estudos da linguagem, da filosofia e da literatura / André Rodrigues da Silva ; Daiane Neumann, orientadora. — Pelotas, 2024.
139 f.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2024.

1. Subjetividade. 2. Experiência humana. 3. Intersubjetividade. 4. Linguagem. 5. O Estrangeiro. I. Neumann, Daiane, orient. II. Título.

CDD 469.5

Elaborada por Simone Godinho Maisonave CRB: 10/1733

André Rodrigues da Silva

A tríade pronominal na obra *O Estrangeiro*, de Albert Camus:
uma intersecção entre os estudos da linguagem, da filosofia e da literatura

Tese aprovada, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 17/12/2024

Banca examinadora:

Profa. Dra. Daiane Neumann (Orientadora)
Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof. Dr. Alfeu Sparemberger
Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP)

Profa. Dra. Jorama de Quadros Stein
Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

Profa. Dra. Luiza Ely Milano
Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Profa. Dra. Juciane dos Santos Cavalheiro
Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Aos meus falecidos avós, dona Iva e seu Doralicio, dedico esta tese e toda a minha caminhada acadêmica.

Agradecimentos

Chegando ao fim do meu doutorado, vejo como necessário agradecer aqueles e aquelas que contribuíram para o meu percurso e travessia. Com meus pares, presentes ou não, sinto-me agraciado por ter diversas vezes que dialogam comigo, preenchem meus espaços vazios e lançam luzes em minha caminhada.

Em primeiro lugar, agradeço à Universidade Federal de Pelotas e ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPel, por me receberem e por proporcionarem um ambiente de aprendizado e crescimento acadêmico.

Minha gratidão se estende ao CNPq pela bolsa de estudos, que me permitiu ocupar um espaço na pós-graduação como estudante preto, proporcionando novas conquistas e novas possibilidades.

À Daiane Neumann, dedico um agradecimento especial pela interlocução e incentivo no início da minha caminhada acadêmica. Obrigado por me apresentar mais afundo Émile Benveniste, que se tornou um amor em minha vida e por orientar este trabalho tão desafiador.

Ao Albert Camus, deixo um agradecimento especial. Sua filosofia foi mais do que uma inspiração: foi uma fonte de alento e orientação. Camus me ensinou que, mesmo diante da aparente falta de sentido e das dificuldades da existência, é possível buscar a lucidez e o compromisso com a vida. Durante esses dez anos de pesquisa camusiana, sua reflexão sobre o absurdo, a liberdade e a solidariedade não só enriqueceram minha compreensão intelectual, mas também transformaram minha maneira de viver. Camus foi uma presença constante, um guia que me ajudou a enxergar o mundo com mais empatia e coragem, e a encontrar significado nas pequenas e grandes batalhas do cotidiano.

À minha família, expresso meu profundo agradecimento: aos meus pais, pelo incentivo constante, em especial à minha mãe, por ser presença constante

nestes meus 33 anos de vida; aos meus avós maternos, pelo carinho; e aos meus avós paternos, pelos ensinamentos que foram a base da minha criação. Ao meu irmão, pela amizade, e ao meu primo Demetrius, por ser um exemplo de inspiração.

À Amanda, agradeço pelo amor, pela ajuda incondicional, pelo cuidado e afeto que estiveram presentes durante toda a minha jornada. Por uma vida acontecendo.

Neste último ano, a quem também devo minha gratidão é à minha terapeuta, Kizzy Coutinho, por me apoiar ao longo dessa jornada intensa e, muitas vezes, emocionalmente exaustiva. Kizzy me ajudou a encontrar equilíbrio para enfrentar os desafios da reta final do doutorado. Com sua orientação, fui capaz de me conectar de forma mais saudável com meu próprio percurso, encontrando paz para seguir em frente.

Ao projeto de pesquisa “Émile Benveniste e a abertura para uma antropologia histórica da linguagem”, e aos colegas do grupo de pesquisa, deixo meu reconhecimento pelas contribuições ao longo dos últimos quatro anos. Aos amigos do “Grupo de Estudos Camusianos”, meu agradecimento por ampliarem meu entendimento sobre a filosofia e a literatura de Camus. Ao grupo de pesquisa “Linguística, Literatura e Arte”, agradeço pelo aprendizado.

A Luiza Milano, Jorama Stein e Alfeu Sparemberger, agradeço pelas recomendações, interlocuções e auxílios indispensáveis para a conclusão deste trabalho. Em especial, sou profundamente grato à professora Juciane Cavalheiro, cuja dissertação de mestrado foi essencial para a produção da minha tese, e por tê-la como avaliadora da minha pesquisa.

Por fim, aos colegas de pós-graduação, em especial Aroldo Garcia, Antonella Savia, Camila Pilotto e Angel Hilian, deixo meu reconhecimento pela amizade e apoio que tornaram este percurso mais significativo.

A todos, meu sincero agradecimento.

Escrever, minha alegria profunda! Consentir ao mundo e ao prazer – mas somente no desnudamento. Eu não seria digno de amar a nudez das praias se não soubesse ficar nu diante de mim mesmo (Camus, 2014a, p. 65).

Resumo

SILVA, André Rodrigues da. **A tríade pronominal na obra *O Estrangeiro*, de Albert Camus**: uma intersecção entre os estudos da linguagem, da filosofia e da literatura. Orientadora: Profa. Dra. Daiane Neumann. 2024. 139 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras – Linha de texto, discurso e relações sociais, Universidade Federal de Pelotas, 2024.

Esta tese explora uma discussão pronominal a partir da intersecção entre os estudos linguísticos, literários e filosóficos, com foco nos pronomes e suas implicações sobre a subjetividade e a experiência humana. Analisar a linguagem, a partir do ponto de vista de Émile Benveniste, é abordar o sujeito, sua subjetividade e sua relação com o mundo. Utilizando teóricos pertinentes às questões relativas à tríade pronominal e à subjetividade e experiência humana, tais como Benveniste (2005; 2006) e Dufour (2000), a pesquisa estabelece uma base para teorizar o estudo pronominal em diferentes campos do conhecimento. A tese propõe que a análise das marcas linguísticas abre caminho para debates literários e filosóficos sobre o sujeito, o mundo e a (falta de) alteridade. Investigar pronomes no contexto literário também é investigar o ser humano, suas angústias e sua relação com a realidade e a morte, uma vez que a experiência humana é sempre mediada pela linguagem. Especificamente, a tese examina o processo intersubjetivo do *eu* (1ª pessoa) e do *tu* (2ª pessoa) na obra *O Estrangeiro* (1942) de Albert Camus, bem como o papel do *ele* (3ª pessoa), através da personagem principal, Meursault. O personagem-narrador constrói sua narrativa alternando entre monólogo e diálogo, refletindo diferentes dimensões de sua relação com o mundo. Essa dinâmica vai procurar evidenciar, neste trabalho, o embate entre o *eu* e as expectativas sociais. A partir dos princípios fundadores do pensamento de Émile Benveniste, a pesquisa explora a teorização dos pronomes *eu*, *tu* e *ele*, e sua relevância na constituição da subjetividade. A análise avança para discutir como a língua molda e renova a sociedade e estabelece uma conexão entre a teorização de Benveniste e a literatura para que seja possível discutir não apenas o papel da análise linguística na obra literária, como também a discussão filosófica que advém da análise do personagem Meursault, que coloca em cena os conceitos de absurdo e revolta, pontos filosóficos sobre a existência humana discutidos por Albert Camus em *O mito de Sísifo* (1942) e *O homem revoltado* (1951). A discussão se apoia na ideia de reversibilidade entre *eu* e *tu*, que autentica a posição de sujeito, na enunciação, como meio pelo qual a língua se transforma em discurso. Este estudo contribui para uma compreensão mais profunda da linguagem como mediadora da realidade e do sujeito, e como a análise pronominal pode abrir novas perspectivas nos campos literário e filosófico.

Palavras-chave: subjetividade; experiência humana; intersubjetividade; *O Estrangeiro*; linguagem.

Abstract

SILVA, André Rodrigues da. **The pronominal triad in Albert Camus' *The Stranger***: an intersection between language, philosophy, and literature studies. advisor: Prof. Dr. Daiane Neumann. 2024. 139 f. Doctoral Thesis (Ph.D. in Language) – Graduate Program in Letters– Text, Discourse, and Social Relations Research Line, Federal University of Pelotas, 2024.

This thesis explores a pronominal discussion at the intersection of linguistic, literary, and philosophical studies, focusing on pronouns and their implications for subjectivity and human experience. Analyzing language from Émile Benveniste's perspective means addressing the subject, their subjectivity, and their relationship with the world. Drawing on theorists relevant to the pronominal triad and the notions of subjectivity and human experience, such as Benveniste (2005; 2006) and Dufour (2000), this research establishes a foundation for theorizing pronominal studies across different fields of knowledge. The dissertation argues that analyzing linguistic markers paves the way for literary and philosophical debates on the subject, the world, and the (lack of) otherness. Investigating pronouns in a literary context also entails investigating the human being, their anxieties, and their relationship with reality and death, as human experience is always mediated by language. Specifically, this dissertation examines the intersubjective process of *I* (first person) and *you* (second person) in Albert Camus' *The Stranger* (1942), as well as the role of *he* (third person) through the main character, Meursault. The character-narrator constructs his narrative by alternating between monologue and dialogue, reflecting different dimensions of his relationship with the world. This dynamic seeks to highlight, within this study, the tension between the *I* and societal expectations. Grounded in the founding principles of Émile Benveniste's thought, this research explores the theorization of the pronouns *I*, *you*, and *he*, emphasizing their relevance in the constitution of subjectivity. The analysis further investigates how language shapes and renews society, establishing a connection between Benveniste's theorization and literature to discuss not only the role of linguistic analysis in literary works but also the philosophical discussion emerging from the analysis of Meursault's character. His portrayal stages the concepts of the absurd and revolt—philosophical themes on human existence discussed by Albert Camus in *The Myth of Sisyphus* (1942) and *The Rebel* (1951). The discussion is supported by the idea of reversibility between *I* and *you*, which legitimizes the subject's position in enunciation as the means through which language becomes discourse. This study contributes to a deeper understanding of language as a mediator of reality and subjectivity and demonstrates how pronominal analysis can open new perspectives in literary and philosophical fields.

Keywords: subjectivity; human experience; intersubjectivity; *The Stranger*; language.

Sumário

INTRODUÇÃO	12
1 – OS PRINCÍPIOS FUNDADORES DO PENSAMENTO BENVENISTIANO	26
1.1 O <i>eu</i> , <i>tu</i> e <i>ele</i> na teorização benvenistiana	28
1.2 A teorização pronominal no campo da subjetividade em Benveniste	33
1.3 A língua que rege, orienta e renova a sociedade	37
1.4 O fio condutor a partir de Benveniste para a literatura	42
1.4.1 A dupla significância da língua e a metassemântica	42
1.4.2 A subjetividade e o papel dos pronomes na construção literária	47
2 - O ANIQUILAMENTO DO <i>ELE</i>: A REPRESENTAÇÃO DA AUSÊNCIA	60
2.1 A discussão pronominal em Dufour: o ausente presentificado	62
2.2 O binário e o trinitário para Dufour	67
2.3 “Do fundo do meu futuro”: o jogo pronominal em <i>O Estrangeiro</i> ...	70
2.4 “A inquietude nasce do coração dos vivos”: o ausente presente em <i>O Estrangeiro</i>	83
2.5 “Reduziam-me a zero e, de certa forma, substituíam-me”: o aniquilamento de Meursault	93
3 - A FILOSOFIA CAMUSIANA E OS ESTUDOS DE LINGUAGEM: INTERSECÇÕES	106
3.1 “Assassinato e violência já são doutrinas”: o absurdo e a revolta para Camus	110
3.2 Meursault: a existência absurda	114
3.3 Meursault: a existência da revolta	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
REFERÊNCIAS	135

INTRODUÇÃO

Nesta tese, proponho-me a analisar como a reflexão em torno das marcas linguísticas permite atravessar frestas e alcançar uma reflexão linguística, literária e filosófica acerca do sujeito, bem como de sua relação com a sociedade, tomando a linguagem como constituidora da sociedade. Partindo das contribuições de Émile Benveniste, especialmente do *texto Da subjetividade na linguagem* (1958), busco explorar de que maneira a intersubjetividade é fundamental para a constituição do sujeito em Benveniste, no interior da instância discursiva. Benveniste foi um linguista que estabeleceu, em seus estudos, fundamentos-chave e basilares para os estudos da subjetividade e da enunciação, sobretudo em suas aulas no *Collège de France*, onde situou-se no desenvolvimento de análises acerca da linguagem, tomando-a em sua estreita relação com a experiência humana e a sociedade, introduzindo ideais que foram fundamentais para a discussão sobre os pronomes na constituição do sujeito. A teorização de Benveniste é relevante por oferecer um arcabouço teórico que conecta linguagem e experiência, o que permite analisar como os processos enunciativos moldam relações entre o *eu*, o *tu* e o *ele*, fornecendo bases para compreender como a linguagem constitui as relações humanas.

Meu objetivo é demonstrar que essa construção de sentidos não se finda, não é estática e está em constante devir, ocorrendo de maneira dinâmica e se renovando continuamente pela experiência pronominal. Além disso, busco amparo no texto *Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística* (1963), no qual o linguista afirma que "a realidade é produzida novamente por intermédio da linguagem" (Benveniste, 2005, p. 26), para evidenciar que a linguagem não apenas está no mundo, mas o reconstrói a cada ato enunciativo.

A partir da perspectiva apontada acima, a tese tem como pontos centrais de discussão a alternância pronominal e sua relação com a constituição do sujeito; o papel da linguagem enquanto mediadora entre experiência e realidade/ e como essas questões encontram ressonância com a obra de Camus, *O Estrangeiro* (1942), permitindo o diálogo de abertura para os problemas filosóficos que a obra suscita, através das interrogações respondidas pelas análises linguísticas realizadas. Especificamente, pretende-se examinar como a

enunciação revela as relações intersubjetivas e estrutura o discurso do narrador Meursault, levando em conta a dinâmica da tríade pronominal, conforme descrita por Benveniste (2005; 2006) e teorizada por Dufour (2000). Dessa maneira, espero contribuir para uma análise mais detalhada da relação entre os estudos de linguagem, subjetividade e sociedade também na literatura, apontando novos caminhos de leitura da obra de Camus.

Ademais, este trabalho parte de uma discussão pronominal que compete aos estudos linguísticos, literários e filosóficos. Discutir linguagem, tomando como base Benveniste (2005; 2006), é adentrar à discussão sobre o sujeito, sua subjetividade e a sua relação com o mundo. Com a compreensão sobre uma representação de sujeito, a partir dos teóricos que aqui serão abordados, possibilita-se uma construção de uma base para a teorização sobre esse estudo pronominal dentro dos outros campos do conhecimento. Ademais, parto da noção de sujeito apresentada por Dessons (2006), a partir da teorização acerca da enunciação de Benveniste para conceituar a “noção de sujeito”. Dessons (2006) destaca que a teoria da enunciação coloca a subjetividade no centro, o que possibilita que se pense noções como de “subjetivação” e de “sujeito”. O autor faz menção ao “sujeito da enunciação”, que implica não apenas o locutor ou o indivíduo que fala, mas o sujeito que emerge do processo discursivo.

Na seção *le sujet introuvable*, Dessons (2006) afirma que o sujeito está sempre em constante evanescência, ou seja, embora o sujeito seja uma parte central da enunciação, ele nunca é completamente capturado / definido, pois está intrinsecamente vinculado à atividade da fala e à subjetividade. O sujeito, portanto, transcende os processos nos quais está envolvido e se revela de maneira evanescente no discurso. O sujeito, a partir da leitura de Dessons (2006), é fragmentado, marcado por rupturas e descontinuidades, estando sempre no limiar entre presença e ausência.

O prefixo *re* significa, aqui, portanto, o “acontecimento reproduzido” (2005, p. 26), ou seja, é partir da troca, do diálogo, que os indivíduos recriam a realidade, os instantes se tornam outros tempos, e o presente se esvanece a cada instante por via dessa renovação daquilo que se diz, daquilo que se disse em algum momento e modificando o que se pode dizer posteriormente. Ainda nessa seção do texto de 1963, Benveniste propõe que “a linguagem reproduz o

mundo, mas submetendo-o à sua própria organização” (2005, p. 26)¹. Essa citação é ponto chave para discutirmos sobre o papel dos pronomes na sociedade, partindo de uma indissociabilidade de forma e sentido, língua e linguagem, e possibilitando um estudo mais ampliado sobre as estruturas que compõem a língua e a sociedade, com estas estando sempre atreladas à constituição dos sujeitos de linguagem.

Discutir sobre os pronomes, enquanto abertura para o seu encontro com a obra literária, é também discutir sobre o humano, suas angústias, sobre a sua relação consigo e com o entorno, e sobre a morte. Nesse sentido, a linguagem também é efeito, na medida em que é a responsável pelo devir dos sujeitos, da sociedade, da cultura. A discussão sobre os pronomes, que é realizada neste trabalho, parte da teorização feita por Émile Benveniste. Aqui apresento uma construção do pensamento sobre os pronomes a partir da linha cronológica de publicação do linguista em seus livros *Problemas de Linguística Geral I* e *Problemas de Linguística Geral II*.

O interesse de Benveniste pelo literário é bastante presente em sua obra, conforme já foi destacado por diferentes pesquisadoras, tais como Laplantine (2008) e Vier (2016a e 2016b). É emblemático, assim, que, em entrevista a Guy Dumur no ano de 1968, Benveniste manifesta que a linguagem poética interessa “imensamente” (Benveniste, 2006, p.37) para o linguista. No mesmo questionamento de Dumur, entretanto, Benveniste afirma que ainda era muito cedo para apresentar definições sobre os métodos empregados para uma análise do objeto. Porém, há muitos trabalhos de pesquisadores ancorados na obra benvenistiana que auxiliaram e auxiliam na construção desse percurso sobre língua e literatura².

¹ Segundo Neumann (2016), em sua tese de doutorado *Em busca de uma poética da voz*, “Em Benveniste 2005d, p. 26, consta como tradução dessa passagem “reproduz a realidade”. No entanto, deve-se atentar para o fato de que a tradução não só “apaga” o destaque dado ao prefixo “re”, no texto original, como também não opta pelo uso de itálico. Dessa forma, negligencia o valor crítico de tal morfema na obra do linguista. De acordo com Dessons (2006, apud Neumann, 2016), glosado pela locução “à nouveau” (novamente), o prefixo “re” passa a portar dois valores, de iteração e de invenção. Proponho que se traduza tal passagem da seguinte maneira: *re-produz a realidade*” (Neumann, 2016, 42).

² Trabalhos como *Émile Benveniste: a linguística no limiar da literatura* (2016), de Fabrício Souza, *A linguagem e a vida: reflexões acerca de língua e literatura* (2018), de Daiane Neumann, *Enunciação e literatura: contribuições da teoria da linguagem e do estudo dos pronomes de Émile Benveniste* (2016), de Juciane Cavalheiro e “*Os perfumes, as cores e os sons se correspondem*”: *Benveniste e a busca pela imagem criativa em Baudelaire* (2018), de Sabrina Vier, são alguns trabalhos que estão ancorados na intersecção língua e literatura.

A base metodológica deste trabalho é justamente composta por um traçado cronológico de textos de Benveniste que esclarecem e elucidam questões de linguagem que podem ser deslocadas para o campo do literário. Textos, como: *Estrutura das relações de pessoa no verbo* (1946), *A natureza dos pronomes* (1956), *Da subjetividade na linguagem* (1958), *Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística* (1963), *A linguagem e a experiência humana* (1965), *Estrutura da língua e estrutura da sociedade* (1968), *Semiologia da língua* (1969) e *O aparelho formal da enunciação* (1970). Estes textos compõem o que podemos chamar de: **princípios fundadores do pensamento benvenistiano**. Esses princípios potencializam a interface entre língua e literatura, para uma abertura de análise em obras literárias.

Com isso, pavimentarei um caminho para os estudos em textos de pesquisadores(as) que tratam da abertura para a literatura a partir da teoria benvenistiana. Buscarei, portanto, articular uma discussão sobre linguagem a partir da subjetividade e a sua organização pronominal (o *eu* que fala para um *tu* e se opõe a um *ele*), sabendo que³,

a linguagem reproduz a realidade. Isso deve entender-se da maneira mais literal: a realidade é produzida novamente por intermédio da linguagem. Aquele que fala faz renascer pelo seu discurso o acontecimento e a sua experiência do acontecimento (Benveniste, 2005, p. 26).

Logo, pretendo discutir como podemos compreender o processo intersubjetivo do *eu* (1ª pessoa) e do *tu* (2ª pessoa) na obra literária, *O Estrangeiro* (1942) de Albert Camus, assim como o papel do *ele* (3ª pessoa), a partir da personagem principal, Meursault. Tendo em vista o conceito de reversibilidade entre o *eu* e o *tu*, segundo o qual “pela reversibilidade, garantimos um lugar simbólico, autenticamos nossa posição de sujeito” (Cavalheiro, 2005, p. 81), busca-se entender as nuances desse processo no plano literário. Esse processo de enunciação reflete como “a língua se precipita em discurso” (Dufour, 2000, p. 72). Em *O Estrangeiro*, a alternância pronominal emerge do início ao fim da obra, abrindo caminhos para análises sobre o sujeito e o seu entorno. As alternâncias pronominais no romance serão exploradas para dar concretude a

³ Ver discussão acerca da tradução do prefixo *re-*, conforme nota 1.

novas leituras e possibilidades de significação sobre a obra em questão, algo que permite que seja possível identificar outras constatações urgentes na análise do livro camusiano.

Na tese, é possível que sejam vistas três instâncias de *eu* que emergem na obra de Camus, que evidenciam a estratégia narrativa, especialmente ancorada no uso pronominal. Na narrativa, será possível ver Meursault como o eu enunciador, relatando eventos e refletindo sobre essas relações a partir de uma posição de personagem, ou seja, trata-se de um personagem-narrador. Esse eu da narrativa se diferencia pela introspecção em certos momentos, permitindo que a história seja contada e constituída pela ótica do personagem. Benveniste identifica esse papel do eu como posição central na enunciação, pois Meursault se define e organiza sua relação com o mundo ao seu redor.

Nos diálogos, no entanto, o personagem-narrador, coloca-se em cena diante de outros personagens, quando se possibilita na narrativa que seja deslocado para o papel de *e/e*, e nesses momentos é possível identificar vestígios de sua marginalização, momento em que sua existência passar a ser debatida e julgada. Essa transição para o *e/e* coloca em cena a situação de menosprezo a que é relegada o personagem, conforme será discutido a partir de Benveniste (2005; 2006), no capítulo 2 deste trabalho, quando a posição de reversibilidade *lhe* é tolhida.

No que condiz ao balanço sobre a interação entre as duas outras instâncias, há uma interface entre esses dois polos: o personagem-narrador que reconhece seu distanciamento em relação ao tu e ao ele que compõem esse tecido social e cultural. Esse eu mediador procura se situar em uma relação com um mundo que o circunda, mesmo com normas e diálogos que parecem excluí-lo. Por meio dessas estratégias, será possível ver o *eu* de Meursault se moldando diante das relações de alteridade, destacando, com isso, expectativas impostas pela sociedade. Sob a luz benvenistiana, as mudanças entre *eu*, *tu* e *e/e* não apenas darão embasamento para a análise do livro, mas possibilitarão revelar complexidades da experiência humana e o papel da linguagem como mediadora das experiências que ali estão sendo colocadas a partir dos jogos pronominais, especialmente nos diálogos.

Sobre Camus, é oportuno dizer que o filósofo nasceu em 1913, em Mondovi, na Argélia, em um ambiente ligado à pobreza e às tensões coloniais

que envolveram os povos franceses e argelinos. Nessa tensão, a Argélia, enquanto colônia francesa, desempenhou um papel significativo nas obras de Camus, assim como em sua vida, sendo o cenário de sua obra mais conhecida, *O Estrangeiro*. Publicado no ano de 1942, o romance faz parte do ciclo do absurdo, primeiro conceito filosófico de maior fôlego do autor, e reflete preocupações filosóficas de Camus sobre a ausência de sentido no mundo. No entanto, Camus não se limitou à filosofia do absurdo, pois para falar sobre a condição do sujeito absurdo, era preciso explorar como se dá a constituição dessa existência absurda no mundo, e Camus chamou a esse segundo movimento de revolta.

O Estrangeiro se insere nas teorizações camusianas, ao examinar Meursault, um personagem-narrador que interage com um mundo indiferente, levantando questões sobre moralidade, alienação, falta de alteridade e busca de sentido. A obra transcende seu tempo, pois dialoga com os leitores contemporâneos sobre os temas existenciais e sociais, que competem não só à filosofia, mas também a debates utilizados nesta tese, como o de outro filósofo, Dany-Robert Dufour.

É oportuno lembrar que, segundo Dufour, através de Benveniste, é que podemos ver o homem na língua, pois “o prisma formado pelo conjunto *eu, tu* e *e/le* funciona, de certa maneira, como um dispositivo no interior da língua, que inscreve sempre em seus lugares os alocutários” (Dufour, 2000, p. 69). Os lugares inscritos pelo texto se alternam e possibilitam caminhos para que se possam identificar os efeitos de sentido advindos das alternâncias pronominais, as ações reversíveis das marcas e os efeitos da transitividade pronominal entre os personagens. Meursault desempenha um papel duplo: ele é tanto o protagonista, vivendo os eventos narrados, quanto o narrador, relatando esses eventos a partir de sua perspectiva pessoal. Aquele que antes convocava para a ação, será convocado cada vez menos para o diálogo.

Meursault adota uma postura de distanciamento em relação aos acontecimentos ao seu redor, sem responder de maneira esperada a situações socialmente consideradas significativas, como a morte de sua mãe ou seu próprio julgamento. Esse comportamento levanta reflexões sobre a existência e a possibilidade de um sentido ou propósito maior na vida, considerando que o personagem, mesmo com uma atitude que pode parecer introspectiva, expressa

seus sentimentos, ainda que eles sejam marcados por apatia ou mal interpretados.

Camus utiliza a narrativa de Meursault para explorar o conceito de "absurdo", a ideia de que a vida é intrinsecamente desprovida de sentido, e qualquer tentativa de encontrar um propósito racional é inútil. Um outro ponto que emerge na obra e faz com que seja possível realizarmos uma intersecção entre os estudos filosóficos e literários, por exemplo, como a moralidade e as convenções sociais estão intrinsecamente conectadas às noções de liberdade e autenticidade. Sua dificuldade em demonstrar tristeza no funeral de sua mãe desafia o que é esperado socialmente, o que acaba por sugerir uma forma de estar no mundo menos alinhada às convenções e mais voltada às suas próprias percepções. Essas atitudes colocam em evidência uma abordagem existencial e cotidiana que se desvia de uma normatização, questionando até que ponto as emoções e comportamentos "adequados" são espontâneos ou meramente conformidade. Viver conforme suas inclinações imediatas, portanto, levanta questionamentos na obra, sugerindo uma sociedade que estabelece regras e sanções para aqueles que, como Meursault, se posicionam fora do comportamento padrão. Logo, os motivos que levam Meursault à sua ausentificação, conseqüentemente, vão evocar novas maneiras de discutir sobre esses questionamentos elencados acima.

Antes de adentrarmos aos estudos benvenistianos, é preciso iniciar este trabalho deixando esclarecido que é impossível tratarmos de análise em uma obra literária a partir dos estudos de linguagem sem discorrermos, anteriormente, sobre a base que constitui essa discussão. Trabalhar com análise requer um estudo de base, sendo aqui essencialmente proposto pela base benvenistiana para que se possa, passo a passo, adentrar aos teóricos que permeiam as discussões sobre língua e literatura a partir do que Émile Benveniste projetou em suas duas principais obras supracitadas. Ademais, para além das aberturas que Benveniste traz, descrevo aqui os anseios que me levam para a realização da pesquisa que escolhi para o meu trajeto no doutorado em "Texto, discurso e relações sociais", no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas.

Começo justificando, em primeiro lugar, a relação importante entre língua e literatura. Segundo Laplantine, em entrevista a Flores e Teixeira, no ano de

2013, intitulada *Émile Benveniste: em direção a uma poética do discurso*, Benveniste, no *Dossiê Baudelaire*, faz uma teoria da linguagem. A entrevistada disserta sobre a maneira pela qual o linguista enxerga a literatura a partir da análise da obra de Baudelaire. Diante disso, diz que “É a literatura enquanto experiência (inter)subjetivante e atividade crítica da linguagem que interessa Benveniste” (Laplantine, 2013, p. 223) e complementa: “É isso que reaparece nas notas sobre Baudelaire. O poema e, justamente, o poema de Baudelaire, renova a experiência e, ao mesmo tempo, a língua” (Laplantine, 2013, p. 223).

A literatura, considerada através da análise feita pelo viés linguístico, é a constatação da indissociabilidade entre a língua e a literatura, e a maneira pela qual podemos começar a pensar sobre essa relação se dá via o ato enunciativo. O sujeito toma seu lugar no e pelo ato enunciativo através do discurso e se encontra com o(s) outro(s) na e pela cultura, podendo assim, até mesmo, subverter o seu meio. São nesses espaços coletivos, de sociabilidade, que a subversão pode se estabelecer via marcas pronominais. O distanciamento daquele que é evocado através da relação entre outros dois pronomes, o *eu* e o *tu*, denota afastamentos, apagamentos, negligências, dentre outros sintomas daquele ausente *re-presentado* na instância discursiva de *eu* e *tu*. E encontramos isso claramente na obra literária. É dessa forma, também, que encontro o meu interesse na pesquisa, trazendo sua importância à luz para a construção teórica da e na pesquisa acadêmica. Ao nos dedicarmos aos estudos da linguagem, é fundamental lembrar que o ato enunciativo só pode ser sustentado por uma teoria linguística, e seu exame nos permite estabelecer uma conexão com a literatura.

A forma como percebo a importância de Benveniste tanto para a construção deste trabalho, quanto para a análise que se seguirá é descrita por Dufour (2000), para quem esse linguista mantém em seu texto a firmeza teórica no trânsito entre as ciências, a saber, a Filosofia e a Linguística, pois, para o filósofo, o texto de Benveniste “não cede nada às banalidades filosóficas, como também não se perde nas derivas linguísticas hiper tecnicistas, tão cômodas para recalcar o lado ao mesmo tempo trivial e pungente da tomada dos corpos na língua” (Dufour, 2000, p. 70). É nessa parte do texto de Dufour, inclusive, que uma nova abertura para a teorização advinda de Benveniste ganha uma outra

roupagem,

Foi em torno de duas relações que se organizou a famosa "V parte" dos *Problemas de linguística geral*; todos os desenvolvimentos- quer se refiram à temporalidade, quer ao espaço de simbolização e de comunicação - são, de fato, derivados de duas fórmulas, e apenas duas: "é *eu* quem diz *eu*" e "*eu*" não é nem "*tu*" nem "*ele*". Elas constituem, de certa maneira, os axiomas da análise. Mas, embora formem o esqueleto de sua análise, Benveniste não disserta sobre a forma particular desses axiomas: uma ou duas ocorrências isoladas do termo "auto-referencial", a propósito do "*eu*" e dos dêiticos; nenhuma notação a propósito da forma trinitária da segunda relação - como se essas definições fossem tão evidentes que não tivessem necessidade alguma de ser desenvolvidas ou mesmo nomeadas. Ora, precisamente, todas as questões estão aí: em que lógica, em que axiomática - até mesmo, em que axiologia - essas definições vão nos instalar, de imediato? Em que essas duas definições são suficientes para descrever completamente nosso espaço simbólico? (Dufour, 2000, p. 70-71).

Dufour eleva a discussão pronominal. Partindo da teorização binária para a trinitária, outras possibilidades de abertura são resgatadas aqui: "Uma relação de três termos" (2000, p. 72), como diz Dufour. Ao longo do trabalho, a discussão pronominal em Dufour será importante para que se possa adentrar outros campos do conhecimento.

As prerrogativas lançadas acima denotam os meus anseios de pesquisa e fazem com que, nesta tese de doutorado, pense e discuta, portanto, sobre o olhar diante das discussões de linguagem a partir da proposta de análise na literatura, através da língua em discurso, em meio a sua transformação ao ato de enunciar. Com isso, utilizo deste horizonte para guinar as problemáticas levantadas aqui. A proposta de estudo abraça alguns campos do conhecimento, como a filosofia e a literatura, como mencionei anteriormente, fazendo com que se possa dar novos direcionamentos para trabalhos que se interessem pela vertente de um estudo transdisciplinar, ou seja, a realização de intersecções entre estudos que se tornam possíveis a partir de um ponto base e que abrem caminho para outras construções de análise, sempre nova, produzindo novos sentidos através da relação pronominal.

Já quanto ao objeto de análise mencionado anteriormente, a obra *O Estrangeiro*, de Albert Camus, terminada em 1940 e lançada em 1942, utilizo-a

como objeto de estudo, pois encontro possibilidades de análises frente ao pensamento dos pronomes e uma discussão sobre a subjetividade como concebida por Benveniste, sobretudo da personagem principal, Meursault. A proposta foi pensada através da problemática sobre o lugar do sujeito no discurso que o texto levanta, permitindo o entrelace com a linguística e a literatura em meio às prerrogativas sobre a *pessoa* e a *não-pessoa* nos estudos linguísticos.

Trabalhos como de Emanuel Germano, *O pensamento dos limites: contingência e engajamento em Albert Camus* (2007), Samara Geske, *Do universo privado ao espaço aberto, do espaço aberto ao universo privado: recepção e genese de L'etranger de Albert Camus* (2009) e *O avesso e o direito da escritura: a relação entre literatura e filosofia em L'étranger e Le mythe de Sisyphe de Albert Camus* (2012), Manuel da Costa Pinto, *Albert Camus, um elogio do ensaio* (1998), Gilles Abes, *Traduzir O Estrangeiro, de Albert Camus: pensar a luz estrangeira na literatura em prosa* (2018) e Mariza Galvão, *Aspectos fronteiriços do reconhecimento na obra "O Estrangeiro" de Camus* (2017) destacam aspectos centrais da obra, como o engajamento do personagem-narrador e o cenário que o cerca, revelando nuances que sustentam sua construção de identidade e alteridade.

Estes trabalhos citados acima são de grande valia dentro do campo dos estudos literários e filosóficos, pois colocam a obra como um marco do conceito do absurdo de Camus. A narrativa da obra é caracterizada por um estilo direto e objetivo, onde Camus utiliza a linguagem de forma precisa para refletir as sensações de Meursault. Além disso, a incapacidade do protagonista em se ajustar ao que a sociedade espera dele constitui tema de pertencimento e construção de identidade no contexto social. Sobre o social, embora a obra de passe na Argélia, trata a população árabe de forma anônima e distante. Mais tarde, inclusive, essa ausência foi revisitada por críticos pós-coloniais⁴ que interpretaram o romance como uma metáfora do silêncio colonial, gerando

⁴ Cabe mencionar dois trabalhos importantes sobre este tema, caso haja interesse. O primeiro é um livro chamado *O caso Meursault* (2013), escrito por Kamel Daoud, que reconta a obra de Camus sob o ponto de vista do irmão do árabe assassinado. O outro trabalho se trata de um artigo científico chamado *O Caso Meursault, de Kamel Daoud: do silêncio canônico à enunciação pós-colonial* (2018), escrito por Cleide Oliveira e Sebastião Lopes, e propõe analisar o romance de Daoud enquanto apropriação pós-colonial de *O Estrangeiro*, de Camus.

debates importantes sobre a representação do "outro" e a identidade. A leitura pós-colonial ajudou a expandir a análise da obra, sobretudo quanto aos estudos de identidade e alteridade na literatura.

Em *O Estrangeiro*, temos uma alternância clara quanto aos pronomes na obra. Meursault, após perder a mãe, passa a seguir seu percurso da maneira que considera ser a melhor, indo ao cinema, mantendo relações amorosas e estabelecendo relações de amizades. Após cometer um assassinato no final da primeira parte, o personagem-narrador passa a ser julgado não pelo assassinato, mas por ter sido "indiferente" à morte da mãe. Ao longo da obra irei, portanto, identificar esses sintomas e como a sociedade, aos olhos de Meursault, normalizou costumes e o criminalizou pelo seu entendimento e compreensão da vida, assim como da morte. É em *O Estrangeiro*, mais especificamente na segunda parte da obra, que vemos em Meursault o contraste entre aquilo que somos e aquilo que podemos ser, dos momentos que procuramos colocar em evidência a nossa subjetividade e quando – e quanto - é tolhida a nossa possibilidade de fala.

Além de Dufour (2000), irei resgatar o trabalho de Juciane Cavalheiro, mais especificamente sua dissertação de mestrado intitulada *O espaço ficcional e a experiência subjetiva: uma análise enunciativa de A Metamorfose (2005)*, a fim de dar continuidade à discussão sobre língua e literatura. Assim, julgo necessário o ponto de partida os estudos de Cavalheiro para a ampliação dos estudos de língua e literatura. Além disso, utilizo o texto de Cavalheiro (2005), discutindo-o e resgatando-o neste trabalho, como alicerce para as minhas indagações e motivações. Conforme a autora:

Quero destacar o importante papel desempenhado pela narrativa de ficção como resposta ao sujeito de fazer-se ouvir a partir de uma diferença que precisa do outro para se autorizar como singularidade (2005, p. 32).

A citação acima corrobora com passagens da obra que irei utilizar, como, por exemplo “- mas a mim parecia-me que me afastavam ainda mais do caso, reduziam-me a zero e, de certa forma, substituíam-me” (p. 95) e “– nem sequer tinha certeza de estar vivo, já que vivia como um morto. Eu parecia ter as mãos vazias. Mas estava certo de mim mesmo” (p. 108). Essa transição pronominal que vemos na obra, ora como sujeito atuante no discurso, ora distante e/ou

deslocado, será o mote para que possa ser analisada a obra sob o olhar da análise da tríade pronominal.

A fim de responder as minhas prerrogativas através do que a seguir, no meu trabalho, será dissertado, elencarei abaixo o caminho que será realizado pelos capítulos para chegar não em uma conclusão, mas em novas aberturas para os estudos de análise no que compete às marcas linguísticas e ao efeito dessas marcas no texto, assim como na organização social.

No capítulo I, intitulado *Os princípios fundadores do pensamento benvenistiano*, constituirei um fio condutor da teoria de Émile Benveniste, procurando validar os meus anseios de pesquisa, partindo da teoria pronominal do autor e procurando, com isso, abrir portas de análise que se desenvolvem diante dos princípios que fundamentam a teoria de Benveniste para uma análise na obra literária. Ademais, serão esses princípios que irão servir como base do que virá a seguir. Para que eu possa chegar em uma discussão aprofundada sobre o sujeito, subjetividade, intersubjetividade e, conseqüentemente, sua relação com seu entorno, a teoria de Benveniste dá bases solidificadas que ganharão um peso muito maior quando colocas em diálogos com trabalhos de teóricos que partiram de Benveniste e propuseram aberturas. Portanto, mostrar o fio condutor de Benveniste para a literatura abre uma discussão ainda maior quando podemos resgatar autores e autoras que debatem sobre, principalmente, os pronomes em Benveniste⁵. Um caminho será percorrido aqui, na constituição dessa alternância pronominal, do que se presentifica e do que se ausentifica.

No capítulo II, intitulado *O aniquilamento do ele – a representação da ausência*, aquele que é ausentificado virá à tona. Fazer um percurso sobre o estudo pronominal em Benveniste é buscar a validação da discussão para o meu anseio de pesquisa, porém Benveniste abre margens que serão discutidas por outros estudiosos. O *ele*, na instância discursiva de *eu-tu*, é o presente ausente, aquele que foge da transitividade das duas primeiras pessoas mas que, ao mesmo tempo, possui valor. O *ele*, portanto, pode fazer referência a alguém, alguma coisa, um evento, um objeto. O caminho percorrido pelo pronome *ele*, a partir da análise do personagem-narrador na obra, instiga diversas possibilidades de estudo. O pronome *ele*, no contexto da obra de Camus, é

⁵ Atento para os trabalhos vinculados ao Dany-Robert Dufour e Juciane Cavalheiro.

aquele colocado à margem, e tal perspectiva teórica visa a render frutos prósperos para estudos futuros, sobretudo quando pensarmos nessa marca na análise no cotidiano da nossa existência. Em meio aos desdobramentos sobre o *ele*, inicio a análise considerando o personagem-narrador em *O Estrangeiro*. Assim, Meursault pode ser explorado tanto como aquele que propõe o diálogo ou para quem o diálogo é direcionado, quanto como uma pessoa de quem se fala, que se revela através do *ele*, seja como ausência representada ou presença indireta. Essas perspectivas permitem novas aberturas para examinar o personagem, além das suas dinâmicas de intersubjetividade ao longo da obra, o que deixa espaços para múltiplas interpretações.

Por fim, no último capítulo, irei me debruçar sobre o todo do texto que se interliga para uma discussão sobre sujeito, existência e morte. Por isso, irei adentrar aos conhecimentos filosóficos para a construção desse caminho, procurando identificar as relações dos pronomes, sobretudo do *ele*, com as linhas de pensamento do filósofo Albert Camus, no que compete aos conceitos das teorias filosóficas do absurdo e da revolta.

Ao final desta tese, não deixarei de abordar como esta pesquisa, através do meu caminho traçado até então, demonstra uma abertura a partir do que foi deixado por linguistas e entusiastas dos estudos de linguagem para pesquisas futuras. Quando colocamos a língua em atividade, a partir de sua utilização no discurso, estamos colocando em exercício o dispositivo pronominal. Para que haja a ação através da língua e para que ela sempre seja uma realização na linguagem, é preciso que haja, como Dufour (2000) propõe, a inversibilidade entre um *eu* e um *tu*. Ademais, se esse dispositivo é lugar da realização através da comunicação intersubjetiva, esta também nos faz pensar sobre os papéis que fazem parte dessa atividade intersubjetiva.

Faz-se necessário considerar as iniciativas que incentivam esta pesquisa e orientam sua metodologia, baseando-se no desenvolvimento de leituras do pensamento de Benveniste. Ao trazer conceitos de língua e subjetividade para o campo literário, pretendo explorar como as teorizações pronominais, de Benveniste (2005, 2006) e Dufour (2000) iluminam a relação entre linguagem e sociedade, ampliando as possibilidades de análises no meu objeto de estudo. No primeiro capítulo, discutirei os princípios fundadores do pensamento benvenistiano, abordando a transitividade dos pronomes eu, tu e ele na

construção da subjetividade e suas implicações para uma compreensão da língua enquanto estruturadora da experiência humana e social. O percurso teórico feito aqui servirá como fio condutor, abrindo espaços para uma análise interdisciplinar que atravessa a linguagem, a literatura e a filosofia.

1 – OS PRINCÍPIOS FUNDADORES DO PENSAMENTO BENVENISTIANO

De fato é dentro da, e pela, língua que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente. O homem sentiu sempre – e os poetas frequentemente cantaram – o poder fundador da linguagem, que instaura uma realidade imaginária, anima as coisas inertes, faz ver o que ainda não existe, traz de volta o que desapareceu (Benveniste, 2005, p. 27).

Neste capítulo elegerei, de maneira cronológica, como já foi apresentado na introdução, os textos de Benveniste que auxiliam na construção da teorização proposta nesta tese. Os princípios fundadores serão utilizados para uma construção teórica do pensamento, com foco na discussão pronominal, para a análise literária. Mostrarei, portanto, como Émile Benveniste sustenta, a partir dessa metodologia, os meus anseios de pesquisa. Após a discussão proposta por Benveniste, apresentarei, na sua continuidade, como se desenrola a proposta de Dufour. Será na seção 1.4 que irei adentrar mais especificamente na teorização advinda de Dufour, através da abertura deixada por Benveniste sobre, principalmente, o *e/le* na discussão pronominal.

O caminho escolhido para esta análise se justifica pelas pesquisas que realizei em textos que atendem aos meus objetivos e anseios. Durante a imersão nas leituras selecionadas para a construção desta tese, percebi a existência de diferentes perspectivas para discutir "língua e literatura". No entanto, a proposta adotada aqui busca corresponder às demandas específicas da análise de *O Estrangeiro*, de Albert Camus, com base na teorização pronominal.

Nessa delimitação do meu percurso teórico, não posso deixar de mencionar como um dos pontos de partida o texto *Benveniste: um talvez terceiro gesto?* (2004), de Marlene Teixeira. Entendo que este texto é um material que auxilia na sustentação e na consistência do que proponho aqui. Por mais que o ponto de partida seja Benveniste e a sua discussão pronominal, Teixeira (2004) traz não só a teorização advinda de Benveniste, mas também lança luz acerca

do binário / trinitário de Dany-Robert Dufour, através da obra *Os mistérios da trindade*, publicada em 1990 e traduzida para o português em 2000.

É a partir deste texto que se ancora o diálogo, aqui proposto, entre Benveniste e Dufour, a fim de identificar como a discussão pronominal, assim como da subjetividade da linguagem, "abalam alguns dogmas sobre os quais a linguística se edificou" (Teixeira, 2000, p. 108). A pesquisa de identificar as marcas em uma análise não compete somente ao trabalho estritamente linguístico, mas sim sobre qual efeito essas formas vão construir no desenrolar da narrativa, bem como na proposição de temas importantes para a filosofia camusiana, presentes na obra que aqui será analisada. Assim como Teixeira, Dufour, como foi dito anteriormente na introdução, identificou em Benveniste - como o linguista não se prendera nas discussões linguísticas e filosóficas, - o que propulsiona seu trabalho ao diálogo de intersecção com várias áreas do conhecimento.

Seguindo os caminhos de Dufour (2000) e Teixeira (2004), temos também, como base teórica da proposta de tese aqui lançada, Juciane Cavalheiro, mais especificamente em sua dissertação de mestrado intitulada *O espaço ficcional e a experiência subjetiva: uma análise enunciativa de A Metamorfose* (2005). Na análise feita em sua dissertação sobre a obra *A Metamorfose*, de Franz Kafka, a autora abre o campo para o estudo translinguístico e permite que outros pesquisadores analisem o literário a partir dos pressupostos linguísticos, sobretudo naquilo que concerne à discussão sobre o movimento do sujeito na enunciação. Na análise do sujeito a partir do personagem Gregor Samsa, Cavalheiro (2005) destaca o percurso do personagem da obra no espaço enunciativo, bem como a perda de Gregor do lugar na enunciação.

Trabalhos como estes, mencionados acima, só são possíveis por conta do que propõe Benveniste e alguns de seus leitores. Tais questões e temas serão discutidos nas seções abaixo e servirão de base para a análise apresentada nos capítulos 2 e 3.

1.1 O *eu*, *tu* e *ele* na teorização benvenistiana

Benveniste propõe uma travessia que nos leva à teorização acerca da subjetividade e, a partir dessa reflexão, indica que a discussão sobre o homem na língua só é possível porque a “língua reproduz o mundo, mas submetendo-o a sua própria organização” (Benveniste, 2005, p. 26). Essa organização é constituída a partir da reversibilidade entre um *eu* e um *tu*. Dessa forma, produz-se uma nova organização de mundo, através do uso da língua pelo sujeito que enuncia, propondo-se no discurso diante desse outro. Com isso, tem-se na intersubjetividade um ato sempre novo, renovado, e é sobre essa perspectiva da constituição da subjetividade via tríade pronominal, da reversibilidade entre um *eu* e um *tu* em oposição ao *ele*, que posso adentrar em meu trabalho na análise da obra escolhida.

A teorização pronominal proposta por Benveniste perpassa dois planos: as correlações de pessoalidade, em que se tem o *eu-tu* em oposição à não-pessoa, o *ele*, e de subjetividade, na qual temos o *eu* se opondo ao *tu*, pois o *eu* é sempre transcendente ao *não-eu*, no caso o *tu* e, com isso, institui-se a intersubjetividade diante desse *eu* que se propõe como sujeito. Só é possível pensarmos o sujeito na língua porque, segundo Benveniste, “a própria língua revela a diferença profunda entre esses dois planos” (Benveniste, 2005, p. 280). É preciso compreender a manifestação do sujeito no espaço enunciativo a partir do momento em que, através do pronome *eu*, se propõe no discurso como possibilidade de uma passagem desse *eu* em meio à reversibilidade com um *tu*.

A proposta de Émile Benveniste para trabalhar as correlações de pessoa e não-pessoa, bem como da subjetividade, apresenta uma discussão de abertura, sobretudo acerca do que é apresentado inicialmente em 1946, no texto intitulado *Estrutura das relações de pessoa no verbo*, presente no PLG I. A discussão pronominal e a discussão sobre subjetividade estão imbricadas, e, assim como discutiremos aqui, os pronomes revelam a subjetividade na linguagem. Ademais, é Benveniste quem diz que “[a] linguagem é, pois, a possibilidade da subjetividade, pelo fato de conter sempre as formas linguísticas apropriadas à sua expressão”. (Benveniste, 2005, p. 289). O ponto de partida no texto de 1946 possibilita a construção de um caminho acerca da discussão pronominal, como foi dito anteriormente.

Em *Estrutura das relações de pessoa no verbo* (1946), Benveniste parte da prerrogativa de que “há sempre três pessoas e não há senão três” (Benveniste, 2005, p. 248). Tendo em vista o contexto empregado pelos gramáticos árabes, Benveniste constrói seu pensamento a partir da luz que foi evocada diante da discussão desses gramáticos sobre as relações entre as pessoas no verbo. Com isso, o linguista escreve que, para os gramáticos árabes, “a primeira pessoa é *al-mutakallimu*, ‘aquele que fala’; a segunda, *al-muhatabu*, ‘aquele a quem nos dirigimos’; mas a terceira é *al-ya’ibu*, ‘aquele que está ausente’” (2005, p. 250). Benveniste propõe-se a discutir e articular de que maneira cada pessoa se opõe diante do conjunto (*eu-tu/ele*) e de que maneira são fundamentadas as oposições nessa correlação de personalidade, implicando uma discussão sobre subjetividade.

A não-pessoa ou “aquele que está ausente” constitui-se como uma oposição à díade *eu-tu*, ou seja, aquele que é colocado fora da instância discursiva entre o *eu* e o *tu*. A propriedade das pessoas, segundo Benveniste, só é possível quando enunciamos para um outro, tomando para si um lugar nessa instância e propondo-se como sujeito. Sobre essa troca discursiva, o linguista escreve que “‘eu’ e ‘tu’ são inversíveis: o que ‘eu’ define como ‘tu’ se pensa e pode inverter-se em ‘eu’, e ‘eu’ se torna um ‘tu’” (2005, p. 253). Já o *ele*, a não-pessoa, “pode servir de forma de alocação em face de alguém que está presente quando se quer subtrair-lo à esfera pessoal do ‘tu’” (2005, p. 254), como também “em testemunho de menosprezo, para rebaixar aquele que não merece nem mesmo que alguém se dirija ‘pessoalmente’ a ele”. (2005, p. 254). Voltarei a esse ponto mais à frente, pois é a partir do segundo valor do “ele” que a análise irá se focar.

Conforme propõe Benveniste (2005, p. 285), “não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro”. A experiência do sujeito na linguagem não se constrói em meio à ofuscação do sujeito, nem do *eu*, muito menos do *tu*, mas na percepção alteritária e contínua da produção intersubjetiva. O mundo se tece por meio da língua e da linguagem, e não o contrário. Portanto, é na experiência do sujeito, através desse ato de colocar a língua em uso em um processo intersubjetivo na correlação de personalidade, que o *eu* se presentifica nos processos constitutivos de pessoa no discurso.

A discussão sobre os pronomes se alastra ao longo da parte “O homem na língua”, do PLG I, assim como na seção de mesmo nome no PLG II. Diante disso, um outro texto que busca estender a discussão pronominal é um artigo de 1956, denominado *A natureza dos pronomes*. Nesse texto, assim como poderemos ler em outros artigos do PLG I, Benveniste já indicava que a universalidade das formas e classes linguísticas são, antes de mais nada, problemas de linguagem e de língua, o que amplia a discussão acerca da constatação de que o homem está na língua.

Benveniste elucida a subjetividade ao propor que o *eu* se define como pessoa somente no ato enunciativo do discurso, naquele dado momento de fala, pois o seu preenchimento no espaço enunciativo se dá no processo comunicativo entre aquele que fala e aquele com quem se fala. Porém, ao dissertar sobre a identificação como pessoa daquele que diz *eu*, Benveniste está partindo de uma conceitualização da forma, que é tão cara para a constituição de sua teoria pronominal.

Como salientei anteriormente, em *A natureza dos pronomes* (1956), Benveniste afirma que a universalidade das formas e das classes linguísticas são, antes de mais nada, problemas de linguagem, além de problemas de língua. Discorrer sobre a constituição do sujeito pela linguagem é, antes de mais nada, portanto, discutir sobre a maneira pela qual língua e linguagem se implicam concomitantemente na sociedade⁶. Em Benveniste, é possível compreender a língua como um sistema estruturado de regras que possibilita a comunicação dentro de uma comunidade linguística específica. Essas regras são concebidas pelos falantes, aqueles que a utilizam para realizar na enunciação e formam a base para a produção e compreensão de enunciados. Já a linguagem é vista por Benveniste, como uma faculdade do humano, mas também como o ato individual de usar a língua para se expressar, construir cenários sociais, modificar a coletividade e formar coletivos sociais, culturais e familiares, por exemplo. É a realização concreta da língua por meio da fala ou da escrita.

A linguagem se torna, portanto, um uso pessoal e criativo da língua por um ou mais indivíduos em contextos específicos de interlocução, na troca que se realiza através dos pronomes. Temos, portanto, a indissociabilidade entre

⁶ Adiante na tese, irei explicitar o conceito de sociedade e coletividade (seus contrastes e relações, sobretudo a partir da teorização de Benveniste).

língua e linguagem, pois como vemos em *Da subjetividade na linguagem*, a língua é o sistema compartilhado; a linguagem é a expressão individual desse sistema da língua em situações de comunicação. Por fim, para Benveniste, por vezes há uma distinção entre os termos língua e linguagem: a língua significando o domínio semiótico, o sistema de signos; e o segundo a faculdade da linguagem, bem como o uso que cada um faz do sistema. Contudo, por vezes, os termos se confundem, sobretudo quando Benveniste afirma que a língua é o único sistema que contém os domínios semiótico e semântico.

A partir dessa construção da universalidade das formas, Benveniste escreve:

É como fato de linguagem que o apresentaremos aqui, para mostrar que os pronomes não constituem uma classe unitária, mas espécies diferentes segundo o modo de linguagem do qual são os signos. Uns pertencem à sintaxe da língua, outros são característicos daquilo a que chamaremos as “instâncias do discurso” (Benveniste, 2005, p. 277).

O que é da forma e configura as categorias de personalidade se atualiza em meio ao uso da língua pelo locutor. Logo, é necessário considerar a discussão pronominal, pois são os pronomes que definem os espaços dentro da instância discursiva. Para entendermos a constituição do *eu*, do *tu* e do *ele*, é imprescindível pontuar a forma empregada para o seu uso na linguagem, já que,

eu só pode definir-se em termos de ‘locução’, não em termos de objetos, como um signo nominal. *Eu* significa ‘a pessoa que enuncia a presente instância de discurso que contém eu’. Instância única por definição, e válida somente na sua unicidade (Benveniste, 2005, p. 278).

Diante disso, o *eu* pode definir-se como pessoa de discurso somente no ato enunciativo do discurso, naquele dado momento de fala e somente dessa maneira serão preenchidos os “signos vazios”, pois o seu preenchimento se dá no processo comunicativo entre aquele que fala e aquele com quem se fala. A partir disso, o *ele*, a terceira pessoa, é uma posição enunciativa, porém, está colocado como aquele que não fala. Esse *ele* ausente, impossibilitado de dizer sua posição, será trabalhado com mais afinco quando adentrar a teorização proposta pelo Dufour.

Essa abertura diante da discussão pronominal intrínseca ao ato enunciativo no discurso não só testemunha sobre a constituição do sujeito que enuncia, como também anuncia uma abertura no que tange aos estudos de linguagem. Quando Benveniste pensa sobre o processo de constituição do sujeito na linguagem, a discussão pronominal desemboca em reflexões pertinentes à teorização de análise na literatura. A partir dos pressupostos sobre língua e linguagem, teorizados por Benveniste em seus textos, compreendemos que há uma realidade sempre nova sendo produzida na instância discursiva, via relações pronominais. Ademais, a abertura proposta por Benveniste faz com que a análise na literatura evoque a constituição dos personagens por intermédio da linguagem, via jogo pronominal. Com isso, o estudo da instância do sujeito, em meio à reversibilidade entre o *eu-tu*, leva a pensar a subjetividade e as relações propostas pela tríade pronominal na literatura. Cumpre também ressaltar que esse debate de intersecção aponta para o enriquecimento da reflexão acerca da subjetividade e da intersubjetividade na linguagem, na medida em que lança luzes para o fato de que esta é uma discussão que congrega não apenas as relações comunicativas, mas também culturais e sociais.

Ademais, discutir sobre a subjetividade é elucidar essa teorização acerca da organização pronominal (o *eu* que fala para um *tu* e se opõe a um *ele*), na medida em que, segundo Benveniste,

a linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo como eu no seu discurso. Por isso, eu propõe outra pessoa, aquele que, sendo embora exterior a 'mim', torna-se o meu eco – ao qual digo tu e que me diz tu (Benveniste, 2005, p. 286).

Na próxima seção, com o objetivo de dar coesão à discussão que parte dos pronomes, abordarei a relação entre o *eu*, o *tu* e o *ele* no campo da subjetividade, estabelecendo uma conexão constante entre essas categorias. Para isso, utilizarei os textos mencionados anteriormente, integrando suas ideias na construção de uma base teórica sólida, que permitirá avançar para a análise do texto literário.

Com isso, será possível conduzir o diálogo para uma discussão sobre língua e literatura, sobretudo a partir da relação dos pronomes no campo da

análise da obra literária.

1.2 A teorização pronominal no campo da subjetividade em Benveniste

No texto de 1958, intitulado *Da subjetividade na linguagem*, Benveniste procura alargar sua discussão sobre os pronomes, dando ênfase à questão da subjetividade para tratar da constituição do sujeito na e pela linguagem. Sabendo da indissociabilidade entre língua e literatura, linguagem e subjetividade - a partir da qual Benveniste afirma que “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito” (2005, p. 286), compreendemos, portanto, que “não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro” (2005, p. 285). De fato, a experiência do sujeito na linguagem não se constrói na anulação do sujeito, nem de si, nem do outro, mas na percepção coletiva e contínua em constante devir.

Em Benveniste, sabemos que linguagem e subjetividade estão intrinsecamente ligadas. Chegamos nessa afirmativa, pois a linguagem é o meio através do qual os indivíduos se constituem como indivíduos e constituem sua subjetividade, fazendo com que a linguagem não seja apenas um conjunto de regras gramaticais e vocabulário, mas também seja fundamental na construção da subjetividade e na construção das experiências de cada indivíduo. Benveniste destaca a importância do “eu” linguístico, ou seja, a forma como os pronomes pessoais e as formas verbais indicam a posição do sujeito em relação ao discurso, permitindo que os indivíduos se posicionem na e pela linguagem, constituindo suas perspectivas e experiências com o outro. Com isso, a linguagem não funciona como ferramenta, mas sim como elemento central na construção da subjetividade, na medida em que os indivíduos se constituem como sujeitos na e pela linguagem.

Se, para Benveniste, “a consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste” (2005, p. 286), é no discurso que nasce a subjetividade a qual leva ao preenchimento das “formas vazias” (2005, p. 288). Logo, é na instância desse discurso que se preenchem as formas vazias, constituindo e atualizando o papel do enunciador diante do processo intersubjetivo. A definição do sujeito pela linguagem só é possível através do ato comunicativo.

A abertura que Benveniste nos possibilita com a sua teoria é vista sempre em constante renovação, pois os valores que estão na língua passam a ser atualizados ao se tecerem novas relações entre o *eu* e o *outro*, o sujeito e a sociedade, o sujeito e a cultura. A atualização desses valores também passa pela arte, constatação essa que nos impulsiona em direção ao literário. Benveniste, como buscamos esclarecer neste capítulo, permite que pensemos para além do que foi teorizado nos textos de “O homem na língua”.

Outro texto caro para a minha pesquisa é o trabalho de 1963, intitulado *Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística*. Benveniste faz uso, nesse texto, de um prefixo que é importante para discorrer sobre o ato sempre novo de um acontecimento na linguagem.

Possibilitar uma nova atualização do acontecimento no articular do enunciar no discurso é colocar o *eu* e o *tu* em uma nova instância, já que essa troca “confere ao ato de discurso uma dupla função: para o locutor, representa a realidade; para o ouvinte, recria a realidade” (Benveniste, 2005, p. 26). Experienciar é recriar a realidade, que se estabelece via relação intersubjetiva. Recriar a realidade, atualizar-se em discurso, a partir de Benveniste, é promover uma nova abertura para se pensar em novas discussões sobre os estudos dos pronomes em nossa sociedade.

Essa atualização, constitutiva a partir do prefixo *re*, de reconstruir ou reconstituir uma realidade a fim de tornar possível uma nova criação, condiz com uma realidade que se situa na linguagem e está ancorada nas categorias de pessoa e de tempo. Conforme Benveniste, a linguística é “ciência da linguagem e ciência das línguas” (Benveniste, 2005, p. 20). Adentrar ao estudo sobre língua e linguagem é adotar a indossociabilidade das categorias, imergir em um estudo quase que filosófico para compreendermos a base dessa realidade em que se relacionam língua e linguagem, para Benveniste. Além disso, conforme se observa neste texto de 1963 e no texto de 1968 chamado *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*, não só língua e linguagem estão associadas, como também “indivíduo e sociedade não são mais termos contraditórios, mas termos complementares” (Benveniste, 2005, p. 27).

De fato é dentro da, e pela, língua que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente. O homem sentiu sempre – e os poetas frequentemente cantaram – o poder fundador da linguagem, que

instaura uma realidade imaginária, anima as coisas inertes, faz ver o que ainda não existe, traz de volta o que desapareceu (Benveniste, 2005, p. 27).

O trecho acima valida o olhar de que esta pesquisa lança mão, não só no que tange ao estudo das marcas linguísticas, como também no que tange aos sentidos que testemunham as formas de estar na linguagem. Logo, as análises linguísticas auxiliam na compreensão da reconstituição do percurso de trazer de volta “o que desapareceu”. E é nesse presente, o presente linguístico, que o momento do acontecimento sempre se renova na fluidez que é adentrar ao rio que muda constantemente. Com isso, em *A linguagem e a experiência humana* (1965), Benveniste alastra ainda mais as possibilidades de discussão acerca da subjetividade e da linguagem. Por mais que sete anos tenham se passado entre a publicação do texto *Da subjetividade na linguagem* e *A linguagem e a experiência humana*, Benveniste procurou expandir a discussão sobre língua, cultura e sociedade, pois as línguas “são categorias elementares, independentes de toda determinação cultural e nas quais vemos a experiência subjetiva dos sujeitos que se colocam e se situam na e pela linguagem” (Benveniste, 2006, p. 68).

As formas linguísticas são extremamente importantes para que se possa discorrer sobre os indicadores de pessoa. Como sabemos, e como vimos nos textos anteriores, a língua possui uma constituição, e essa constituição varia de acordo com o lugar e o tempo, regulamentando a nossa existência. Em *Da subjetividade na linguagem*, Benveniste explica como os indicadores de pessoa estão funcionando em conjunto com a atividade da língua na linguagem. Com isso, a subjetividade vista no texto de 1958 apresenta os indicadores como aqueles que inserem o sujeito enunciador, através da linguagem, no espaço interlocutório com um tu, que é o alocutário.

Quando o *eu* toma seu lugar como enunciador, o momento do seu discurso é o que dita a temporalidade do que está sendo proferido. Com isso, quando o *eu* fala, aquele tempo presente, que para Benveniste é o tempo linguístico, é o momento no qual a comunicação é possibilidade de experiência para a díade pronominal que estabelece o momento transitivo de pessoalidade. Tempo e espaço, portanto, encontram as formas linguísticas conectadas aos índices como “este”, “aqui” e “agora”.

O momento em que o ato de enunciação acontece está localizado no presente daquele sujeito que enuncia, deixando de ser presente assim que o discurso é proferido. Como propõe Benveniste (2006),

a temporalidade que é minha quando ela organiza meu discurso, é aceita sem dificuldade como sua por meu interlocutor. Meu 'hoje' se converte em seu 'hoje', ainda que ele não o tenha instaurado em seu próprio discurso, e meu 'ontem' em seu 'ontem' (Benveniste, 2006, p. 77).

Benveniste busca tratar, portanto, da relação entre a categoria de pessoa e a categoria de tempo,

Todas as línguas têm em comum certas categorias de expressão que parecem corresponder a um modelo constante. As forças que revestem estas categorias são registradas e inventariadas nas descrições, mas suas funções não aparecem claramente senão quando se as estuda no exercício da linguagem e na produção de discurso [...] (Benveniste, 2006, p.68).

O artigo de Benveniste busca mostrar como podemos chegar na discussão sobre o título que o artigo leva: a linguagem na qual a experiência humana se encontra a partir da intersubjetividade e no instante presente em que o enunciado é emitido pelo enunciador. A partir da passagem acima citada, podemos compreender que o texto *A linguagem e a experiência humana* (1965) prioriza uma discussão sobre a experiência subjetiva na e pela linguagem. O indicador de pessoa apresentado por Benveniste nas primeiras linhas desse texto postula que o *eu*, aquele que enuncia, se apropria da língua, no momento em que a atualiza, dando um novo sentido e produzindo um novo significado ao ato efetuado. Esse instante, o presente, através dessa atividade pronominal que conduz um discurso a partir da reversibilidade, está atrelado aos outros indicadores que partilham dessa nova produção de sentidos, como: os dêiticos, os pronomes demonstrativos. Segundo Benveniste,

Estes pronomes existem, consignados e ensinados nas gramáticas, ofertados como os outros signos e igualmente disponíveis. Quando alguém os pronuncia, este alguém os assume, e o pronome *eu*, de elemento de um paradigma, se transforma em uma designação única e produz, a cada vez, uma

nova pessoa. Esta é a atualização de uma experiência essencial, que não se concebe possa faltar a uma língua. Esta é a experiência central a partir da qual se determina a possibilidade mesma do discurso (Benveniste, 2006, p. 69).

Como vimos em *Natureza dos pronomes*, Benveniste já realizava essa intersecção entre os pronomes e a produção de discurso: a pessoa que enuncia a presente instância do discurso que diz 'eu' estabelece novos instantes no ato em que enuncia para um *tu*. Na próxima seção, utilizarei a discussão advinda da temporalidade e dos pronomes para discorrer sobre a relação entre língua e sociedade.

1.3 A língua que rege, orienta e renova a sociedade

A discussão sobre o tempo, sobre o aqui e agora, faz com que se possa entender com mais ênfase a construção da temporalidade no instante do acontecimento que provoca o nascimento do sujeito. A discussão sobre tempo e lugar podem ser encontradas na obra literária, na análise do que organiza os espaços de interlocução entre os personagens no livro.

Com isso, é na organização temporal e espacial, na associação entre língua e linguagem, que temos a língua como interpretante da sociedade. Benveniste vai além, complementando que “a língua contém a sociedade” (Benveniste, 2006, p. 97). Em *Estrutura da língua e estrutura da sociedade* (1968), língua e sociedade podem ser apreendidas em seu nível histórico. Jamais encontramos a sociedade separada da língua e, por sua vez, da linguagem. Porém, o texto mostra que língua e sociedade possuem estruturas diferentes, além de modos diferentes de organização. Não desassociamos língua e sociedade, e, como Benveniste afirma, é o interpretante (língua) que age em conjunto com o seu interpretado (sociedade), sendo a língua o meio pelo qual a realidade social é interpretada e compreendida, agindo sobre a sociedade, fornecendo os termos e estruturas através dos quais entendemos e discutimos o mundo social. As práticas, normas e mudanças sociais são captadas e expressas através da língua. A língua é aquela que rege, orienta e institui o que se renova na sociedade.

A partir do que se dá na e pela sociedade, diante da língua, podemos

falar, portanto, sobre cultura, política e todo o processo comunicativo, intersubjetivo e estruturante de uma sociedade. Fica em evidência a relação conjunta e incessante entre interpretante e interpretado. Quando refletimos sobre as formas de sociabilidade que se constituem nas sociedades, percebemos que, nas relações intersubjetivas, o *e/le* - aquele que pode ser alvo em "testemunho de menosprezo" (Benveniste, 2005, p. 254) - desempenha um papel central. Cabe ressaltar que o pronome *e/le*, mesmo sendo visto como "menosprezo", sugere mais que uma simples referência; o *ele* assume um papel de distanciamento, exclusão ou inferiorização nas relações intersubjetivas. O *e/le*, portanto, permite refletir sobre a construção de alteridades e hierarquias sociais, pois se consolidam nas interações na e pela linguagem. Tratando-se de um contexto linguístico e cultural, o *e/le* poderia, portanto, estabelecer uma espécie de hierarquia pois, quando temos *eu* e *tu* ocupando uma posição enunciativa, temos o *e/le* se tornando uma figura afastada. Esse afastamento do *e/le* pode ser associada à maneira como algumas identidades ou grupos são excluídos, silenciados ou desvalorizados em contextos políticos, sociais ou culturais.

O *e/le* é localizado fora de um campo imediato que se dá na correlação do pronome *eu* e do pronome *tu*, designando o que é referido, mas que não participa da transitividade na díade *eu-tu*. Segundo Benveniste, o *e/le*, por sua posição de terceira pessoa, assume um papel que indica aquilo que é mencionado, mas, por muitas vezes, não possui voz própria no momento da enunciação, pois o *ele* pode testemunhar conotações sociais e culturais, como no caso do "testemunho de menosprezo".

Discorrer sobre os processos intersubjetivos entre os sujeitos, significa discorrer sobre a constituição do *eu* na e pela linguagem, e esse é um dos pontos primordiais para refletirmos sobre a formação da sociedade ao longo da história da civilização. O locutor, ao falar, *re*-presenta algo. Essa faculdade de simbolizar, como mostra Benveniste, condiz com o pensar sobre a sociedade. Existem maneiras singulares de significar língua e sociedade, mas é preciso saber que a sociedade se torna significativa por conta da língua, que é a interpretante. Segundo Benveniste, é pelo intermédio da linguagem que estabelecemos a sociedade (Benveniste, 2005, p. 31). "Isso não é coincidência histórica, mas encadeamento necessário" (2005, p. 31), completa. Ainda segundo o linguista,

no texto *Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística*, a linguagem é tomada como sendo aquela que se realiza dentro da língua, estrutura sempre particular.

Outro autor que cabe para a discussão sobre língua e sociedade é Humboldt (1990). Sobre a relação entre língua e sociedade, a partir da manifestação que se dá do indivíduo diante dos mecanismos que o colocam diante da experiência em coletivo, Humboldt irá discernir sobre em seu livro *La Diversidad de La Estructura del Lenguaje Humano: y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad* (1990)⁷. Segundo Humboldt, a língua, expressa pela voz de cada indivíduo, é particular de cada sujeito e partilhada com os outros ao mesmo tempo, pois “[e]l hombre individual está siempre en relación con una totalidad”⁸ (Humboldt, 1990, p. 52). Tal constatação, por Humboldt, permite perceber que sua obra alavanca uma discussão acerca da relação entre língua e sociedade. Essa discussão encontra relações com a obra de Émile Benveniste, no que tange propriamente à reflexão acerca da língua e da sociedade.

Ademais, cabe salientar um primeiro movimento de leitura sobre o conceito de sociedade advindo de Humboldt, pois penso que a compreensão desse conceito pela visão desse teórico possa servir para as discussões que serão estabelecidas neste trabalho. Na obra *La diversidad de la estructura del lenguaje Humano: y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad* (1990), Humboldt versa sobre o tema da língua e da sociedade em meio à investigação das línguas, sobretudo através das relações entre os indivíduos em sua nação. Ademais, Humboldt se preocupa em conceber na sua teoria o conceito de caráter da nação, na medida em que os sujeitos falantes, seja sendo considerados como indivíduos, seja sendo considerados como nação, se apropriam da língua e, ao fazerem uso dela, a sociedade revitaliza e confere ao organismo linguístico uma nova expressão⁹.

⁷ A obra utilizada para estudo e análise se trata de uma tradução realizada pela tradutora Ana Agud, publicada pela Editora Anthropos. O título original é *Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues und ihren Einfluss auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts*, publicada em 1836.

⁸ “O homem individual está sempre em relação com uma totalidade” (Tradução do autor).

⁹ Caso haja interesse em buscar mais informações sobre a relação entre Benveniste e Humboldt, no que tange à indissociabilidade entre língua e sociedade, ver o artigo: NEUMANN, Daiane; SILVA, André Rodrigues. Apreendendo a língua em discurso: uma relação indissociável entre

Retomando Benveniste, o autor, em 1963, já nos esclarecia sobre os pontos que aqui estamos discutindo. É possível, portanto, alastrarmos a discussão sobre língua e sociedade sabendo que Benveniste já afirmava, em 63, que,

língua e sociedade não se concebem uma sem a outra. Uma e outra são dadas. Mas também uma e outra são aprendidas pelo ser humano, que não lhes possui o conhecimento inato. A criança nasce e desenvolve-se na sociedade dos homens. São homens adultos, seus pais que lhe inculcam o uso da palavra (p. 31).

Essas variações de que trato aqui, no entremeio com a sociedade, são possibilidades de que novos coletivos sejam formados e, com isso, uma cultura seja transformada na sociedade. Benveniste, ainda no texto de 1963, diz que,

[a criança] à medida que se torna capaz de operações intelectuais mais complexas, integra-se na cultura que a rodeia. Chamo cultura ao meio humano, tudo o que, do outro lado do cumprimento das funções biológicas, dá à vida e à atividade humana forma, sentido e conteúdo. A cultura é inerente à sociedade dos homens, qualquer que seja o nível de civilização (p. 31).

Através do que se institucionaliza em uma cultura, coletivos passam a determinar suas existências a partir dos costumes que ali foram e estão sendo gerados. Falar sobre cultura é falar, também, sobre uma questão pronominal. Segundo Benveniste (1964), a linguagem pressupõe o outro a partir da intersubjetividade. Diante disso, é na língua e pela língua que a urgência daquilo que se verbaliza se modifica e altera o que se diz diante daquele que está fazendo parte do processo transitivo pronominal. Na formação de novas civilizações, ao longo da história, língua e sociedade evoluem em conjunto, ao passo que aqui se tem a relação do interpretante (a língua) com o interpretado (sociedade). Ou seja, na produção de sentidos temos a língua como aquela que interpreta e contém uma sociedade, participando das constituições históricas e fazendo com que os indivíduos construam suas culturas a partir da relação

pronominal, daquilo que se verbaliza, com quem se fala e sobre o que se está falando. Para Benveniste,

a língua fornece ao falante a estrutura formal da base, que permite o exercício da fala. Ela fornece o instrumento linguístico que assegura o duplo funcionamento subjetivo e referencial do discurso: é a distinção indispensável, sempre presente em não importa qual língua, em não importa qual sociedade ou época, entre o eu e o não-eu, operada por índices especiais que são constantes na língua e que só servem a este uso, as formas chamadas em gramática de pronomes, que realizam uma dupla oposição, a oposição do 'eu' ao 'tu' e a oposição do sistema 'eu/tu' a 'ele'" (Benveniste, 2006, p. 101).

A partir da citação acima, compreende-se que é na cultura que as relações se constituem, sobretudo as de poder, por conta de termos, na estrutura formal, uma base para que os indivíduos possam enunciar, funcionando assim como a expressão da subjetividade e a maneira do sujeito fazer referência ao mundo. As relações se fortalecem através de contratos sociais e, muitas vezes, com boa parte dos coletivos que constituem esse meio, acontece a submissão e o apagamento de alguns grupos. Esse pensamento sobre a falta de alteridade e o ofuscamento de parte dos sujeitos que se sentem marginalizados também constitui esse espaço de cultura e de coletividade¹⁰.

No próximo ponto, o último antes de passar para o capítulo 2, irei adentrar em alguns trabalhos a partir da leitura benvenistiana, a fim de delimitar a reflexão acerca da subjetividade e dos pronomes a partir de um percurso teórico realizado em textos que busquem a intersecção entre esses estudos, em um caminho para a discussão linguística permeando a literatura. Com isso, conduzirei a discussão para a teorização pronominal advinda de Dany-Robert Dufour. No capítulo 2, encaminharei a abertura de Dufour para a análise na obra de Albert Camus.

¹⁰ A coletividade está sendo colocada aqui como maneira de sociabilidade dentro de um contexto cultural. Por mais que Benveniste utilize a palavra "coletivo", ele não utiliza a palavra "coletividade" em seus textos. A utilização da palavra coletividade aqui parte do pressuposto evocado pelo autor no texto *Estrutura da língua e Estrutura da sociedade*, quando o linguista diz que "acima das classes, acima dos grupos e das atividades particularizadas, reina um poder coesivo que faz uma comunidade de um agregado de indivíduos e que cria a própria possibilidade da produção e da subsistência coletiva. Este poder é a língua e apenas língua" (Benveniste, 2006, p. 97). A coletividade pode ser, nesse contexto, constituída pela experiência dos indivíduos que fazem parte dela, fazendo com que a própria língua seja essa possibilidade de subsistência coletiva e de produção de novas formações culturais na sociedade.

1.4 O fio condutor a partir de Benveniste para a literatura

Considero pertinente retomar dois trabalhos de Benveniste que esclarecem profundamente a relação entre língua e linguagem e abrem caminhos para uma nova perspectiva de análise. Esses estudos revelam como, na sociabilidade expressa pelos pronomes, cada ato enunciativo entre *eu* e *tu* torna a existência um acontecimento sempre renovado pelas relações discursivas.

Dar início à essa discussão, inclusive, busca conduzir esta seção para o próximo capítulo, encaminhando para a análise. Aqui, além de tratar sobre os traços da literatura a partir da teoria linguística de Benveniste, busco também discorrer sobre alguns conceitos que partem dos pronomes, da dupla significância da língua, e da própria subjetividade para pensar na relação que emerge da teoria e do objeto de análise nesta tese. Se tem, portanto, a a tríade pronominal como aquela que se insere à análise literária sobretudo no que busco compreender no estudo feito nos personagens da obra de Camus. A construção da obra, conseqüentemente, só é possível pela maneira pela qual os personagens constroem as narrativas em seus espaços e como eles vão se desenvolvendo ao longo do livro. Essas relações construídas através do processo intersubjetivo denotam uma condição de discurso no texto literário e a perspectiva sobre a geração de efeitos, significados, dramaticidade, emergem justamente dessas relações que se estabelecem.

Na subseção abaixo, destacarei o papel da dupla significância e da metassemântica na análise de textos literários. É possível refletir sobre como esses conceitos permitem uma abordagem relevante de análise literária, conectando-se como a perspectiva intralinguística e translinguística discutida por Benveniste (2005, 2006) e Laplantine (2008).

1.4.1 A dupla significância da língua e a metassemântica

Semiologia da língua (1969) pode ser considerado um dos principais textos escritos por Émile Benveniste. Essa alcunha se deve ao fato de que o texto funciona como um fio teórico e constitutivo de todos os trabalhos que já foram referenciados até o momento neste capítulo. Um bom exemplo que

podemos retirar desse texto é o conceito de dupla significância da língua, na qual temos o semiótico e o semântico funcionando em conjunto a partir dessa dupla ação da língua.

A posição de Benveniste, quanto ao conceito de dupla significância da língua destaca uma atividade constante desse funcionamento da língua diante da sua maneira de significar. A dupla atividade (semiótico e semântico) faz com se relembre o texto mencionado anteriormente, de 1968: a língua contém a sociedade.

Uma coisa ao menos é certa: nenhuma semiologia do som, da cor, da imagem será formulada em sons, em cores, em imagens. Toda semiologia de um sistema não-linguístico deve pedir emprestada a interpretação da língua, não pode existir senão pela e na semiologia da língua. Que a língua seja aqui instrumento e não objeto de análise não muda nada nesta situação, que comanda todas as relações semióticas; a língua é o interpretante de todos os outros sistemas, linguísticos e não-linguísticos (Benveniste, 2006, p. 61).

No texto de 1969, Benveniste constrói uma linha de pensamento a partir de Peirce e Saussure, a fim de mostrar a posição em relação a esses teóricos citados sobre os signos e seus sistemas. É a partir de Saussure que Benveniste busca alastrar o seu pensamento. Stumpf (2008) sublinha a língua como aquela sendo capaz de ter uma função muito importante: a de interpretar e refletir a sociedade e outros sistemas de significação. Esse estudo sobre língua, como já mencionado na seção anterior, é importante para compreender qual o seu impacto no âmbito cultural e social em que ela está inserida. Ainda, a autora destaca como a própria forma da língua gera significados, fazendo com que essa singularidade dê à língua uma posição entre os sistemas semióticos. Segundo Stumpf:

Se Peirce não formula nada de específico em relação à língua, o pensamento de Saussure procede da língua e a toma como objeto exclusivo, sendo o signo uma noção linguística. Benveniste chama atenção para o fato de que, de todos os sistemas semióticos, a língua é o único capaz de interpretar os outros e também a própria sociedade. Essa primazia da língua sobre os outros sistemas se dá pelo seu modo singular de significação, que não pode ser reproduzido por nenhum outro sistema (Stumpf, 2008, p. 5).

Segundo Benveniste, nessa introdução sobre a *Semiologia*, Saussure formulou com maestria uma teoria sobre o signo, a semiologia: "Compete-nos tentar ir além do ponto a que Saussure chegou na análise da língua como sistema significante" (Benveniste, 2006, p. 224). Os sistemas semióticos, portanto, no que tange à perspectiva da significação, atuam como um efeito duplo: a dupla significância da língua irá agir para uma nova criação sobre a realidade. Podemos ver um pouco desse encadeamento de dupla significância na citação abaixo,

Ela [a língua] é investida de uma DUPLA SIGNIFICÂNCIA. Trata-se propriamente de um modelo sem analogia. A língua combina dois modos distintos de significância, que denominamos modo SEMIÓTICO por um lado, e modo SEMÂNTICO, por outro (Benveniste, 2006, p. 64).

Além disso, segundo Teixeira (2015), sobre a relação entre metassemântica e a dupla significância da língua,

É sobre essa semântica do homem que fala e, ao falar, ressignifica incessantemente a língua que se instituirá a metassemântica de Benveniste. Ele diz pouco sobre essa "nova" disciplina, apenas lança a semântica da enunciação como seu princípio e especifica seu objeto, os textos e as obras (Teixeira, 2015, p. 110).

Essa dupla significância, como já foi referido anteriormente, não contém apenas um sistema de signos, mas também novos significados produzidos e utilizados pelas pessoas no discurso. A metassemântica, portanto, nesse caso, explora o dinamismo e aquilo que se pode interpretar da língua. Teixeira (2015) afirma que a metassemântica de Benveniste coloca o processo de ressignificação como sendo algo sempre contínuo, fazendo com que a língua não seja um sistema fixo de significados, já que ela produz continuamente novos sentidos através do ato da fala.

No que compete aos textos literários, por exemplo, a metassemântica de Benveniste se liga à análise por via dessa dupla significância, já que o analista de um texto literário pode ressignificar, através da re-leitura, o que da obra emerge através de uma leitura sempre nova, conduzindo à construção do

pensamento e da análise para uma nova produção de sentidos e significados que são novamente moldados e transformados. A obra literária é, portanto, um objeto de transformação, cuja análise em tempo e espaços diferentes suscitam novos sentidos.

Através do que foi exposto, a metassemântica levanta a reflexão acerca do que se denominou em Benveniste de estudos intralinguísticos e translinguísticos. Quando se tem os significados como constantemente ressignificados, se tem também uma visão mais ampla e dinâmica sobre os estudos da linguagem. O significado, nestes casos, emerge e se transforma através das relações com os contextos mais amplos, a translinguística, a partir do ato enunciativo. Essa proposta supera análises que se limitam, por exemplo, às estruturas internas da língua ou índices *ad hoc*s que buscam ancorar a enunciação. Por conta disso, Chloé Laplantine (2011, p. 146-147) explicita que a passagem do intralinguístico ao translinguístico, em Benveniste, não é a passagem do microscópico ao macroscópico, do merisma à globalidade de textos. O que importa é o olhar dirigido à linguagem. E esse olhar, em Benveniste, é o efeito da tomada crítica do significado para além da unidade do signo e da comunicação de mensagens.

Para Benveniste (1969), o signo é necessariamente uma unidade, mas a unidade pode não ser um signo. Essa teorização é uma das chaves para a discussão sobre uma poética, por exemplo. O texto poético é uma unidade, que não é signo. A obra aqui é construída através da globalidade que dá significado às partes. O texto poético deve ser visto como uma unidade completa e indivisível, ao invés de ser analisado apenas como uma coleção de signos ou símbolos isolados. A obra poética é construída através de uma totalidade que confere sentido às partes. Em outras palavras, o significado de um poema não pode ser totalmente compreendido analisando apenas suas partes isoladas; é a integração dessas partes em uma totalidade que dá sentido à obra como um todo.

Essa poética, a partir do que compreendo em Laplantine (2011), abrange a teoria da criação literária, o que possibilita que se explore formas, estilos, temas e, sobretudo, os efeitos que emergem dos textos. Aqui, a constituição de significado se dá através dos recursos linguísticos, compreendendo, também, no

que concerne à poética, noções de semântico e de semiótico. Ademais, segundo Laplantine em sua tese (2008), o movimento realizado na poética é fazer com que seja possível reinventar o comum. Com isso, acerca da poética e a sua constituição e contribuição para esta tese, parto também da reflexão de Neumann (2016) em seu trabalho de doutorado, chamado *Em busca de uma poética da voz*,

Para a poética, observar o discurso não significa partir do ponto de vista do domínio semiótico, não significa observar o funcionamento de categorias de língua no discurso. O que é flagrante nos estudos da linguagem é que apesar de Benveniste ter inventado a noção de discurso, em meados do século XX, não houve verdadeiramente uma busca para refletir sobre a constituição mesma do discurso, dos discursos particulares, sobre o seu funcionamento no que tange àqueles elementos que fogem às categorias de língua, que não podem ser reduzidos ao domínio semiótico e que têm sido historicamente negligenciados pelos estudos linguísticos. Quando se trabalha com a análise de discurso, partindo de categorias pré-estabelecidas, de categorias do domínio semiótico, acaba-se por reduzir o discurso às categorias de língua e, conseqüentemente, fecha-se os olhos para pensar como um discurso particular se articula, como ele produz sentido, o que ele faz. Impede-se, assim, que o texto, a obra, interroge o analista, para que este possa buscar o desconhecido na linguagem (Neumann, 2016, p. 11).

Neumann (2016) faz uma crítica ao tratamento tradicional do discurso nos estudos linguísticos e argumenta que, quando se aborda a análise do discurso utilizando apenas categorias previamente estabelecidas pela semiótica ou pela língua, corre-se o risco de reduzir o discurso a essas categorias, ignorando aspectos próprios de um discurso particular. Esse movimento de análise impede que o discurso seja examinado em sua plenitude. Entendo que Neumann (2016) sugere que o discurso deve ser visto como um fenômeno vivo, que produz sentidos e interroga o próprio analista, levando-o a buscar o que ainda é desconhecido.

A poética, portanto, é vista como que busca compreender o movimento de significar dos textos literários, oferecendo uma abordagem de análise de como o texto literário faz para produzir sentidos. A prosa e a poesia, por exemplo, também estabelecem uma relação entre autor e linguagem, especificamente através dos pronomes e dos atos discretos realizados pelo locutor ao se

enunciar. Em ambos os casos, tanto na prosa quanto na poesia, ocorre uma atualização da língua em palavra, em que o sentido é recriado a cada ato de enunciação, segundo Benveniste, o qual argumenta que a linguagem é fundamentalmente uma relação entre indivíduo e a sociedade, sendo o pronome o principal ponto de ligação entre o eu e a comunicação. A prosa, nesse caso, trabalha com os pronomes de maneira a criar novas formas de significar, estabelecendo processos de subjetivação específicas em cada narrativa.

Carolina Peres, em *O processo de subjetivação em narrativas digitais: um estudo sobre a experiência narrativa em The Witcher 3: Wild Hunt (2021)*, observa a subjetivação nas narrativas digitais, mostrando que essa subjetivação não se limita a uma mera transposição de signos, mas abrange o modo pelo qual os pronomes e as formas gramaticais configuram a identidade e a experiência narrativa. Ademais, é justamente por meio de cada ato no discurso que a prosa, o poema, o texto literário é capaz de abrir espaços para a criação de significados únicos e singulares¹¹.

Abaixo, no ponto 1.4.2, irei explorar a subjetividade e como o uso dos pronomes se desdobra na análise de textos literários, bem como no processo de intersubjetividade e construção dos personagens. A discussão auxilia a pensar acerca da relevância do estudo dos pronomes na obra literária, com ênfase na tríade pronominal e na visão de Dufour, que é introduzida para conectar a análise pronominal a *O Estrangeiro*.

1.4.2 A subjetividade e o papel dos pronomes na construção literária

Para dar fim a essa breve discussão sobre alguns pontos centrais que partem da teoria de Benveniste para discorremos sobre o que emerge do literário através dos seus principais textos para esta tese, no texto de 1970, intitulado *O aparelho formal da enunciação*, podemos ver novamente que há a discussão acerca da inserção do sujeito no discurso. Este texto tematiza sobre a maneira

¹¹ Ademais, a discussão acerca da poética, retomada por Laplantine (2008) e depois Neumann (2016), é calcada em Henri Meschonnic, para quem não há distinção entre prosa e poesia. Na tese de Neumann, *Em busca de uma poética da voz* (2016), a autora escreve, que “É importante destacar que, para Meschonnic, “poesia” e/ou “poema” não significam textos compostos em versos, mas textos literários em geral. O autor se opõe à divisão de textos literários em gêneros e recupera o sentido de poesia, enquanto *poiesis*, criação” (NEUMANN, 2016, p. 67)

pela qual a enunciação se esvanece, a partir das relações sociais, e os efeitos desse acontecimento sempre novo que a enunciação proporciona.

Em seu artigo de 1956, *A Natureza dos Pronomes*, Benveniste propõe que “os pronomes não constituem uma classe unitária, mas espécies diferentes segundo o modo de linguagem do qual são os signos”. (Benveniste, 2005, p. 277), ou seja, enquanto há formas estruturais que envolvam os parâmetros linguísticos da forma, como a sintaxe, existem elementos partilhados pela - e nessa - linguagem que fazem parte das instâncias do discurso. Considerando tal aspecto, o linguista sírio-francês refere-se “[a]os atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em palavra por um locutor” (Benveniste, 2005, 277).

As passagens acima, do texto de 1956 de Benveniste, encontram seu elo com o texto escrito por Benveniste 14 anos depois,

Gostaríamos, contudo, de introduzir aqui uma distinção em um funcionamento que tem sido considerado somente sob o ângulo da nomenclatura morfológica e gramatical. As condições de emprego das formas não são, em nosso modo de entender, idênticas às condições de emprego da língua. São, em realidade, dois mundos diferentes, e pode ser útil insistir nesta diferença, a qual implica uma outra maneira de ver as mesmas coisas, uma outra maneira de as descrever e de as interpretar (Benveniste, 2006, p. 81).

O linguista afirma que é através desse colocar a língua em funcionamento que o ato se fará como gesto mobilizador da língua. É na relação sujeito - língua que os "caracteres linguísticos da enunciação" são determinados. Aqui temos a marca dessa relação. É no ato individual, através da vocalização, diante da escuta partilhada, que percebemos o processo de aquisição, por exemplo. Sabemos também que, nesse processo de troca entre os indivíduos, os atos da fala não transmitem os mesmos sons quando propagados constantemente. Essa constatação é crucial para entendermos a enunciação posta em ato. Ademais, Benveniste afirma que “a semantização da língua que está no centro deste aspecto da enunciação, e ela conduz a teoria do signo e a análise da significância” (2006, p. 83). Através da manifestação dos caracteres formais da enunciação temos, na manifestação de cada indivíduo, o uso presente dos

instrumentos que conduzem essa realização.

O ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação. Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno (Benveniste, 2006, p. 83).

O ato individual introduz o outro em sua fala, constituindo assim a sua enunciação já que é no ato discursivo, via intersubjetividade, que os aspectos constitutivos da língua terão sentido. A emergência dos índices de pessoa se produz na e pela enunciação, segundo o linguista, a partir de um tempo linguístico. Os aspectos referentes aos índices (de pessoa; os demonstrativos) constituem a classe dos indivíduos linguísticos, que nascem de uma enunciação, produzindo sentidos no ato individual, e são ressignificados a cada enunciação proferida. Esse ato sempre novo é o presente formal da renovação da produção de discurso e coloca o sujeito como presença.

Por fim, na enunciação, a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo. A condição mesma dessa mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso, e, para o outro, a possibilidade de co-referir identicamente, no consenso pragmático que faz de cada locutor um co-locutor. A referência é parte integrante da enunciação (Benveniste, 2006, p. 84).

É a própria enunciação, nesse incessante presente, que expressa a relação do locutor com o mundo. Com isso, instaura um diálogo em cada ato discursivo. Quanto aos atos, estes não nos revelam uma totalidade, mas vestígios para *re-construção*. É por meio deste processo de intersubjetivação que a língua adquire sua transitividade, manifestada em elementos lexicais, sintáticos, pronominais que emergem e se dissipam no instante da fala, sempre renovando e transformando significados. Segundo Benveniste,

Desde o momento em que o enunciador se serve da língua para influenciar de algum modo o comportamento do alocutário, ele dispõe para este fim de um aparelho de funções. É, em primeiro lugar, a interrogação, que é uma enunciação construída para suscitar uma 'resposta', por um processo linguístico que é ao mesmo tempo um processo de comportamento com dupla

entrada. Todas as formas lexicais e sintáticas da interrogação, partículas, pronomes, sequência, entonação, etc.. derivam deste aspecto da enunciação (2006, p. 86).

Um outro aspecto interessante levantado por Benveniste é a discussão sobre o eu locutor / eu ouvinte, ao discorrer sobre o monólogo. Essa discussão é uma relação importante de ser realizada a partir dos textos *Subjetividade da linguagem e Semiologia da língua*,

O 'monólogo' procede claramente da enunciação. Ele deve ser classificado, não obstante a aparência, como uma variedade do diálogo, estrutura fundamental. O "monólogo" é um diálogo interiorizado, formulado em 'linguagem interior', entre um eu locutor e um eu ouvinte. Às vezes, o eu locutor é o único a falar; o eu ouvinte permanece, entretanto, presente; sua presença é necessária e suficiente para tornar significante a enunciação do eu locutor. Às vezes, também, o eu ouvinte intervém com uma objeção, uma questão, uma dúvida, um insulto. A forma linguística que esta intervenção assume difere segundo os idiomas, mas é sempre uma forma "pessoal". Ora, o eu ouvinte substitui o eu locutor e se enuncia então como "primeira pessoa" (Benveniste, 2006, p. 88).

A teorização de Benveniste, em que o linguista discorre sobre o eu ouvinte e o eu locutor, faz referência à discussão sobre os indicadores de subjetividade. Não obstante, o quadro da enunciação apresenta a tríade pronominal, sendo ela a própria existência de partilha no mundo diante do discurso que é realizado na e pela enunciação. Essa interiorização do diálogo será retomada na análise da obra, ancorando também outros estudos necessários para a composição da análise que será realizada, assim como os pontos centrais que foram abordados e mencionados no começo desta seção.

Ademais, é a partir de Benveniste, como já foi dito anteriormente, que se lança luz sobre a teoria linguística que fornece suporte para a análise da obra literária. Para isso, é imprescindível trazer Teixeira (2004) que, em seu texto *Benveniste: um talvez terceiro gesto?*, afirma:

Ler Benveniste é perceber que atrás da análise pormenorizada da linguagem, encontra-se um ponto de vista filosófico de interesse amplo. Por se deixar trabalhar pela dobra, seu pensamento é vivo e desconcertante, sempre enigmático e aberto à interferência de quem dele se aproxima recusando

roteiros de leitura já automatizados. Há que se deixar trabalhar pelo mistério (Teixeira, 2004, p. 118).

Como uma abertura no que tange aos estudos de linguagem, Teixeira (2004) aborda algumas possibilidades de imersão na teoria benvenistiana para fins de análise. Para isso, traz formulações que evocam a discussão pronominal de Benveniste (*eu-tu/ele*) e a subjetividade, o que aponta para uma possibilidade transdisciplinar da linguística da enunciação, “abrindo-a ao diálogo” (Teixeira, 2004, p. 119). A discussão teórica advinda do texto de Teixeira leva para ainda mais longe no pensamento sobre o estudo transdisciplinar a partir da teorização benvenistiana.

Como foi possível ver anteriormente, o conjunto de textos utilizados para traçar um caminho de análise não foi feito por acaso. De 1946 até 1970, Émile Benveniste buscou observar como a discussão sobre *O homem na língua* não seria meramente uma discussão sobre língua, mas também de linguagem. Aliás, essa discussão não se reduz somente ao que Benveniste traz em ambas as seções de mesmo nome, presentes nas obras *Problemas de Linguística Geral*. Toda a construção do pensamento de Benveniste, acerca dos seus principais temas, possui uma linha conceitual importante para a linguística¹².

A construção teórica feita até aqui se faz importante para que, finalmente, seja possível trazer Dufour para a discussão aqui abordada, sobretudo no que o autor tem de importante para auxiliar no pensamento sobre os pronomes, sobre sociedade, sobre sujeito. Portanto, ao iniciar essa aproximação com Dufour, podemos ver na citação a seguir um elo importante com o texto *O aparelho formal da enunciação*, no que tange à tríade pronominal, mais especificamente a propósito da referência,

Benveniste indica, de fato, que ‘na enunciação, a língua é empregada na expressão de uma certa relação com o mundo. A condição desta [...] apropriação da língua, no locutor, é a necessidade de referir pelo discurso e, no outro, a possibilidade de co-referir de modo idêntico. Cabe à atividade comunicacional engendrar o mundo ordinário de nossas co-referências’. Sim, o

¹² O parágrafo em questão busca salientar que os temas abordados aqui constituem-se a partir da linha traçada em textos que versam sobre a discussão pronominal e sobre subjetividade, principalmente. Como foi mencionado anteriormente, busco dar o nome de *Princípios fundadores do pensamento benvenistiano* por, justamente, considerar estes princípios como constitutivos de um traçado muito importante para a compreensão sobre a relação do homem com a natureza, com a língua e com a linguagem, na qual ele se constitui, experimenta e se renova.

mundo comum, a realidade, como se diz, são construídos no discurso (Dufour, 2000, p. 119).

A citação acima foi utilizada para trazer um tema importante para a teorização trabalhada aqui: a faculdade da linguagem, enquanto utilizada pelo locutor, se realiza através do ato comunicativo. A aproximação do mundo com as pessoas é conduzida através dos atos relacionais dentro do próprio discurso. Os sujeitos, segundo Dufour (2000, p. 119), apreendem o discurso em sua realidade. Essa realidade, para o autor, é trinitária, pois ela exige a participação de três pessoas (o *eu*, o *tu* e o *ele*). O trinitário age conforme o instante presente do que é pronunciado, verbalizado por aquele que tem a palavra. Conforme Dufour,

[...] É preciso estabelecer a forma assumida pelo conjunto "eu, tu, ele", não mais na simultaneidade (sincronia), mas na consecutividade (diacronia). Se examinarmos o que se tornam as três pessoas verbais no tempo, vamos constatar que, partindo do único ponto de referência possível, o da presença: 1) "eu", porque fixa as referências da alocação atual, permanece em seu lugar; 2) "tu", aquele da alocação atual, dirá "eu" na próxima; 3) "ele" da alocação atual dizia "eu" na precedente (Dufour, 2000, p. 57).

A citação mostra a perspectiva temporal no discurso, a qual considera a presença do ato da fala, como já vem sendo discutido até então. Ao analisar as três pessoas (*eu*, *tu* e *ele*), Dufour explora como cada uma se situa temporalmente no discurso, sobretudo quando o filósofo diz que "3) 'ele' da alocação atual dizia 'eu' na precedente" (p. 57), pois o *ele* presente na fala é alguém que, no discurso anterior, ocupava a posição de *eu*. Ou seja, o *ele* de agora é uma figura que foi *eu* em outro contexto, mas agora está fora da interlocução direta do *eu* e *tu* do momento presente. Isso ressalta o *ele* como o pronome que representa uma possibilidade de ser *eu*, indicando como as posições de sujeito e de objeto podem mudar no tempo e na relação discursiva.

Quando à subjetividade, ela é instaurada a partir do momento no qual o locutor toma a palavra e se coloca na instância do discurso. Segundo Teixeira (2012), isso só é possível quando colocamos a língua em funcionamento diante da experiência humana na linguagem, ou seja, "a experiência humana, então, não é anterior à linguagem. É na e pela linguagem que ela se instaura, em

condições enunciativas que são sempre particulares” (Teixeira, 2013, p. 45). Logo, a subjetividade não advém apenas do uso do *eu*, é preciso que se entenda o processo enunciativo do discurso do sujeito diante das relações que este estabelece, na díade *eu-tu*, a fim de mostrar como os atos enunciativos se configuram nessa experiência na linguagem, produzindo, como resultado, esse processo comunicativo e intersubjetivo.

Esse processo comunicativo, a ver, intersubjetivo, é resultante do ato de enunciação entre o *eu* e o *tu*, porém, a propósito de um *ele*. “Esse ato trivial determina a posição do homem na língua” (Teixeira, 2012, p. 446) e, complemento, na linguagem. Diante disto, abaixo, cito Dufour (2000):

“Eu” e “tu” compõem uma alteridade fraca, transitiva, e “eu-tu” e “ele” uma alteridade forte, intransitiva. A primeira alteridade, gerada pela decomposição da forma trinitária “eu-tu/ele”, é marcada pelo operador de conjunção “-” e a segunda pelo operador de disjunção “/”. Logo, são necessárias duas alteridades para resolver a crise das expressões unárias que invertem o antes e o depois, o aqui e o ali, a presença e a ausência. O “aqui” e o “agora” estão fixados à relação “eu-tu”, o “ali” e a ausência são confinados ao “ele”. Nessa medida, as duas alteridades inscritas pelo esquema trinitário constituem as condições do discurso (Dufour, 2000, p. 102-103).

O problema que Dufour levanta em seu livro *Os mistérios da Trindade* (2000) acerca do trinitário articula uma espécie de correção ao “erro” unário¹³ (Dufour, 2000, p. 103). Esse “erro” seria o pensamento somente sobre o *eu* reflexivo, excluindo toda e qualquer outra forma de relação binária e trinitária. Se o agir girasse apenas em torno do que Dufour entende por erro unário, não haveria desdobramentos, intersubjetividades, e a linguagem, segundo o filósofo, “falaria sozinha” (2000, p. 103).

A tríade, conforme discutida por Dufour, é importante para que se possa compreender com mais propriedade a tríade pronominal proposta por Benveniste e as categorias de pessoa. Ainda a partir de Dufour, é possível, portanto, compreender como as relações entre o aqui e o agora, o aqui e o ali, a presença e a ausência se complementam quando se percebe a importância da binariedade (*eu-tu*) para pensar o trinitário (*eu-tu/ele*) e o valor desse *ele* na

¹³ Segundo Dufour “Um exemplo brilhante de enunciado unário é o enunciado bíblico: “Eu sou aquele que sou”. O enunciado unário é muito facilmente observável: ele dá a escutar, de modo geral, algo como uma ‘gagueira’ (‘... sou ... sou’)” (Dufour, 2000, p. 35).

relação que Dufour faz com Benveniste e que este trabalho irá explorar no capítulo 2. Assim como Benveniste quando discute acerca dos “signos vazios”, Dufour entende também que a díade *eu-tu* só pode se valer na enunciação e, segundo Teixeira (2012), a partir de Dufour, “falar consiste em trocar a capacidade de utilizar eu; em preencher essas conchas vazias” (Teixeira, 2012, p. 446).

Portanto, a partir de Benveniste, o *eu* e o *tu* são colocados em um espaço de constatação – de preenchimento dos “signos vazios” (Benveniste, 2005, p. 280) e, de imediato, em um caminho de construção intersubjetiva. Segundo Benveniste, em texto de 1970, intitulado *O aparelho formal da enunciação*, o ato de colocar em funcionamento a língua e as situações em que ela se realiza é o que caracteriza a “enunciação” (2006, p. 82).

Diante da discussão proposta por Teixeira (2012), através de Benveniste, pode-se vislumbrar sobre de que maneira podemos preencher essa concha vazia se a interpelação sobre o sujeito está ligada às produções de obstáculos e intervenções no nosso meio, visando a uma restrição ao outro e ao direito de se colocar como sujeito no mundo. Como Dufour pontua, a presença é denotada pela co-presença entre o *eu-tu*, em que é possível que haja a troca e o preenchimento das conchas vazias. Essa posição teórica do filósofo, em conjunto com a base teórica benvenistiana, surge como elemento a fim de construir uma ponte para a análise do personagem-narrador em *O Estrangeiro* (1942). No decorrer da seção, discorrerei um pouco mais sobre esses pontos que aqui foram levantados.

O problema de linguagem – e de língua – está presente na teorização de Benveniste e alargar os estudos relacionados aos pronomes e às categorias de pessoa é, segundo Cavalheiro, no artigo *Enunciação e literatura: contribuições da teoria da linguagem e do estudo dos pronomes de Émile Benveniste*, “trabalhar a alteridade e seus efeitos para a constituição da subjetividade” (Cavalheiro, 2016, p. 120). Em sua dissertação, a autora esclarece a proposta da sua pesquisa, assim como da análise na literatura, através da discussão pronominal, quando realizou um estudo sobre a obra *A Metamorfose*, de Franz Kafka: “Minha proposta é buscar esse diálogo promovendo dois deslocamentos: um relativo à linguística, outro, à literatura, conduzindo os dois saberes na direção do sujeito” (Cavalheiro, 2005, p. 11). Cavalheiro (2005) mostra a

possibilidade de conduzir um estudo de análise entre os dois campos, o literário e o linguístico, tornando o dispositivo dos pronomes um encaminhamento para se refletir sobre esse sujeito no espaço de fala.

Cavalheiro discorre, portanto, sobre a teoria da enunciação de Benveniste e o estudo de um texto literário, especialmente quando faz uso da tríade pronominal para alinhar esse caminho. Os pronomes *eu* e *tu* fundamentam e ancoram o discurso da enunciação, fazendo com que seja criada uma relação direta entre aqueles que partilham da transitividade discursiva no espaço enunciativo. Cavalheiro esclarece, também, que essa relação transitiva não é fixa e depende de um contexto da fala para constituir-se de significados.

Em *A Metamorfose*, de Franz Kafka, Cavalheiro procurou discutir como o espaço ficcional não é apenas um cenário, mas, sim, um elemento fundamental para a construção de subjetividade. Através da narrativa em torno da figura de Gregor, Cavalheiro buscou mostrar como o personagem e o seu quarto simbolizam um espaço de reclusão e distanciamento não só da família, como da sociedade. Essa discussão se coloca em uma perspectiva sobre a não pessoa, conforme teorizada por Benveniste, o *e/le*, aquele que é excluído do espaço enunciativo, conforme mencionado ao longo deste trabalho.

O parágrafo acima busca mostrar, portanto, a reflexão sobre os pronomes em Benveniste, associada à análise de uma obra literária que *re-cria* um uso particular desses pronomes. No campo da literatura, o trabalho de Cavalheiro evidencia que a discussão vai além da narrativa ao explorar o espaço e a subjetividade do protagonista, entrelaçando-os em meio à criação de uma experiência literária. Com isso, o uso de pronomes desempenha um papel crucial ao direcionar a reflexão sobre esse sujeito dentro do espaço de comunicação ou discurso. Essa análise se faz presente cada vez mais em uma discussão mais ampla sobre teoria linguística, literária e/ou dos estudos culturais.

A partir de Cavalheiro (2016), diante da discussão sobre língua, cultura e sociedade, podemos pensar na análise da personagem na obra como aquele que se encontra em uma posição adversa em relação à possibilidade de reversibilidade que deveria ocorrer dentro do espaço enunciativo.

Essa organização mais global dos sentidos que surgem através do uso do dispositivo pronominal a partir daquele que enuncia e se coloca como *eu* no

discurso evidencia, mais uma vez, a relação entre língua e linguagem para a construção subjetiva na instância dos estudos da linguagem. A organização da realidade, através da reversibilidade diante do dispositivo pronominal, a partir da linguagem, é o que possibilita que possamos *re-criar* e *re-produzir* a realidade.

O dispositivo pronominal de Benveniste evoca, na prática, a teorização diante da atividade que se estabelece quando o sujeito se propõe diante de um *tu*, ou seja, da sociedade. Para pensar no campo da análise a teorização benvenistiana, levamos para o texto o olhar analítico que pode originar novas produções de sentidos, gerando uma reconstrução através do ato de compreensão do papel importante que se estabelece na reversibilidade entre o *eu* e o *tu* e da não-pessoa, o *ele*.

Retomando a dissertação de Cavalheiro (2005), me debruço neste trabalho, publicado há quase 20 anos, por entender que a abertura realizada aqui provém do material rico deixado para a pesquisa. Ancorada nos estudos de linguagem e literários, Cavalheiro faz uma análise da obra de Kafka, *A Metamorfose*, a fim de compreender quem é esse sujeito, o ausente, que tenta se comunicar e enunciar, mas acaba por encarar a falta de alteridade na relação intersubjetiva.

Em *O espaço ficcional e a experiência subjetiva: uma análise enunciativa de A Metamorfose*, a autora busca mostrar o entrelace indissociável entre a ficção e os processos de subjetivação, a partir dos estudos de Bakhtin e Kehl. O ponto alto da análise de Cavalheiro, é como ela traz a obra literária para identificar o que diz respeito ao sujeito, desvelando na sua análise uma relação trinitária entre os personagens, além de mostrar um olhar sempre novo do leitor diante da obra. Outro ponto interessante em seu texto é como Cavalheiro realiza um movimento que mostra a perda do personagem central da obra de Kafka do seu espaço discursivo, não podendo enunciar e deixando de participar da narrativa por ser considerado, a cada instante, um algo ou alguma coisa para quem está falando sobre ele, o Gregor. Esse movimento é a perspectiva central sobre o personagem Gregor na obra, na alternância pronominal, das interlocuções transitivas e do que se pode vislumbrar sobre esse personagem colocado de fora do campo discursivo, denotando uma falta de alteridade na interlocução no texto de Kafka.

O cuidado e o olhar de Cavalheiro para fazer o percurso pelos estudos da linguagem ajuda na criação de um campo de base sobre a análise realizada em sua dissertação. O caminho busca conectar a literatura e a subjetividade, principalmente por identificar as mudanças na existência que os atos sempre renováveis no discurso passam a sofrer com duas alternâncias pronominais, construindo assim uma narrativa própria de cada sujeito. Sobre o sujeito e a sua relação com o social, escreve Cavalheiro (2005),

Quero destacar o importante papel desempenhado pela narrativa de ficção como resposta ao sujeito de fazer-se ouvir a partir de uma diferença que precisa do outro para se autorizar como singularidade. Vejo o relato ficcional como organizador da experiência subjetiva, na medida em que através dele é possível visualizar o funcionamento da sociedade em determinada época; como produtor de sentidos e revelador da falta de sentido na vida, proporcionando às vezes consolo, às vezes confirmação para o desamparo do sujeito contemporâneo. A literatura faz-nos olhar a nós mesmo a partir do texto (Cavalheiro, 2005, p. 33).

Fazer esse ato que se renova vai ser algo diferente, sempre uma novidade, dia após dia, diante de uma vida rotineira conectada sobretudo à experiência sempre *re-novada* pelo indivíduo. Constatar o que de real e mutável há na existência, ao lermos os autores e autoras que auxiliam na discussão sobre língua e literatura que foram mencionados nesta seção, é possível identificar, no estudo sobre os pronomes, a urgência em discutirmos não necessariamente, e apenas, sobre a manifestação do *eu* e *tu* no discurso, assim como qual e como se dá o papel do *e/le* nessa discussão dos estudos da linguagem, na literatura e na filosofia. Nesta seção, procurei mostrar como podemos pensar na construção transdisciplinar, trazendo para a discussão outros campos do conhecimento que se somam à narrativa sobre a constituição do indivíduo na sociedade, além dos efeitos que advêm da análise das particularidades de uma obra.

*

Neste capítulo foi possível realizar movimentos que possibilitaram novas nuances de teorização sobre os conceitos-chave nas obras citadas de Émile

Benveniste, *Problemas de Linguística Geral I e II*. Os textos utilizados, que traçam os princípios fundadores do pensamento benvenistiano, proporcionam uma base para pensar, sobretudo, os fundamentos da linguagem. Em um percurso cronológico, procurei mostrar como em *Estrutura das relações de pessoa no verbo* (1946) e *A natureza dos pronomes* (1956), o teórico explora a construção de singularidades linguísticas e a relação pronominal, no qual o pronome transcende a função de simples marcador e se torna o próprio fundamento da subjetividade na linguagem. Destaquei, também, como a díade *eu* e *tu* representam posições que só ganham sentido na troca, enquanto o pronome *ele* se coloca - ou é colocado - como posição de afastamento, abrindo espaços para reflexões sobre relações hierárquicas e intersubjetivas.

Procurei, também, aprofundar como o texto *Da subjetividade na linguagem* (1958) detalha a questão da subjetividade e a capacidade do sujeito se identificar como eu. Essa perspectiva é ampliada no texto *Estrutura da língua e estrutura da sociedade* (1968), quando foi possível explorar como esse sujeito se molda e é moldado pela sociedade, através da linguagem. A relação entre a estrutura linguística e social, considerando entre esses dois textos de Benveniste, permite que se perceba como as identidades e as interações humanas são mediadas pela linguagem.

Por fim, em *Semiologia da língua* (1969) e *O aparelho formal da enunciação* (1970), tratei da complexidade da rede de significação e interpretação que caracteriza a linguagem humana, a partir de Benveniste. Apresentei noções de enunciação, por exemplo, a fim de destacar que a linguagem é o espaço onde se constituem sujeito e estrutura social. Dessa maneira, os textos de Benveniste servem não só como busca de embasamento para a minha análise literária, como também uma possibilidade de compreender diversas hipóteses que se sucedem através da discussão sobre forma e sentido, considerando que a análise da linguagem como um processo desvela que esta é, simultaneamente, pessoal e coletiva, estruturante do social e constituída pelas relações que ocorrem nos espaços discursivos, onde a relação pronominal se faz necessária e imprescindível.

Com isso encerro esta subseção e este capítulo ao buscar explorar no próximo capítulo como as ideias, trabalhadas até aqui, poderão dialogar e encontrar sentido com a proposta que advém, principalmente, de Dufour. Essa

introdução a Dufour permitirá ampliar a discussão pronominal, sobretudo acerca do *e/le*, em um caráter linguístico, filosófico e literário, abrindo vias de análise sobre o personagem-narrador na obra *O Estrangeiro*, de Albert Camus.

2 - O ANIQUILAMENTO DO *ELE*: A REPRESENTAÇÃO DA AUSÊNCIA

O mundo nos escapa porque volta a ser ele mesmo. Aqueles cenários disfarçados pelo hábito voltam a ser o que são. Afastam-se de nós. Assim como há dias em que, sob um rosto familiar, de repente vemos como uma estranha aquela mulher que amamos durante meses ou anos, talvez cheguemos mesmo a desejar aquilo que subitamente nos deixa tão sós. Mas ainda não é o momento. Uma coisa apenas: essa densidade e essa estranheza do mundo, isto é o absurdo (Camus, 2019, p. 28).

Neste capítulo segundo, farei análise da obra *O Estrangeiro* (1942), de Albert Camus, a fim de pensar na reversibilidade pronominal, o *eu* e o *tu*, diante da oposição que se instaura ao *ele*. Antes, irei entrar na discussão pronominal de Dany-Robert Dufour, a fim de destacar como o ausente, o *ele*, se faz presente na transitividade pronominal de *eu* e *tu*. Após, irei afunilar a discussão sobre esse ausente/presente em Dufour, através da relação entre o binarismo e o trinitário para discorrer sobre esses estudos durante a análise da obra *O Estrangeiro*, de Albert Camus.

Dividido em duas partes, *O Estrangeiro* traz como personagem principal Meursault, que sofre uma reviravolta em sua vida após cometer um assassinato no final da primeira parte do livro. A partir disso, na segunda parte, Meursault se vê cada vez mais distante do seu lugar no discurso, por vezes fora da reversibilidade entre *eu-tu*, na medida em que ele é relegado ao papel de não-pessoa, o *ele*. Na primeira parte da obra, Meursault transita entre os papéis de *eu* e *tu*, e raramente de *ele*. Os diálogos estão presentes, permitindo uma dinâmica intersubjetiva entre os personagens, incluindo o personagem-narrador. Os pronomes *eu* e *tu* são interdependentes, o que reforça a ideia de reciprocidade e transitividade. Para Benveniste (1970), o diálogo é o espaço para a linguagem, e é ali que a subjetividade se manifesta. O *eu* só existe na presença

de um *tu*, pois o *eu* se identifica a partir do reconhecimento dado pelo *tu*, em meio à intersubjetividade.

Já os monólogos na obra refletem um *eu* (Meursault) que projeta um *tu* que é, na verdade, ele mesmo, em um movimento introspectivo. Na segunda parte, no entanto, os diálogos diminuem, predominando os monólogos. Ainda no monólogo, o *eu* pode projetar um *tu* imaginado, ou até mesmo assumir o lugar de *ele*, ao refletir sobre si mesmo, deslocando o foco da relação com outros, para uma relação consigo mesmo. Esse deslocamento evidencia o jogo pronominal em que Meursault se encontra, especialmente nos monólogos, onde *eu* e *tu* frequentemente se fundem, apontando para uma relação fragmentada consigo mesmo.

Quando ocorrem diálogos, Meursault ocupa o lugar de *eu* em alguns momentos e os outros personagens, o lugar de *tu*. Porém, há momentos de ruptura, em que Meursault é deslocado da reversibilidade *eu-tu* e colocado no lugar de *ele*. A passagem de *tu* para *ele*, além disso, é significativa no jogo pronominal porque pode indicar uma transformação do foco do discurso, deslocando-se da relação interpessoal para a objetificação do outro.

Dessa maneira, discutirei como se desenvolve esse aniquilamento do sujeito na obra e será explicado neste capítulo, também, como a ausência representada no campo discursivo da reversibilidade pode ser caracterizada como uma presença desse ausente, o *ele*, a partir de Dufour (2000), na instância discursiva e intersubjetivante entre os falantes *eu-tu*; ademais, trarei um ponto de vista particular para a análise da obra, atentando para o movimento do personagem-narrador em meio à alternância pronominal instaurada na obra de Camus. Será apontado, também, como base fundadora do dispositivo pronominal, a teorização advinda da filosofia de Albert Camus e de Émile Benveniste, sustentando a problematização evocada nesta tese.

Todo o resgate feito até aqui será primordial para essa aproximação com a literatura. O estudo interdisciplinar realizado até então, no que compete aos estudos linguísticos, filosóficos e literários, pretende buscar uma nova abertura a partir dos trabalhos que pude verificar até então, dando foco e ênfase para a transdisciplinaridade na pesquisa acadêmica.

2.1 A discussão pronominal em Dufour: o ausente presentificado

Os estudos de língua e literatura propiciam com que se busquem, na teorização proposta sobre o dispositivo trinitário pronominal, aberturas diante das mais diversas formas de se entender a atuação pronominal dos sujeitos nos estudos da linguagem. Conforme destacado anteriormente, no primeiro capítulo, Benveniste propõe, em *Natureza dos Pronomes* (1956), que os pronomes não constituem formas únicas, mas “espécies diferentes segundo o modo de linguagem do qual são os signos” (Benveniste, 2005, p. 277). Enquanto há forma, no que concerne ao uso da sintaxe da língua, há produções de sentidos que se constituem diante das “instâncias do discurso” (2005, p. 277). Com isso, os pronomes se constituem como problemas de linguagem e de língua, promovendo, assim, a não desassociação entre linguagem e língua.

Dufour argumenta que essas três dimensões pronominais, a partir de Benveniste, estão interconectadas e influenciam no desenvolvimento da subjetividade de um indivíduo. É a partir do dispositivo pronominal, e da sua relação transitiva, que Dufour analisa como as influências sociais, culturais e psicológicas moldam a forma como as pessoas se percebem, se relacionam com os outros e se inserem nas estruturas sociais, e que essas percepções advêm do dispositivo pronominal na cultura e na sociedade. A compreensão dessas dinâmicas é essencial para entender como as subjetividades individuais, de cada sujeito dentro do processo transitivo, são formadas e como as sociedades funcionam.

Segundo Dufour, o *eu*, o *tu* e o *ele* são elementos essenciais para explorar as complexas interações entre indivíduos, suas relações interpessoais e as estruturas sociais que os envolvem. Esses pronomes desempenham um papel central em sua análise linguística, antropológica e psicanalítica, e é nessa transição pronominal que surgem diferentes formas de experienciar a si mesmo, o outro e a sociedade. É essa dinâmica que será o foco desta parte do texto.

Propondo ao discurso a presença da ausência denotada por *ele*, a alteridade que se constitui no aqui e agora está, a cada passo, estabelecendo-se através da experiência na linguagem, tendo o ali e a ausência como constituidoras, também, das condições de discurso, como aponta Dufour. Com isso, o trinitário ganha lugar ao persistir em um constante devir da existência e,

para isso, sustenta, através dos sujeitos, os acordos que permitem as alternâncias vivenciadas pelo homem em sua existência, manifestas nos atos que refletem a reversibilidade pronominal.

Ademais, segundo Dufour, “se estamos ainda hoje num espaço trinitário de língua e de pensamento, é porque para administrar a relação vida-morte foi necessário utilizar um dispositivo trinitário” (Dufour, 2000, p. 324). Dufour dedica-se a pensar sobre o que chama de “fenômenos linguísticos” para mostrar que, quando se verbaliza, “todo fato só pode se dar na e pela língua” (2000, p. 325). A fim de corroborar com o que foi dito anteriormente, abaixo, Dufour atenta para o fato de que:

A língua só se constitui como tal (como vetor de um sistema simbólico que permite a gênese social e individual dos sujeitos) integrando-lhe alguma coisa que está radicalmente fora da língua. Quero dizer que é integrando e gerindo a relação vida-morte, de ordem onto, filo e morfogenética, que o sistema simbólico se constitui como tal (Dufour, 2000, p. 325).

No que tange à língua, Dufour mostra que ela é indissociável da linguagem, da cultura, do social e do corpo. Se essa inscrição no espaço discursivo não existisse, não haveria o dispositivo pronominal e, muito menos, “comunicação intersubjetiva” (Dufour, 2000, p. 74). Ao se discutir sobre o sujeito trinitário, forçosamente se discute sobre o funcionamento dos pronomes e, sobretudo, sobre linguagem, tendo em vista que “a língua natural, aquela que vocês e eu falamos todos os dias, é habitada pela trindade [...] somos sujeitos do trinitário” (Dufour, 2000, p. 16).

A manifestação da língua pelo homem não se transmite somente através do ato da fala, mas também pelo próprio corpo, abrindo espaço para que o sujeito e o estudo trinitário ultrapassem margens impostas pelo binarismo. Romper com o binário é, segundo Dufour, diagnosticar o mal-estar do homem, da civilização e do enclausuramento da “trindade pela binariedade” (2000, p. 23). Se tem, com esse rompimento, a expressão interlocutória da ausência no espaço de co-presença da díade *eu* e *tu*.

Se “para ser um, é preciso ser dois, mas quando se é dois, de imediato se é três” (2000, p. 55), tem-se a representação do *ele* como perspectiva sempre daquela não-pessoa presentificada no espaço discursivo de *eu* e *tu*. Com esse pensamento, Dufour se aproxima novamente de Benveniste que, em *Problemas*

de *Linguística Geral I* (2005), postula que a experiência só pode ser experimentada por contraste, buscando integrar a relação entre os sujeitos da experiência na e pela linguagem, através da intersubjetividade.

Como Dufour aponta, a presença é denotada pela co-presença entre o *eu-tu*, onde é possível que haja a troca e o preenchimento das conchas vazias. Já a não-pessoa, o *ele* “representa de fato o membro não marcado da correlação de pessoa” (Benveniste, 2005, p. 282), a saber, a não-pessoa é uma posição discursiva e oposição à pessoa que enuncia (*eu* locutor).

O que faz ser possível o cenário para a manifestação da relação trinitária é a maneira pela qual as três pessoas se relacionam, pois quando se fala sobre o *ele*, vemos um pronome fora da relação discursiva, mas presentificado através da verbalização que ocorre na transitividade entre o *eu* e o *tu*. O *ele*, assim como se observa em Benveniste, é tomado por Dufour como uma manifestação, também, de menosprezo. Contudo, para Dufour, a expressão menosprezo passa a ser chamada, também, de aniquilamento. Sobre a dimensão que o *ele* pode vir a ter, mesmo ausente ou relativo ao número de pessoas indexadas, Dufour escreve,

De sua função de forma não-pessoal, a 'terceira pessoa' tira essa capacidade de tornar-se tanto uma forma de respeito, que faz de um ser mais que uma pessoa, quanto uma forma de ultraje, que pode aniquilá-lo enquanto pessoa. "Ele" é, pois, forma não-pessoal num segundo sentido: não somente ele não vem indexar, necessariamente, uma pessoa, mas, além disso, quando é o caso, pode não corresponder exatamente à pessoa, pode significar a promoção ou o aniquilamento de uma pessoa; pode, em suma, indicar mais ou menos que uma pessoa - Enfim, ele pode ser forma não-pessoal num terceiro e último sentido: o "ele" pode, com efeito, denotar igualmente uma variação não mais qualitativa, mas quantitativa, relativa ao número de pessoas indexadas. Este número só pode assumir dois valores, dois valores extremos: o "ele" pode ser, segundo Benveniste, "uma infinidade de sujeitos ou nenhum" (Dufour, 2000, p. 109).

A ausência representada pelo *ele*, como podemos ver na citação acima, pode e sofre alterações diante da ação que advém da relação dual (*eu-tu*), mas também abre espaço para um espectro de amplitude quanto às possibilidades de presença e manifestação. Na análise do personagem-narrador na obra de Camus, meu foco está em examinar como o *ele* pode não ser apenas um sinal de menosprezo e aniquilamento, mas uma referência de múltiplas potências de

formas de estar na linguagem que se revelam e se escondem conforme o contexto. A "infinidade de sujeitos", no campo social, pode e deve ser observada não apenas como aspecto de afastamento, mas também na pluralidade de modos de ser sujeito que se desenham a partir do *ele*. Em alguns contextos, por exemplo, o *ele* pode representar sim sujeitos à margem, mas também abrir caminho para identidades que transcendem o próprio *eu* e *tu*, formando uma complexidade de significados. Isso se dá quando o *ele* atinge camadas, pois essa não-pessoa representa tanto o afastamento quanto a diversidade, tanto a exclusão quanto a expansão das subjetividades possíveis. Os valores que o pronome *ele* carrega são múltiplos e dinâmicos e refletem a riqueza da experiência humana em suas relações com o outro e com a sociedade. Dufour afirma que essas maneiras de representação do *ele* se desdobram de duas formas:

uma ausência positivamente representada no campo da presença e, por trás dela, uma outra forma da ausência, irrepresentável no campo da presença, uma ausência radical, marcada na análise de Benveniste por termos como "anulação", "nenhum sujeito" ... Por trás do "ele" da ausência re-presentada, permanece um "ele" da ausência radical; para captá-lo, seria necessário escrevê-lo, depois barrá-lo. O "ele" da estrutura trinitária é o lugar onde se articula, por desdobramento interno uma nova díade "ele/ele", correspondente aos dois valores de promoção e de minoração da coisa indexada, ou ainda aos dois valores: "ele, todos os sujeitos" e "ele, nenhum sujeito", ou ainda aos dois valores da ausência, a ausência re-presentada e a ausência radical (Dufour, 2000, p. 110).

Na citação referida acima, a noção de "ele" como ausência que se torna positivamente representada no campo da presença é posta com uma ideia de uma ausência *re-presentada* que implica, necessariamente, a existência de um ponto de referência na linguagem que demarca algo que está fora do campo de visão imediato, mas que ainda se mantém presentificado enquanto índice repleto de significados. Essa ausência positivada destaca-se no estudo linguístico e psicanalítico, sendo uma dentre tantas possibilidades de compreensão do *ele* não apenas como uma ausência literal, mas como uma ausência implicada - e/ou re-presentada - no discurso.

Já a teorização sobre o *ele* como ausência radical - a ausência que não possui representação positiva - abre para outros caminhos analíticos. Na análise de Benveniste referida por Dufour, a ausência radical se fundamenta por termos

como "anulação" e "nenhum sujeito", o que caracteriza o pronome ele como algo que, para ser captado, deve ser escrito, e em seguida, riscado. O *e/e* barrado não ocupa lugar de ausência que é preenchida e que preenche, mas se mantém como um índice vazio absoluto, o que, para Dufour, revelaria uma nova díade do pronome: *ele/ele*¹⁴, referindo-se ao *e/e* que representa todos os sujeitos versus o ele que não representa sujeito algum.

Para a análise neste trabalho, minha atenção se volta para o conceito de ausência representada tendo em vista o que vem sendo discutido a partir de Benveniste e da própria discussão advinda de Dufour sobre a ausência do *e/e* presentificada na relação da díade *eu* e *tu*. Porém, a ideia da ausência radical é fundamental para o trabalho, pois possibilita uma compreensão profunda das dinâmicas de subjetividade e objetificação. A ausência representada e a ausência radical interagem para construir uma visão mais completa do pronome ele enquanto signo, um ponto importante e que se articula entre o que simboliza e o que transcende à linguagem, abrindo novas possibilidades de abordagem nesta tese

Essas posições teóricas do filósofo, em conjunto com a base teórica benvenistiana, surgem como elementos a fim de construir uma ponte para a análise do personagem-narrador na obra *O Estrangeiro*, tendo em vista o pronome *ele* marcado em uma posição fora da correlação de pessoa pela díade *eu-tu*, porém, autenticando a sua presença no campo da ausência.

Essa discussão faz com que seja necessário falar sobre a relação entre o binário e o trinitário em Dufour, sobretudo por conta do que se busca apresentar neste trabalho: mais uma pesquisa que inscrever-se entre os estudos discursivos e enunciativos que romperam com paradigmas. A proposta, portanto, é desafiar visões mais tradicionais sobre a linguística, especialmente no que se refere aos estudos benvenistianos. Assim, almeja-se explorar como esses estudos ampliam

¹⁴ As diversas formas apresentadas por Dufour, sobretudo no capítulo *Dois-“ele”*, são muito caras para as análises no campo dos estudos da linguagem, por se tratar de díades e tríades que desenrolam-se nos estudos não só da linguagem, como também da filosofia e da psicanálise. Alguns exemplos, como: *eu-tu/ele*, (*eu-tu/ele*) ~~ele~~, (*eu-tu/ele*) versus ~~ele~~, *eu/ele*, chamam a atenção na pesquisa, sobretudo a última díade composta pelo *eu* e pelo *ele*. Sobre essa relação, Dufour propõe que esse é o modo da “descontinuidade, da intransitividade, da metaforização, sendo ‘eu’ e ‘ele’ não mais apostos, e sim opostos um ao outro. Essa segunda relação se define pela ausência: é o ausente que funda o espaço dos co-presentes e os constitui como conjunto, como todo. Estes dois modos definem os dois tipos de proposições lógicas possíveis: respectivamente, a proposição singular e a proposição universal” (Dufour, 2000, p. 300).

as possibilidades de análise em diferentes objetos, dialogando com as perspectivas teóricas da linguagem, literatura e filosofia.

2.2 O binário e o trinitário para Dufour

A binariedade e a discussão trina evocam reflexões relevantes não apenas para a filosofia, mas também para teorias e práticas em diversos contextos de pesquisa. Anteriormente, abordei como as teorizações filosóficas, literárias e linguísticas se encontram em uma discussão trina sobre o sujeito. É através do fio condutor que a subjetividade se manifesta na relação com os outros sujeitos na transitividade proposta pelo advento do dispositivo pronominal trinitário que foi abordado em primeiro instante com Émile Benveniste e, em seguida, com Dufour, ao encontrar uma ampliação desse pensamento que se traduz em ação.

A discussão entre o binário e o trinitário para a análise de *O Estrangeiro* é importante para esta tese, pois está amparada nas configurações filosóficas e linguísticas que emergem da obra literária. Como foi mencionado e ainda está sendo discutido ao longo das seções, a relação entre os sujeitos e a complexidade da existência humana permeia a obra, estando profundamente conectada às noções de binário e trinitário. Enquanto o pensamento binário é o ponto de partida para mostrar que não há como simplificar a complexidade que é a realidade humana, sobretudo por saber que é no trinitário que ocorrem as transitividades na e pela linguagem, o trinitário transcende a dualidade, reconhece a existência e conecta o *eu*, o *tu* e o *ele*.

Quanto à filosofia, o existencialismo e o absurdo são categorias importantes que também são evocadas na análise do personagem-narrador da obra. Temos a compreensão da noção de absurdo diante da e pela existência, enquanto o trinitário está agindo na e pela linguagem. O absurdo não é apenas coexistência do caos, mas ele se constrói na experiência intersubjetiva, o que se pode observar no processo de desenvolvimento da narrativa. A experiência de Meursault é justamente, portanto, mediada pela consciência e essa consciência nasce justamente da percepção de sua mudança de posição discursiva na narrativa. Tal consciência aponta uma busca pelo sentido, num mundo que parece desprovido desse.

Na obra *Os Mistérios da Trindade*, o filósofo Dany-Robert Dufour (2000) propõe um “tratado” (2000, p. 11) do trinitário. Tal pensamento surge através da problemática gerada na história da civilização diante de narrativas sociais sobre, por exemplo, o desejo pelo eterno e o medo pela morte. Com isso, a instauração de um pensamento e um agir binário em uma sociedade que busca, através das suas realizações, objetificar uma realidade, torna o *eu* como aquele que não possui um lugar e, por conta disso, há uma impossibilidade para a intersubjetividade.

O problema que Dufour levanta em seu livro acerca do trinitário articula uma espécie de correção ao “erro unário” (DUFOUR, 2000, p. 103), conforme já citado na página 52. Esse “erro” seria o pensamento somente sobre o *eu* reflexivo, excluindo toda e qualquer outra forma de relação, binária e trinitária. Se o agir girasse apenas em torno do que Dufour entende por “erro unário”, não haveria desdobramentos, intersubjetividades, e a linguagem, segundo o filósofo, “falaria sozinha” (2000, p. 103).

Como diz Dufour, o homem binário “quer a eternidade” (2000, p. 11) para, com isso, se tornar um “super-homem” (2000, p. 11). Recorrendo a Nietzsche, sobretudo às obras *Aurora*, de 1881, e *Gaia, ciência*, de 1882, Dufour afirma que o desejo pelo eterno e a vontade pela cobiça levará a humanidade, de acordo com *Assim Falou Zaratustra* (1883), para a não-morte, a realização da história e o além-homem.

Eles possuem algo de que se orgulham. Como chamam mesmo o que os faz orgulhosos? Chamam de cultura, é o que os distingue dos pastores de cabras. Por isso não gostam de ouvir a palavra ‘desprezo’ quando se fala deles. Então falarei ao seu orgulho. Então lhes falarei do que é mais desprezível: ou seja, do último homem.’ E assim falou Zaratustra ao povo: É tempo de o homem fixar sua meta. É tempo de o homem plantar o germe de sua mais alta esperança [...] vede! Eu vos mostro o último homem. ‘Que é amor? Que é criação? Que é anseio? Que é estrela?’ — assim pergunta o último homem, e pisca o olho. A terra se tornou pequena, então, e nela saltita o último homem, que tudo apequena. Sua espécie é inextinguível como o pulgão; o último homem é o que tem vida mais longa. ‘Nós inventamos a felicidade’ — dizem os últimos homens, e piscam o olho (Nietzsche, 2011, p. 16).

Na obra de Nietzsche, encontra-se na teoria sobre o além-homem a discussão binária que Dufour evoca em *Os mistérios da trindade*. Nietzsche

(2011) procura mostrar como o indivíduo e o mundo binário buscam selar um fechamento, impossibilitando o novo através da experiência do trinitário. A citação que coloco acima explicita como Nietzsche usa essa figura, Zaratustra, como uma crítica à sociedade contemporânea (para ele, do século XIX) que percebe como cada vez mais voltada para a trivialidade, para o conforto e para a falta de aspirações elevadas, ou seja, estagnada na história. Ele adverte contra uma mentalidade que busca apenas o prazer imediato e evita qualquer tipo de desafio ou esforço significativo, por exemplo. Logo, ele está alertando sobre o perigo de uma cultura que valoriza apenas o conforto e a segurança em detrimento da busca por realizações. Por isso, Nietzsche (2011) discute a ideia de "além-homem" como uma espécie de ideal a ser alcançado pela humanidade. O "além-homem" é uma figura que transcende as limitações e as morais convencionais, buscando a auto-superação e a criação de seus próprios valores.

A partir de Nietzsche, Dufour ecoa essa ideia sobre o sujeito e sobre a sua cultura ao relacionar o desejo humano pelo eterno e a vontade de cobiça com a realização da história e o conceito do "além-homem". Através dos estudos sobre o binário, compreendo que essa relação mostra o desejo pela imortalidade (o eterno) e a busca incessante por mais (a cobiça) como impulsos que elevam a humanidade em direção a um estado de não-morte, onde a própria noção de morte, tanto física quanto metafórica, é transcendida.

No que tange à binariedade, ela sempre procurou investir na “presença sempre outra do mesmo” (DUFOUR, 2000, p. 356), ou seja, na formalização de maneiras únicas de fala, de existência e de pensar. O que antes era recusado pelos pitagóricos, sobretudo com relação à recusa da relação trinitária, ao longo da história foi findando relações “desligadas das necessidades de representações de uma ausência” (2000, p. 355).

O trinitário surge, por sua vez, a fim de romper com o dualismo. Se há, na sociedade binária, uma coexistência da presença entre dois locutores, o trinitário será o espaço interlocutório da “copresença como lugar para a ausência” (2000, p. 55). A ausência denotada pelo *ele*, a não-pessoa como apresentou Émile Benveniste em *Problemas de Linguística Geral I* (2005) e *II* (2006), estará inscrita no espaço discursivo, na instância pela qual ocorre a reversibilidade binária entre um *eu* e um *tu*.

A fim de discutir e aprofundar a *re*-apresentação da ausência do *eu* como presença em um texto literário, utilizo a análise de *O Estrangeiro*, de Albert Camus, para evidenciar como essa dinâmica se manifesta no personagem da obra, Meursault. Na primeira parte do livro, o movimento de Meursault se dá no espaço intersubjetivo do *eu* e do *tu*, estabelecendo uma presença que se articula em relação aos outros e ao mundo ao seu redor. Na segunda parte da obra, o *eu* se destaca como uma ausência marcada, um espaço discursivo onde a díade *eu-tu* se dissolve, deixando lugar para um *ele* da ausência *re*-apresentada. Seguindo a análise de Dufour, essa ausência se bifurca: há o *ele* como presença afastada, uma ausência visível, que ainda remete a um sujeito, e o *ele* barrado, uma ausência radical. Nesse movimento interno, desdobra-se uma nova díade como já foi discutido aqui, a *ele/ele*, que articula tanto o valor de uma presença possível quanto o de um afastamento absoluto. Dessa maneira, a análise do *ele* na obra permite explorar como a ausência e a presença são representadas, refletindo a complexa condição de um sujeito fora das normas de identificação e alteridade social.

A alteração do espaço dado a Meursault, ou a falta dele, diante da instância discursiva, é o mote de análise da obra. Logo, o embate teórico que há, entre o binário e o trinitário, evocará, na discussão proposta neste trabalho, o dispositivo pronominal diádico (*eu-tu*) e o dispositivo pronominal trinitário (*eu-tu/ele*) na obra de Camus. Nas próximas seções, irei adentrar ao texto de Camus e darei início à análise.

2.3 “Do fundo do meu futuro”: o jogo pronominal em *O Estrangeiro*

Benveniste sustenta que os pronomes, especialmente *eu* e *tu*, são elementos essenciais para a constituição da subjetividade. Ao longo do trabalho, procurei delimitar como se desenrola essa constituição, a fim de adentrar mais a fundo no outro pronome, o *ele*, pois marca o envolvimento direto da terceira pessoa com os falantes na enunciação. O *eu* é sempre uma instância presente no discurso, que se encontra em curso na e pela linguagem, referindo-se ao sujeito que fala no momento da enunciação e na troca correspondida com um *tu*. O pronome *ele* desempenha um papel importante na construção da narrativa, quando pensamos na sua ação na obra de Camus, justamente por relevar uma

dimensão importante quanto à relação do protagonista com o mundo e com a alteridade (e a falta de).

Em *O Estrangeiro*, Meursault manifesta uma mistura de sensações em sua postura. Isso é notável na passagem sobre a morte da sua mãe, pois reflete um possível afastamento emocional, assim como um processo de luto pouco convencional aos personagens da obra. Quando narra a perda, o protagonista o faz de maneira simples, com um tom de indiferença por não parecer querer saber ao certo o dia da morte: "hoje, mamãe morreu. Ou talvez ontem, não sei bem" (Camus, 2020, p. 13). Esse "não sei bem" revela um aspecto do personagem: ele não aparenta uma forte conexão com os eventos traumáticos, no entanto, seu relato expressa a perda por meio de uma relação, sugerindo que o seu luto e a sua culpa se manifestam, mas de maneira não convencional,

Desci para comprar pão e massas, cozinhei e comi de pé. Quis fumar na janela, mas o tempo tinha refrescado e senti um pouco de frio. Fechei as janelas, e ao voltar, vi no espelho um canto da mesa com a lamparina de álcool entre pedaços de pão. Pensei que passara mais um domingo, que mamãe agora já estava enterrada, que ia retomar o trabalho e que, afinal, nada mudara (Camus, 2020, p. 32).

O comportamento de Meursault após a morte da mãe ilustra um luto que não se traduz nas páginas na forma de tristeza profunda ou angústia explícita, mas antes em uma normalização habitual da própria rotina que o personagem leva, na qual ele parece mais atrelado ao hábito do cotidiano do que à experiência emocional. Na citação acima, por exemplo, ao observar sua mesa através do espelho e refletir que "mamãe agora já estava enterrada, que ia retomar o trabalho e que, afinal, nada mudara" (Camus, 2020, p. 32), Meursault deixa entrever uma consciência da passagem do tempo e uma acomodação da morte na continuidade da vida, o que pode sugerir uma forma de luto, no qual a repetição cotidiana se faz como máscara ou proteção de um enfrentamento direto com um evento traumático.

A culpa, embora não seja verbalizada de maneira recorrente por Meursault na obra, surge como uma presença sutil no diálogo com Marie quando ele menciona a morte da mãe e reflete: "Tive vontade de dizer-lhe que a culpa não era minha [...]. De qualquer modo, a gente sempre se sente um pouco

culpado" (Camus, 2020, p. 28). O comentário feito a Marie revela um traço de Meursault, em que a culpa nesse caso parece surgir de maneira latente, talvez por ele não se comportar como a sociedade espera. Essa sensação de culpa poderia estar relacionada à consciência de que seu comportamento destoava do que é convencional, algo que ele, consciente ou inconscientemente, reconhece.

Ainda na primeira parte da obra, se faz instigante a relação do protagonista no próprio velório da mãe, quando o entendimento de Meursault sobre o falecimento de sua mãe é construído a partir de um cenário desconhecido pelo personagem. O diálogo com o diretor e o porteiro do asilo, por exemplo, revela um distanciamento do protagonista quanto aos momentos em que a sua mãe passou em sua estadia na casa de repouso. Essa percepção fica mais clara quando o diretor conta a Meursault que sua mãe havia feito amizades,

- A Sra. Meursault entrou aqui há três anos. O senhor era seu único apoio. – Achei que me estava censurando por alguma coisa e comecei a explicar-lhe. Mas ele me interrompeu: - Não tem de justificar-se, meu filho. Estive lendo o dossiê da sua mãe. O senhor não podia prover o seu sustento. Ela precisava de uma enfermeira. O seu ordenado é modesto. E, afinal, ela era mais feliz aqui.

- Sim, Sr. Diretor – concordei.

- O senhor sabe – acrescentou ele -, aqui ela tinha amigos, gente da mesma idade. Podia compartilhar com eles interesses de outros tempos. O senhor é jovem e ela certamente se entediava na sua companhia.

Era verdade. Quando estava lá em casa, mamãe passava todo o tempo a me seguir em silêncio com os olhos (Camus, 2020, p. 14).

No diálogo entre Meursault e o diretor, é mencionado que a mãe formou laços de amizade no asilo, contrastando com as memórias do protagonista. Ao recordar que sua mãe "passava o tempo todo a me seguir com os olhos" (p. 14), é sugerido que havia ali uma rotina entre os dois que não incluía interações profundas. A conversa com o diretor denota um aspecto particular do luto de Meursault, quando o distanciamento do seu laço familiar o faz experimentar um luto sem uma dor visível, mas com uma culpa possivelmente reprimida.

A dinâmica entre o luto e a culpa na experiência de Meursault permite

explorar como o personagem-narrador se posiciona diante das experiências. As ordens linguísticas - o *eu* e seus desdobramentos na discursividade - proporcionam que as ações cotidianas, assim como a hesitação diante da culpa, se tornem as vias pelas quais o personagem processa internamente o evento traumático - e isso fica mais evidente quando temos os eventos narrados pelo narrador - revelando uma luta para dar sentido à morte e a uma sensação de inadequação com relação às normas de luto.

O *eu* que fala apresenta-se de maneira aparentemente desprovida de expressões emocionais explícitas, produzindo efeitos diante das cenas relatadas, o que sugere que Meursault ainda não manifesta um envolvimento perceptível nos eventos descritos, assim como na situação abordada na citação acima. O 'tu', na obra de Camus, que poderia ser o outro com quem o protagonista estabelece algum tipo de relação, aparece em sua vida de forma mais superficial e frequentemente fragmentada. Dessa forma, as interações entre 'eu' e 'tu' parecem, em muitos momentos, distanciadas e não necessariamente orientadas por um sentido emocional. Abaixo, podemos observar como se configuram essas interações sem aparente carga afetiva, especialmente na relação do protagonista com Raymond,

Tanto fazia ser ou não amigo dele, e ele parecia realmente ter vontade disso. Lacrou a carta e acabamos o vinho. Depois ficamos um instante fumando, sem dizer nada. Lá fora tudo estava calmo, ouvimos o deslizar de um carro que passava [...] Devia estar com um ar de cansado, porque Raymond me disse que eu não devia me entregar. A princípio, não compreendi. Explicou-me, então, que soubera da morte de minha mãe, mas que era uma coisa que, mais dia, menos dia, tinha que acontecer. Essa era também a minha opinião (Camus, 2020, p. 40).

Meursault narra a história em primeira pessoa, mas seu uso do pronome *eu* revela um distanciamento significativo em relação a si mesmo. O *eu* de Meursault parece distanciado de si mesmo, quase como se fosse um observador da sua própria vida, pois está narrando uma cena passada, em que o Raymond é colocado no lugar de *ele*. De certa forma, embora Meursault ainda seja o *eu*, ao narrar fatos do passado, distancia-se de si mesmo. A maneira e objetiva com que o protagonista descreve eventos cruciais - como a morte da sua mãe ou o

assassinato do árabe - reforça a ausência de uma conexão com emoções de outros personagens, por mais que ele se sinta fiel a si próprio.

Quando o promotor se sentou, houve um silêncio bastante longo. Quanto a mim, estava atordoado pelo calor e pela perplexidade. O presidente tossiu um pouco, e em tom muito baixo perguntou se eu tinha algo a acrescentar. Levantei-me, e como estava com vontade de falar, disse, aliás um pouco ao acaso, que não tinha tido intenção de matar o árabe. O presidente respondeu que isto era uma afirmação, que até então não tinha entendido muito bem o meu sistema de defesa e que gostaria, antes de ouvir o meu advogado, que eu especificasse os motivos que inspiraram o meu ato. Disse rapidamente, misturando um pouco as palavras consciente do meu ridículo, que fora por causa do sol. Houve risos na sala. Meu advogado encolheu os ombros e logo a seguir deram-lhe a palavra. Mas ele declarou que era tarde, que precisava de muito tempo e que pedia o adiamento até depois do almoço. O tribunal concordou (Camus, 2020, p. 108).

Aos olhos do protagonista, o seu relato, por mais “ridículo” que fosse, ainda era verdadeiro. Porém, a maneira pela qual os fatos foram se sucedendo, levaram o protagonista para este momento do julgamento. Cabe salientar que Meursault, embora alheio a algumas formalidades jurídicas, não negou o ato que cometeu e também não achou necessário escolher um advogado, pois não imaginava que era necessário um ao seu caso, como testemunha o fragmento a seguir,

Na conversa que o personagem tem com o juiz de instrução “Depois quis saber se eu já escolhera um advogado. Admiti que não e perguntei-lhe se era absolutamente necessário ter um advogado.

- Por quê? – perguntou ele.

Respondi que achava o meu caso muito simples. Sorriu, ao dizer:

- É uma opinião. No entanto, a lei existe. Se o senhor não escolher um advogado, nomearemos um defensor público.

Achei que era muito cômodo a justiça encarregar-se desses pormenores. Disse-lhe isto. Concordou comigo e concluiu que a lei era bem-feita (Camus, 2020, p. 67).

Só será possível ver uma mudança nessa percepção sobre a vida quando o protagonista for interpelado por outras pessoas ao longo da segunda parte do livro, fazendo com que o personagem interogue a si sobre o que acontece consigo dentro daquela sociedade que o julga - essa questão será abordada nas

próximas seções, pois reconheço que alguns pontos ainda necessitam de maior clareza. Além disso, novos desdobramentos surgirão a partir das conclusões alcançadas até o momento da pesquisa e da escrita.

Em relação ao *tu*, a figura do outro em *O Estrangeiro*, é abordada por Meursault com franqueza, tendo em vista os fragmentos que estão sendo referenciados e analisados até então. Nas relações com personagens como Marie, Raymond, o patrão, o advogado e os juízes, ele não busca dissimular emoções nem tenta responder às expectativas sociais que conduzem para envolvimento emocional. Nas trocas intersubjetivas, Meursault responde aos outros de maneira objetiva, sem ocultar sentimentos, ou mesmo a ausência deles, o que revela uma resposta direta à presença dos personagens com quem se relaciona.

A relação do protagonista com Marie, por exemplo, parece poder ser tomada como indiferente, pois revela uma franqueza que caracteriza a postura do personagem. Quando Marie lhe pergunta se ele a ama, sua resposta não é evasiva; pelo contrário, ele responde de maneira clara e objetiva: "isso não justifica nada, mas acho que não" (Camus, 2020, p. 49). A resposta revela uma transparência emocional em que Meursault não busca atender às expectativas afetivas de outra pessoa, mas responde de maneira sincera àquilo que define a sua relação com o seu par romântico. Esse ato responsivo indica que ele se envolve nas interações de acordo com as suas percepções, ao invés de reproduzir normas de afetividade esperadas.

Ao longo da narrativa - sobretudo em alguns momentos em que podemos compreender mais sobre o personagem Meursault, ao narrar os eventos - essa maneira de Meursault ver o mundo se torna ainda mais evidente. Na primeira parte da obra, sua relação com os outros personagens aparece gradualmente como pautada pela franqueza e pela falta de pretensão de preencher convenções sociais. Na segunda parte, a sua franqueza é vista como indiferença pelos pares, pois a sua postura se mostra como acentuada nas interações no tribunal, em que Meursault se comunica com o presidente da sessão e com o público de maneira direta, sem recorrer a um discurso que emocione para agradar ou justificar-se. Meursault, com isso, mostra um engajamento que respeita sua própria percepção de visão de mundo, sem se moldar às expectativas externas. As pessoas presentes no tribunal se configuram como

uma massa distante, exercendo julgamento sobre o protagonista, sem que ele se perceba como parte ativa desse processo. Essa situação evidencia o distanciamento fundamental de Meursault em relação ao mundo e ao outro, acentuando sua sensação de ausência naquele espaço, pois ele também vê o mundo distante de si.

Mais adiante na narrativa, o pronome *e/e* coloca em cena a objetividade e o distanciamento próprio de Meursault na primeira parte do livro, no qual é o *e/e* quem é colocado em um lugar de distanciamento. O *e/e* reforça uma distância por vezes emocional ou de alienação do protagonista com relação ao modo de viver do mundo do qual faz parte, mas é no segundo momento que o protagonista será visto com uma certa indiferença. A exterioridade impessoal que vimos na primeira parte da obra, como em “Tive, então, vontade de fumar. Mas hesitei, porque não sabia se podia, por causa de mamãe. Pensei: não tinha nenhuma importância” (2020, p.18), é vista pelos olhos do protagonista quando ele acaba sendo julgado pelo conjunto de ações ao longo dos seus dias que se sucederam após a morte de sua mãe, e não exclusivamente pelo assassinato que ele cometeu “Foi então que começou a falar da minha atitude com relação a mamãe [...] Falou muito mais longamente nisto do que a respeito do meu crime” (2020, p.106). Aqui temos, portanto, um possível ponto de indiferença e de falta de alteridade que a obra pode suscitar, pois é possível ver como Meursault passa a ser um observador passivo do seu próprio destino no tribunal. O uso do *e/e* na obra não é apenas uma questão de referência externa, mas também uma forma de refletir a despersonalização radical de Meursault. O uso discursivo da terceira pessoa, ao se referir aos outros ou mesmo à própria existência do narrador, promove essa transitividade pronominal. Em alguns momentos, o próprio Meursault é tratado como *e/e* na narrativa por ser um personagem que vive à margem dos outros personagens “de algum modo, pareciam tratar deste caso à margem de mim” (2020, p. 103).

Meursault se desgarrava de si ao dizer “O mar trouxe um sopro espesso e ardente. [...] Todo o meu ser se retesou e crispei a mão sobre o revólver” (2020, p. 64), e na segunda parte do livro o protagonista parece se reconectar consigo a partir da constatação sobre a falta de alteridade no mundo, sobre a

irracionalidade do mundo e sobre o absurdo que é a existência e esse viver. Essas constatações finais, na segunda parte, ficam claras abaixo,

Do fundo do meu futuro, durante toda esta vida absurda que eu levava, subira até mim, através dos anos que ainda não tinham chegado, um sopro obscuro, e esse sopro igualava, a sua passagem, tudo o que me haviam proposto nos anos, não mais reais, que eu vivia. Que me importavam a morte dos outros, o amor de uma mãe, que me importavam o seu Deus, as vidas que as pessoas escolhem, os destinos que as pessoas elegem, já que um só destino devia eleger-me a mim próprio e comigo milhares de privilegiados que, como ele, se diziam meus irmãos. Ele compreendia? Ele compreendia o que eu queria dizer? Todos eram privilegiados. Só havia privilegiados. Também os outros seriam um dia condenados. Também ele seria um dia condenado. Que importava se, acusado de um crime, ele fosse executado por não ter chorado no enterro de sua mãe? (Camus, 2020, p. 125).

Pode-se observar na citação acima a complexidade do jogo pronominal presente em *O Estrangeiro*, através das diversas ocorrências pronominais que desempenham papéis significativos na construção do personagem Meursault. Com o uso de "meu", "eu", "ele", tem-se marcadores que produzem o efeito de aproximação dos eventos narrados. Quando Meursault diz "eu levava" e "me haviam proposto", noto um distanciamento dos eventos narrados, típico do uso de formas verbais no pretérito mais-que-perfeito, que situam as ações em um passado anterior à enunciação. Esse distanciamento cria uma separação temporal entre o narrador e os fatos, enquanto o pronome possessivo "meu" e os pronomes pessoais "eu" e "me" operam como expressões de aproximação, revelando a tentativa de Meursault de vincular-se às experiências.

Ao analisar o uso do *e/le* na citação, quando Meursault diz "ele compreendia?", observa-se uma tentativa do protagonista de buscar no outro uma validação ou compreensão externa às suas próprias experiências. Nesse contexto, há uma reflexão que busca afirmar e justificar suas escolhas e decisões diante do seu entorno. O *e/le* pode remeter a um interlocutor ausente, alguém que não participa ativamente do diálogo como um *tu*, mas que ainda é necessário para a construção do sentido. Essa figura do *e/le* sublinha não apenas a fragmentação do personagem Meursault, mas também a necessidade do olhar do outro para consolidar a percepção de si mesmo, revelando uma dependência da confirmação externa para sustentar seu lugar. Esse ato de auto-observação

ou desdobramento – no qual ele olha para si mesmo de forma quase objetiva - marca uma ruptura entre o *eu* que experiencia e o *ele* que representa, algo que podemos ver na filosofia de Camus como útil para explorar o conceito de absurdo: a sensação de alienação do indivíduo face às expectativas e julgamentos da sociedade.

No contexto da reflexão acima, o monólogo, a partir de Benveniste, é um diálogo interiorizado, entre o *eu* locutor e o *eu* ouvinte. O *tu*, nesse caso, se apresenta como projeção de Meursault sobre si mesmo, configurando uma conversa consigo, fazendo com que essa dinâmica reflita a ideia de que o monólogo não é ausência de diálogo, mas uma forma interiorizada de reversibilidade enunciativa. Em *O Estrangeiro*, o que o personagem articula nos monólogos - e podemos ver isso acontecendo na citação acima - frequentemente influencia seus diálogos, especialmente na segunda parte da obra em que os discursos externos (com o capelão, por exemplo) são menos sobre diálogo direto com o *tu* como imagem de algum outro personagem e mais sobre a construção de um *tu* que reflete sua própria percepção. Assim, o *tu* nos monólogos e diálogos é simultaneamente o outro e ele mesmo, o que acaba por configurar a fragmentação e a complexidade do lugar do personagem no discurso. Essa linha reflexiva permite ilustrar a relação entre a subjetividade e a alteridade apontada por Benveniste, principalmente em seu texto *O aparelho formal da enunciação* (1970), onde o *eu* e o *tu* no monólogo de Meursault não apenas coexistem, mas se constroem mutuamente, projetando-se na enunciação.

Os pronomes na citação não dizem apenas sobre a perspectiva individual do personagem, mas também sobre a relação que há com o mundo e os outros personagens. O *eu* e o *ele* revelam um campo fértil para análise de identidade e alteridade no discurso, sobretudo ao mostrar a relação do personagem consigo mesmo ora como sujeito da ação, ora como observador das ações. Benveniste, por exemplo, propõe que a subjetividade na linguagem se dá a partir do *eu* que enuncia e, no caso de Meursault, vejo um desdobramento pronominal que questiona a fluidez do *eu* que está sempre posto diante da reversibilidade pronominal das relações com o *tu* e o *ele*.

Ademais, no momento do assassinato do árabe na praia, Meursault vivencia uma espécie de suspensão da sua identidade, pois ele se fragmenta

cedendo espaço a um movimento objetivo e direto diante da ação que é cometida. Sua justificativa "foi por causa do sol" (2020, p. 108) sugere um ato impulsionado, como se estivesse sujeito a uma ação alheia, um "ele" que parece atuar por si só. Aqui, Meursault não é completamente anulado, mas observa-se um distanciamento, um apagamento momentâneo da autoconsciência, que traduz o conflito entre a individualidade e a situação imposta, em um gesto que ecoa a indiferença. Ainda com relação à citação acima (p. 108), é possível ver de que maneira funciona a dinâmica pronominal na ocasião mencionada. O uso do *ele*, para referir-se e, portanto, culpabilizar o sol, cria uma distância entre si e a ação, em que o *ele* parece ser a força que move a cena, enquanto o *eu* se observa de fora, como um espectador de suas próprias ações. O *eu* que enuncia a frase "foi por causa do sol" está contando como a ação daquele externo, o outro de quem se fala, configura um novo momento na narrativa do personagem-narrador. Meursault, nesse caso, parece se ver como objeto da ação do ambiente. O *ele*, que se faz presença, invade o espaço do *eu*, já que Meursault está falando sobre essa terceira pessoa, propondo um jogo na narrativa que configura outras ações que vão se sucedendo no livro.

A ruptura é constante na obra de Camus. Adiante ainda neste trabalho, será destacada a importância dos cenários e do ambiente são importantes para a narrativa e a própria constituição de Meursault. Em um primeiro movimento de pensamento, Germano (2007) lança luzes sobre essa relação de ruptura do sujeito Meursault com os seus lugares, sobretudo com o sol,

Talvez possamos tomar a relação de Meursault com o sol como símbolo desta esquia existencial através da assimilação do ritmo cósmico: o sol cáldo dos banhos de mar, da alforria do entardecer e do prenúncio do amanhã, de fato, trapaceia, a relação do homem com a natureza que é de oposição originária: Meursault é a sua vítima exemplar. Meursault, o amante do dia, pensa que o ritmo da terra conspira em seu favor, que o sol forja sua inocência. Mas o sol lancinante do dia do enterro é o presságio de que o cosmo, a bem da verdade, joga contra a felicidade dos homens: é o que o impede de prosseguir. O homem não se conforma à limitação de sua existência: a natureza o engole em sua determinação inescapável de finitude. O sol que até então se mostrara redentor na vida de Meursault mascarara seu poder de calcinar até o dia do enterro. O sol – a tirânica ordem do cosmo - que é da beleza, mas também da indiferença e da injustiça, mostrará sua face cruel numa tarde na praia, desumanizando peremptoriamente nosso herói, repondo-

o na facticidade que é a cronologia do homem (Germano, 2007, p. 315-316).

Emanuel Germano sugere que o sol, na vida do protagonista, representa uma presença constante e contraditória, oscilando entre confronto e opressão, o que torna vigente a relação entre o homem e o cosmo. Meursault parece encontrar no sol um amigo, um refúgio que lhe parece proporcionar prazer - o calor do mar, o final de tarde, o novo dia que está por vir. O sol reforça a liberdade e reconciliação desse sujeito com a existência. Porém, a mesma força desse sol se faz dilacerante nos momentos decisivos, como no enterro da mãe e no assassinato, pois o sol deixa de ser acolhida e passar a ser opressão.

As escolhas lexicais como o sol e os cenários que constituem a narrativa são elementos que auxiliam na construção do personagem Meursault. Tais escolhas, protagonizadas pelos elementos que constituem os cenários da obra, servem como marcos narrativos que transcendem a simplicidade lexical, pois apresentam, por exemplo, o sol não apenas como elemento descritivo, mas como um personagem simbólico com plena atuação do começo ao fim da obra. O sol atravessa a narrativa, por vezes dilacera; por vezes apazigua, sendo associado ao prazer sensorial – os banhos de mar com Marie, o prenúncio do amanhã nas narrações de Meursault – criando uma atmosfera entre o homem e o cosmos, como aponta Germano. Por outro lado, o sol está em momentos fatídicos como o enterro da mãe e a morte do árabe. Ao mesmo tempo que é fonte de beleza e vida, o sol é opressor, expondo vulnerabilidade desse indivíduo diante do universo.

Germano (2007) enfatiza, também, o sol como aliado, sendo força mas também hostilidade. A praia, o tribunal e o quarto de Meursault são mais do que locais físicos, como se tem visto ao longo deste trabalho: são projeções das dinâmicas existenciais e sociais que permeiam a obra, sendo a praia o espaço central de ruptura definitiva, pois Meursault rompe com o mundo e consigo.

O simbolismo do sol, tematizado por Germano, permite um movimento mais profundo de análise do protagonista com os elementos da natureza. Não são apenas acessórios para a narrativa, pois intensificam a tensão entre o homem e o seu universo. O sol que emplaca é símbolo na ordem cósmica que dita uma realidade ao sofrimento humano, fazendo uma força sobre Meursault,

a fim de confrontar sua finitude e fragilidade. Em *O Mito de Sísifo*¹⁵, Camus esclarece esse embate do sujeito absurdo, também, com o tempo,

Da mesma maneira, e em todos os dias de uma vida sem brilho, o tempo nos leva. Mas sempre chega uma hora em que temos de levá-lo. Vivemos do futuro: “amanhã”, “mais tarde”, “quando você conseguir uma posição”, “com o tempo vai entender”. Estas incoerências são admiráveis, porque afinal trata-se de morrer. Chega o dia em que o homem constata ou diz que tem trinta anos. Afirma assim a sua juventude. Mas, no mesmo movimento, situa-se em relação ao tempo. Ocupa nele o seu lugar. Reconhece que está num certo momento de uma curva que, admite, precisa percorrer. Pertence ao tempo e reconhece seu pior inimigo nesse horror que o invade. O amanhã, ele ansiava o amanhã, quando tudo em si deveria rejeitá-lo. Essa revolta da carne é o absurdo (Camus, 2014, p. 27).

O reconhecimento de um percurso em vida, da passagem inexorável do tempo, da luta contra o próprio amanhã demonstram contradições sobre se viver ansiado por algo que, em última instância, culminará na morte. Por mais que o tempo seja adversário, ele leva consigo um desejo visceral da vida, e é aí que nasce o conflito do absurdo e da revolta. Na obra, o conflito do tempo e do absurdo são emblemáticos nas reflexões de Meursault, especialmente nas passagens a seguir,

O sol estava agora esmagador. Ele fez meu sangue subir em minha cabeça e tudo à minha volta tremeu (Camus, 2020, p. 45)

[...]estava sempre o mesmo céu, claro e implacável. E, à noite, estava essa prisão imensa da escuridão, e os pensamentos passavam por mim tão rápido e não me deixavam dormir. Mas eu não tinha nada a fazer. Assim, as noites eram intermináveis (Camus, 2020, p. 73).

O céu implacável e a escuridão são representações da angústia do tempo, de uma vida que se reduz à esfera do inevitável que, para Meursault, é marcado por uma rotina impiedosa de dias e noites. O tempo, assim como o sol,

¹⁵ Segundo Samara Geske (2012), ao examinar a obra de Albert Camus, observa-se que “não somente ensaio e narrativa foram concebidos praticamente de maneira concomitante e estabeleciam entre si uma relação, mas que formavam um ciclo realmente planejado e projetado por Camus” (p. 136). Essa perspectiva é essencial para compreender como o autor desenvolve sua filosofia, integrando as reflexões teóricas e as experiências literárias. Utilizo Geske para destacar o diálogo constante entre os diferentes gêneros em sua obra, ressaltando como essa relação ilumina a complexidade e o alcance de suas ideias, especialmente em *O Estrangeiro*.

dão sentido à vida mas, também, são opressores. Os cenários, o ambiente, para Meursault, são símbolos da sua relação com esse trajeto do protagonista até o seu esclarecimento diante da vida que levou e, por fim, à aceitação do mesmo. Nas próximas seções, esses movimentos serão retomados, mas é preciso reforçar como o tempo e a natureza são catalisadores da percepção de uma extensa luta existencial para o protagonista.

Segundo Dufour, a presença de um terceiro, externo, o *ele*, é essencial para a relação entre o *eu* e o *tu*. No caso de Meursault, o *ele*, representado pelo sol, pelo céu ou pela escuridão, não é apenas um elemento externo mas um agente que atua e participa da correlação. Na primeira citação, o *ele* configura o sol como aquele que interfere diretamente no corpo e nos sentidos do protagonista, o que faz afetar o mundo e a si. Aqui, o *eu* que narra está em relação com esse *ele*, o que faz transformar a sua experiência. Tem-se, aqui, um externo presente que age diretamente na ação do personagem. Na citação seguinte, a ausência de um interlocutor direto, o *tu*, não elimina a relação pronominal. O *eu* de Meursault fala de um *ele* (o céu, a escuridão), que age como um mediador da consciência do próprio protagonista. O *eu*, nesse caso, não existe de maneira isolada; é continuamente influenciado pelo *ele* que se presentifica nos cenários. O *tu*, nesse contexto, pode ser entendido como um reflexo interno do próprio Meursault, um diálogo consigo mesmo que projeta essas percepções no monólogo.

No que tange ao restante do percurso desta tese, cabe salientar que a mudança dos pronomes acontece de maneira progressiva, ao passo que o personagem-narrador, Meursault, se encontra em situações nas quais se insere por via de convenções sociais. A sua inserção no espaço discursivo por vezes convoca um *tu* para o diálogo, assim como por vezes o personagem se encontra em uma instância de *ele*. Essas categorias que emergem da tríade pronominal – o *ele* (ou o outro), o *tu* (ou o interlocutor direto) e o *eu* (em suas variadas formas de expressão) são perspectivas centrais para a análise realizada até aqui.

Essas três categorias são sustentadas, também, pela própria noção de alteridade que há entre elas. Elas compõem pronomes presentes na obra de Camus, os quais testemunham o processo complexo da construção das relações subjetivas e intersubjetivas. A análise do trânsito do personagem-narrador é aqui demarcada via as relações intersubjetivas, que denotam as posições discursivas

ocupadas por Meursault. É desse trânsito que ecoam os significados em torno, por exemplo, do absurdo de sua existência. A análise pronominal, portanto, contribui para uma compreensão dessa alteridade no que tange à construção da narrativa através dos pronomes. Esses aspectos evidenciam como Camus explora os limites da experiência humana diante do absurdo, da revolta e do inevitável confronto com o outro.

2.4 “A inquietude nasce do coração dos vivos”: o ausente presente em *O Estrangeiro*

Albert Camus procurou enfatizar, ao longo da sua caminhada na literatura e na filosofia, a importância do compromisso e da responsabilidade na busca da liberdade. Em suas obras literárias, como *O Estrangeiro* (1942), *A Peste* (1947) e *A Queda* (1957), os personagens muitas vezes enfrentam dilemas éticos que destacam a necessidade de escolhas individuais e do enfrentamento das consequências de tais escolhas. As alegorias criadas por Camus em seus escritos de literatura são evidências claras do manifesto da vida e da existência dentro da literatura.

Albert Camus abordou a liberdade como um tema central em suas reflexões filosóficas e literárias, explorando questões relacionadas ao absurdo, à revolta, ao compromisso, à solidariedade e à liberdade. Segundo Abes (2018),

O homem absurdo abraça o sem sentido da vida e cerra, em seus braços, a única realidade tangível que consegue aceitar como verdadeira: sensações físicas e pequenos prazeres se opõem à ausência de ilusões e de expectativas diante do mundo (Abes, 2018, p. 688).

Esse primeiro movimento de liberdade pode ser visto como um dos primeiros movimentos do personagem-narrador da obra *O Estrangeiro*. Meursault é um homem que, por vezes, demonstra apatia em relação à sociedade e às convenções sociais, como foi apontado anteriormente. A história começa com a notícia da morte da mãe de Meursault, mas ele reage de maneira que pode ser entendida como fria e impassível ao evento, o que o torna estranho

e desconectado das expectativas sociais, como podemos ver na citação abaixo, já discutida brevemente em outro momento,

Hoje, mamãe morreu. Ou talvez ontem, não sei bem. Recebi um telegrama do asilo: "Sua mãe faleceu. Enterro amanhã. Sentidos pêsames." Isso não esclarece nada. Talvez tenha sido ontem. O asilo de velhos fica em Marengo, a oitenta quilômetros de Argel. Vou tomar o ônibus às duas e chego ainda à tarde. Assim posso velar o corpo e estar de volta amanhã à noite (Camus, 2020, p. 13).

Um outro movimento feito por Meursault é a sua vivência no dia a dia de maneira simples, aceitando os eventos da vida com uma atitude distante e desapaixonada, principalmente após a morte da sua mãe, como podemos ver na citação abaixo,

Custei-me a levantar-me, pois estava cansado do dia de ontem. Enquanto fazia a barba, perguntei-me o que iria fazer e decidi tomar um banho de mar. Peguei um bonde para ir ao centro de lazer do porto. Uma vez lá, mergulhei no canal. Havia muitos jovens. Na água encontrei Marie Cardona, uma antiga datilógrafa do escritório que eu desejara na época. Ela também, creio eu [...]

Perguntei-lhe se queria ir ao cinema à noite. Riu de novo e disse que estava com vontade de ver um filme de Fernandel. Depois de nos vestirmos, ficou muito surpresa de me ver com uma gravata preta, e perguntou-me se estava de luto. Disse-lhe que mamãe tinha morrido. Como quisesse saber há quanto tempo, respondi: - Morreu ontem. Hesitou um pouco, mas não fez nenhum comentário. Tive vontade de dizer-lhe que a culpa não era minha, mas detive-me porque me pareceu já ter dito a mesma coisa ao meu patrão. Isto nada queria dizer. De qualquer modo, a gente sempre se sente um pouco culpado (Camus, 2020, p. 28).

Tanto a citação sobre sua mãe e sua perda, quanto sua aparente indiferença durante o velório e o fato de ir ao cinema com Marie serão retomados, aos olhos das pessoas que irão julgar Meursault mais adiante na obra, como elementos que ajudam a construir as razões pelas quais o personagem comete um assassinato ao final da primeira parte do livro. Embora Meursault exiba uma fala direta e desprovida de adornos, que contrasta com as normas de interação social convencionais e reforça sua condição de estrangeiro na sociedade, ele carrega consigo um sentimento de culpa pelos eventos traumáticos que

enfrentou, sugerindo uma complexidade emocional implícita que permeia suas ações e reações.

A obra de Camus destaca o contraste entre o que é dito e o que é feito, e Meursault frequentemente se encontra em situações em que as ações da sociedade não correspondem às suas ações. Essa desconexão evidencia a natureza irracional das expectativas sociais e da comunicação humana. Em resumo, a linguagem em *O Estrangeiro* é uma ferramenta crucial para explorar temas como alienação, absurdo e julgamento social. A forma como Meursault se constitui via linguagem contribui para a atmosfera única da obra e para sua crítica à sociedade e à condição humana.

O que o narrador mostra nas primeiras páginas da obra é um movimento que busca delimitar-se na sociedade através de convenções práticas, que não necessitam de grandes elaborações e encaminham sua rotina para um viver padronizado, denotando em muitos momentos uma insensibilidade e indiferença do personagem com o todo ao seu redor. Vamos vendo ao longo do livro que as suas “insensibilidades e indiferenças” vão propor ao personagem uma mudança em sua vida, condicionada ao viver enclausurado por conta de um crime que cometeu, não podendo mais decidir aonde ir ou o que fazer, apenas seguindo o que fora escolhido e dito por quem o julgar ao longo do seu processo no tribunal. Esse ponto de virada será discutido ao longo da tese, sobretudo na próxima seção.

Ainda sobre a primeira citação desta seção, outro destaque precisa ser feito. A notícia da morte de sua mãe é entregue de maneira casual, sem muita expressão emocional por parte de Meursault. Isso contrasta com as expectativas sociais sobre como as pessoas deveriam reagir à morte de um ente querido. A aparente falta de tristeza ou remorso por parte de Meursault contribui para sua alienação social e para a visão de que ele é um estrangeiro em sua própria sociedade.

O que se apresenta nas citações da obra, colocadas acima, convoca o leitor a compreender, possivelmente, que os fatos, por mais que se relacionem com a complexidade da realidade, serão compreendidos de uma outra maneira e assumirão outras formas pelas pessoas que julgarem as escolhas do modo de viver de Meursault. A escolha de Meursault em tomar um banho de mar, seu

encontro com Marie e a posterior revelação sobre a morte de sua mãe são elementos-chave para entender a construção da narrativa em *O Estrangeiro*, além da filosofia da existência que permeia o livro. Meursault é retratado como alguém apático e muitas vezes desprovido de emoções convencionais, como quando Meursault e Marie chegam “no restaurante de Celeste banhados de suor [...] Perguntou-me se, ‘apesar de tudo’, estava tudo bem. Disse-lhe que sim e que estava com fome” (Camus, 2020, p. 34).

Essas escolhas de Meursault indicam uma multiplicidade de significados na linguagem, sugerindo que as palavras podem conter camadas de significação além do significado aparente. E são essas camadas de significação que me chamam a atenção; não só pelo que Meursault diz ou deixa de dizer, mas porque suas escolhas vão colocar o personagem em uma instância totalmente adversa à qual ele estava se colocando na primeira parte da obra.

Sobre essa adversidade, é preciso também deixar destacado um momento crucial da obra, ao final da primeira parte da narrativa. Antes de discorrer sobre, cito um trecho da obra que condiz com o que vem sendo discutido até aqui,

Pensei que bastava dar meia-volta e tudo estaria acabado. Mas atrás de mim comprimia-se toda uma praia vibrante de sol. Dei alguns passos em direção à nascente. O árabe não se mexeu. Apesar disso, estava ainda bastante longe. Parecia sorrir, talvez por causa das sombras sobre o seu rosto. Esperei. O queimar do sol ganhava-me as faces e senti gotas de suor se acumularem nas minhas sobrancelhas. Era o mesmo sol do dia em que enterrara mamãe e, como então, doía-me sobretudo a testa, e todas as suas veias batiam juntas debaixo da pele. Por causa deste queimar, que já não conseguia suportar, fiz um movimento para a frente. Sabia que era estupidez, que não me livraria do sol se desse um passo. Mas dei um passo, um só passo à frente. E dessa vez, sem se levantar, o árabe tirou a faca, que ele me exibiu no sol [...] Meus olhos ficaram cegos por trás desta cortina de lágrimas e de sal. Sentia apenas os címbalos do sol na testa e, de modo difuso, a lâmina brilhante da faca sempre diante de mim. [...] Foi então que tudo vacilou. [...] O gatilho cedeu, toquei o ventre polido da coronha e foi aí, no barulho ao mesmo tempo seco e ensurdecedor, que tudo começou. Sacudi o suor e o sol. Compreendi que destruíra o equilíbrio do dia (Camus, 2020, p. 64).

Durante o passeio na praia, Meursault se encontra com um grupo de árabes, incluindo um homem que havia se envolvido em um conflito com o seu amigo, Raymond. Os acontecimentos culminam no momento em que o

protagonista dispara contra o árabe, desencadeando uma mudança irreversível em sua vida e na narrativa do livro. O episódio central à trama marca um grande divisor: ali, há tensão, e elementos como o sol intenso e o calor ganham relevância na percepção do personagem, quase como agentes que influenciam suas ações. A narrativa explora temas de alienação, o sentido de incompreensão da própria existência e a presença de circunstâncias que desafiam os valores e convenções sociais, ao levar Meursault a confrontar as noções de liberdade, assim como de destino.

Ao agir sem um propósito explícito, Meursault é guiado por impulsos momentâneos, como foi mostrado em citações anteriores. Ao analisar as passagens do livro, compreendo que o comportamento do personagem expõe o seu estrangeirismo por estar distanciado das expectativas tanto em relação às pessoas ao seu redor quanto ao próprio sistema de crenças e valores que fundamentam a sociedade. A história explora, de fato, uma alienação como um processo que não é apenas social, mas também existencial; Meursault é um homem no lugar e, ao mesmo tempo, fora do lugar - o que caracteriza o jogo pronominal que vem sendo trabalho até então.

A ida de Meursault para a praia e os eventos subsequentes são fundamentais para o desenvolvimento do enredo e para a exploração das ideias filosóficas existencialistas que permeiam a obra de Camus, assim como possibilita uma discussão sobre linguagem a partir do modo como Meursault vive no tempo presente, sem se preocupar com o passado ou o futuro, e busca significado na experiência imediata e nas sensações físicas.

A frase "destruíra o equilíbrio do dia" pode ser interpretada de diversas maneiras. Pode ser uma referência ao desequilíbrio emocional de Meursault, às consequências físicas do confronto iminente ou até mesmo a uma ruptura mais profunda em sua própria existência. Essa narrativa de Meursault convoca para essa discussão a passagem, já citada nesta tese, de Benveniste sobre o monólogo. No contexto do monólogo, Benveniste pôde discutir como a linguagem é utilizada em situações em que um único locutor se expressa, seja falando consigo mesmo ou em um discurso direcionado a um público que não responde imediatamente. O linguista, através dessa noção sobre o monólogo em *O aparelho formal da enunciação*, explora como o monólogo revela aspectos

da subjetividade na linguagem, contrastando-o com o diálogo, onde há uma troca imediata de fala entre interlocutores.

No que concerne à narrativa de Meursault, o diálogo e o monólogo estão intrinsecamente ligados à construção do personagem. Meursault utiliza ambos como formas de expressar seus sentimentos, suas reflexões e a maneira como sua narrativa se desdobra diante dos eventos apresentados. Na citação acima, que trata do assassinato no final da primeira parte, observa-se que o monólogo não é apenas uma expressão isolada desprovida de intersubjetividade, mas um espaço em que se manifesta a relação pronominal entre o *eu*, o *tu* e o *ele*. Seguindo a reflexão de Benveniste, o monólogo de Meursault não exclui o diálogo; ao contrário, incorpora-o internamente, pois o *eu* que fala se dirige a um *tu* interno, projetado, e a um *ele* que organiza o entorno, como o sol, o ambiente ou a sociedade. Assim, o monólogo revela não apenas a construção da personagem de Meursault, mas a complexa interação entre esses pronomes, que variam entre situações de introspecção e de diálogo explícito, demonstrando o devir do sujeito em relação ao outro. Abaixo, segue um desses excertos que explicitam mais sobre essa questão,

Pensei que bastava dar meia-volta e tudo estaria acabado. Mas atrás de mim comprimia-me toda uma praia vibrante de sol. Dei alguns passos em direção à nascente. O árabe não se mexeu. Apesar disso, estava ainda bastante longe. Parecia sorrir, talvez por causa das sombras sobre o seu rosto. Esperei. O queimar do sol ganhava-me as faces e senti gotas de suor se acumularem nas minhas sobancelhas. Era o mesmo sol do dia em que enterrara mamãe e, como então, doía-me sobretudo a testa, e todas as suas veias batiam juntas debaixo da pele (Camus, 2020, p. 63).

A citação acima emerge para a construção da trajetória de Meursault até o momento decisivo do crime e destaca a conexão com as primeiras linhas da obra de Camus. No julgamento, a condenação do protagonista parece estar vinculada não apenas ao ato de assassinato, mas também à sua atitude no funeral da mãe, vista pelos outros como sinal de frieza e distanciamento emocional. O seu modo de viver, sem apego ao passado ou projeção no futuro é interpretado por aqueles que o julgam como evidência de sua suposta insensibilidade e imoralidade.

A construção do personagem, na citação utilizada, é evidenciada pela descrição de suas sensações físicas e emoções, sempre explicitadas de maneira detalhada no romance. Meursault está mais atento ao impacto do sol e do calor em seu corpo do que às implicações morais ou sociais de suas ações, e irá usar justamente o calor e o sol como justificativa para o derradeiro momento ao final da primeira parte do livro. Esta focalização nas percepções sensoriais e físicas mostra como Meursault vivencia o mundo de uma maneira muito pessoal e imediata, o que torna importante o destaque da citação encontrando um elo desses fragmentos de Meursault com a construção do personagem-narrador.

Em um contexto mais amplo da obra, vejo como importante a análise por meio da relação pronominal que estrutura o discurso de Meursault, tanto nos diálogos quanto nos monólogos. Em ambos os casos, o *eu* do protagonista constitui-se a partir de suas interações com o *tu* e o *ele*, como delineado por Benveniste (1970). Essa transitividade pronominal não varia drasticamente entre monólogo e diálogo, pois o *eu* vai se constituindo através da imagem de alguém transparente consigo mesmo e alheio às normas sociais. Por exemplo: em monólogo, como no momento do crime, o *eu* se volta para um *tu* - uma projeção de si mesmo como interlocutor. O personagem descreve suas sensações físicas e reflexões pessoais, como "o árabe não se mexeu. Apesar disso, estava ainda bastante longe. Parecia sorrir, talvez por causa das sombras sobre o seu rosto" (p. 63). Aqui, o *tu* é implícito, uma espécie de confidente interno que sustenta a autoconsciência do protagonista e que possibilita a articulação de sua percepção do mundo. O *ele*, nesse caso, refere-se ao árabe, elemento externo que interfere na constituição não só do *eu*, como também da sua narrativa.

Em contraste, em situações de diálogo, como no tribunal, o *tu* se projeta nos interlocutores - o juiz, o advogado, o promotor, as testemunhas -, enquanto o *ele* se torna a sociedade, o coletivo que observa e julga Meursault. Apesar dessa mudança da imagem do *tu*, Meursault mantém sua franqueza. Quando questionado sobre seus sentimentos no funeral da mãe, declara; "respondi que tinha ido ao asilo quase sem perceber e que era por isso que não queria ver mamãe. Não sabia o que mais tinha a ver comigo. Tudo isso parecia irrelevante" (p. 89). Essa resposta ecoa a mesma lógica do monólogo; o *eu* de Meursault permanece fiel à sua percepção imediata e descomplicada da realidade, sem

ceder às expectativas sociais projetadas pela alteração da imagem do *tu*, ou do *e/e*, como é o caso da situação no tribunal.

O Sol e os outros elementos sensoriais, como a escuridão da cela na segunda parte da obra, são planos significativos em *O Estrangeiro*, pois permeiam as experiências de Meursault. Esses elementos citados o acompanham tanto no enterro de sua mãe quanto no derradeiro encontro que define o final da primeira parte do livro. Ao contrário de sugerir um ciclo sem evolução emocional, os elementos sensoriais representam uma experimentação intensa de cada momento que é vivido pelo protagonista. Na primeira parte do livro, o sol se faz onipresente, quase sufocante, refletindo a sensação intensa e desconfortável que capta a própria condição humana diante do mundo. Já na segunda parte, o ambiente predominantemente noturno e o confinamento na cela trazem uma nova dimensão, na qual Meursault, isolado, sente e reflete uma profundidade posta pelos novos cenários que a ele são apresentados.

O sol, portanto, age como um terceiro personagem, um *e/e* que influencia as decisões e sensações de Meursault: "ele fez meu sangue subir em minha cabeça e tudo à minha volta tremeu." Nesse momento, o *eu* de Meursault é submetido à força do *e/e*, que o desestabiliza, fazendo com que seja revelada a vulnerabilidade desse *eu* em relação ao ambiente. Além do sol, o confinamento e a escuridão trazem um novo papel para o *e/e*. O externo, solar e sufocante, cede lugar à escuridão, que se torna introspecção, na medida em que o personagem dialoga consigo mais vezes - um *tu* que auxilia na ressignificação de condição no lugar em que se encontra. A ausência de luz, na segunda parte do livro, cria um cenário em que o *eu* e o *tu* se aproximam, permitindo que Meursault explore a si mesmo de forma mais intensa e aceite a natureza do absurdo de sua existência. Os elementos sensoriais, enquanto *e/e*, são fundamentais para a construção do desenrolar pronominal do personagem-narrador, pois criam as condições para o diálogo interno e externo. A transição entre a claridade e a escuridão revelam o desenvolvimento do personagem, pois ele passa a vivenciar o tempo e a percepção do mundo de uma maneira cada vez mais intensa, densa e significativa. A experiência sensorial, central para a sua forma de existir, ganha novas camadas de confronto com a realidade, por exemplo, da prisão, e o inevitável desfecho de sua jornada. Essas sensações

impõem a ele, desde o sol até a escuridão, indícios de um percurso emocional, que se desdobra até o final da obra. No desfecho da obra, a dinâmica entre os pronomes *eu*, *tu* e *ele* se intensifica. O *eu* de Meursault, que se consolida a cada instante pela introspecção na escuridão, projeta-se para o *tu* (a sociedade) e desafia o *ele* (o inevitável destino) com uma aceitação plena da sua existência. O jogo pronominal aqui, ao transitar entre monólogo e diálogo, atribui forma e sentido ao movimento do personagem em sua jornada.

A dualidade entre luz e escuridão em *O Estrangeiro* simboliza a percepção e a experiência da vida de Meursault, conectando-se a aspectos de sua consciência e de suas relações com o outro, a claridade, quando apresentada pelo sol, é dominante e parece estar intimamente ligada à sua percepção espontânea e sensorial do mundo. Essa percepção ocorre, pois o protagonista experimenta o presente de forma direta, focando nas sensações físicas que o sol lhe impõe: o calor, o brilho intenso e o desconforto em momentos como o enterro da mãe e o assassinato - evidenciando no personagem que há sensações que lhe ocorrem por conta dos eventos que vivencia. A claridade, portanto, envolve e coloca o personagem em um estado de consciência, no qual suas reações são moldadas às circunstâncias externas. O sol, por fim, atua como símbolo da vivência imediata, conduzindo suas ações de forma espontânea e sugerindo uma ausência de mediação interior.

Por outro lado, a transição para a escuridão na segunda parte do livro, em ambientes fechados como o tribunal e a cela da prisão, reflete uma transformação no nível de autoconsciência de Meursault. Longe da claridade solar e imerso em ambientes de exclusão, ele é levado a confrontar as expectativas sociais e a refletir sobre si mesmo e suas ações. Nesses momentos, Meursault é compelido a encarar uma "noite" interior, uma dimensão de alteridade representada pela sociedade e pelo julgamento, que lhe impõe uma nova visão de si e de suas relações com o outro.

O movimento entre a luz e a escuridão não é apenas uma alternância de cenários, mas uma metáfora para os níveis de percepção e consciência de Meursault, sobretudo com relação ao jogo pronominal no ambiente da obra que procurei discutir na página 86. A meu ver, a claridade está ligada à sua percepção instintiva e imediata da vida; já a escuridão, sugere uma tomada de

consciência, ainda que indireta, da alteridade, suas implicações e um contato do protagonista com o absurdo que vivencia. O que se mostra, no entanto, é um conflito entre um "eu" que vive ligado ao tempo evanescente do presente, e uma sociedade (o *tu*) que exige dele uma profundidade e um engajamento que, no meu entendimento, não é valorizado pelo personagem central. De tal maneira, as noções de luz e escuridão simbolizam sensações novas, que se renovam quando o personagem se vê autoconsciente, reflexivo e responsivo ao mundo no qual ele se encontra.

Percebo momentos assim quando Meursault utiliza da alegoria da noite para falar sobre a obscuridade que vivera no momento citado abaixo,

Ao sair do Palácio de Justiça para entrar no carro reconheci por um instante o cheiro e a cor da tarde de verão. Na obscuridade da minha prisão rolante reencontrei, um a um, no fundo do meu cansaço, todos os ruídos familiares de uma cidade que eu amava e de uma certa hora em que me ocorria ficar contente. O pregão de vendedores de jornais no ar já distendido, os últimos pássaros na praça, o grito dos vendedores de sanduíches, o lamento dos bondes nas pronunciadas curvas da cidade e este rumor do céu antes de a noite descer sobre o porto, tudo isto recompunha para mim um itinerário de cego, que eu conhecia bem antes de ir para a prisão. Sim, era a hora em que, há muito tempo, muito tempo, eu me sentia contente. O que me aguardava então era sempre um sono leve e sem sonhos. E, no entanto, alguma coisa mudara, pois, com a expectativa do dia seguinte, foi a minha cela que reencontrei. Como se os caminhos familiares traçados nos céus de verão pudessem conduzir tanto às prisões quanto ao sono inocente (Camus, 2020, p. 101).

Meursault encontrou, no sol, a felicidade e a morte. O contentamento do verão, por exemplo, remete para situações que conduzem o seu pensamento para momentos de clareza e em que há um vínculo sensorial de Meursault com o mundo. A mudança de lugar, de sensação, do claro para o escuro, traz à tona o descontentamento, mas que notifica clareza pela situação que o personagem-narrador irá enfrentar no dia seguinte. Meursault se prepara para o que está por vir. A clareza é reconhecimento e familiaridade; a obscuridade, a realidade e o preparo para que o há de vir. A construção da subjetividade do personagem se mostra, portanto, presente na obra, principalmente em monólogos e diálogos que evidenciam essa coexistência do personagem-narrador com as experiências que

ele encontra e como essas experiências mudaram sua vida, diante da alienação que permeia a sua existência, na qual as suas memórias encontram contraste com a realidade da sua situação.

Na seção a seguir, passarei a discorrer um pouco sobre a segunda parte da obra, buscando um elo com a primeira parte e evidenciando mais claramente a relação da obra com as discussões pronominais advindas de Benveniste e Dufour, principalmente.

2.5 “Reduziam-me a zero e, de certa forma, substituíam-me”: o aniquilamento de Meursault

A obra *O Estrangeiro* é dividida em duas partes, como já mencionado, e a narrativa se constrói a partir das situações nas quais o personagem-narrador se encontra, possibilitando com que se possa ver o todo da obra, assim como observá-la em partes para compreender outros aspectos que constroem a narrativa não só de Meursault, mas de outros personagens.

Após os acontecimentos da primeira parte, Meursault tem um primeiro contato com um juiz de instrução, na delegacia, “A primeira vez, na delegacia, o meu caso parecia não interessar a ninguém. Oito dias depois, ao contrário, o juiz de instrução olhou-me com curiosidade” (Camus, 2020, p. 67). Esse momento é interessante para falar um pouco sobre a relação do personagem da obra com o todo, principalmente no encontro posterior de Meursault com o seu advogado e o diálogo que ambos realizam, como se observa abaixo,

Os investigadores tinham descoberto que eu “dera provas de insensibilidade” no dia do enterro de mamãe.

- Veja se compreende – disse o advogado. – Sinto-me um pouco constrangido em perguntar-lhe isto. Mas é muito importante. E será um forte argumento para a acusação, caso eu não consiga encontrar uma resposta.

Queria que eu o ajudasse. Perguntou-me se naquele dia eu sofrera. Esta pergunta me espantou muito e parecia-me que ficaria muito constrangido se tivesse de fazê-la a alguém. Entretanto, respondi que perdera um pouco o hábito de interrogar a mim mesmo e que era difícil dar-lhe uma informação. É claro que amava mamãe, mas isso não queria dizer nada. Todos os seres normais tinham em certas ocasiões desejado, mais ou menos, a morte das pessoas que amavam. Nesse ponto, o advogado interrompeu e mostrou-se muito agitado. Obrigou-me a prometer que não diria isto no julgamento, nem ao

juiz. Expliquei-lhe, no entanto, que o meu temperamento era este – meus impulsos físicos perturbavam com frequência os meus sentimentos. No dia que enterrara mamãe, estava muito cansado, e com sono. De forma que não me dei muito bem conta do que se passava. O que podia afirmar, com toda a certeza, era que preferia que mamãe não tivesse morrido. Mas o advogado não se mostrou satisfeito (Camus, 2020, p. 69).

Na conversa com o advogado, Meursault se apresenta de maneira direta e aqui o pronome *eu* funciona como ponto de resistência frente às expectativas jurídicas encampadas pelo advogado, que é o *ele*. O advogado exerce uma pressão para que o *eu* do protagonista se conforme justamente com os padrões daquela instituição de poder. O protagonista, entretanto, recusa moldar sua fala para satisfazer essas expectativas. Sua explicação - "meus impulsos físicos perturbavam com frequência os meus sentimentos" - enfatiza um *eu* que não se submete totalmente *ele* da sociedade. Meursault reafirma sua identidade, desafiando a expectativa social de que demonstre suas emoções. Embora o diálogo seja aparente, a frase retirada da citação acima revela traços de um monólogo em que Meursault reflete sobre a sua própria constituição. Ao afirmar seu *eu* - "meu temperamento era este" - ele reconhece um distanciamento de um *eu* que está em desacordo com o advogado e a sociedade¹⁶. Esse reconhecimento interno reforça o que Benveniste aponta sobre o *eu* como devir: ele só se concretiza na relação intersubjetiva, como nos mostra em *Subjetividade da Linguagem* (1958), mesmo que essa relação seja de discordância ou resistência.

O protagonista parece demonstrar emoções que divergem das reações esperadas pela sociedade, especialmente diante da morte da mãe. Ao invés de expressar luto da maneira esperada, o personagem observa o evento com um distanciamento que provoca desconforto em quem o julga, como podemos ver no relato do porteiro do asilo na primeira parte do livro,

¹⁶ Tendo em vista as discussões advindas dos textos da seção *O Homem na língua*, do *Problemas de Linguística Geral I*, vejo a sociedade como pronome *ele* pois essa sociedade não é um interlocutor direto de Meursault, sobre o que se fala para ser *ele*. O *tu* implica uma relação que é intersubjetiva e imediata; já o *ele* designa algo ou alguém que está fora do campo dessa relação de diáde de um *eu* com um *tu*, como nos diz Benveniste em *Natureza dos pronomes*. No caso da obra *O estrangeiro*, a sociedade é representada como *ele* porque aparece como uma estrutura generalizada, que dita uma moral e uma ética concomitante aos presentes do tribunal, refletindo sobre o papel da sociedade como um conjunto de normas que moldam, julgam e condenam a sua conduta enquanto sujeito nessa sociedade. O *ele*, essa sociedade, nesse caso, aparece como plano de fundo opressor.

Depois de ter perguntado ao júri e ao meu advogado se tinham perguntas a fazer, o presidente ouviu o porteiro. Para este, como para todos os outros, repetiu-se o mesmo cerimonial. Ao chegar, o porteiro olhou-me e depois desviou os olhos. Respondeu às perguntas que lhe dirigiam. Disse que eu não tinha querido ver mamãe, que tinha fumado, que tinha dormido e que tinha tomado café com leite. Senti, então, alguma coisa que agitava toda a sala e compreendi, pela primeira vez, que era culpado (Camus, 2020, p. 94).

Cabe ressaltar e trazer para a discussão uma passagem que antecede as provas dadas pelo advogado no julgamento de Meursault. Temos, na citação acima, o porteiro relatando aspectos do velório, há para o protagonista uma visão clara da sua separação com o mundo. O desconforto na sala demonstra e reforça a diferença entre julgado e quem o julga, pois, suas atitudes causam estranhamentos, o que sublinha como seu comportamento transgride as normas sociais de luto e respeito em um velório. A honestidade de Meursault é só mais um aspecto que vale ser destacado e que o faz enxergar cada vez mais o seu *eu* diante de uma possível condenação.

No julgamento, Meursault é inicialmente colocado na posição de *ele*, o objeto das falas e narrativas de outros, como o porteiro. O discurso do porteiro configura Meursault como um "outro", um *ele* distante, descrito de forma impessoal e julgadora: "não quis ver mamãe", "fumou", "dormiu", "tomou café com leite". Essas ações transformam o protagonista em um objeto de avaliação moral por parte do júri e do público. Aqui, o *eu* do porteiro é projetado como uma voz de autoridade que, ao dirigir-se ao júri (*tu*), reforça uma visão da qual comunga a maior parte daqueles que ali estão presentes.

Quando o protagonista reflete e diz: "compreendi, pela primeira vez, que era culpado", ele começa a transitar novamente para o espaço do *eu*. Esse *eu*, no entanto, não é apenas o *eu* enunciador; é um *eu* que percebe sua posição como *ele* no olhar coletivo. Essa tomada de consciência evidencia a reversibilidade pronominal discutida por Benveniste: o *eu* de Meursault só se constitui plenamente ao reconhecer-se como *ele* no discurso dos outros. Ele é, simultaneamente, sujeito e objeto do julgamento. O juiz, por sua vez, ocupa o espaço de *tu* na relação com Meursault, mas também pode ser lido como *ele* no discurso coletivo do tribunal, simbolizando a sociedade que julga. Essa reversibilidade entre o porteiro (*eu* quando fala, mas *ele* quando observado por

Meursault) e o juiz reforça o entendimento da transitividade pronominal e da constante renegociação dos papéis de sujeito e objeto na narrativa.

Ainda sobre a citação da página 69, Meursault menciona que, em algum momento, todos os seres humanos já desejaram a morte das pessoas que amam, revelando uma perspectiva sincera, embora socialmente inaceitável. Esse contraste entre suas respostas emocionais e as normas de sociabilidade se intensifica na segunda parte do livro, em que sua autenticidade é interpretada como insensibilidade, colocando-o em uma posição de confronto com as expectativas que o cercam. Quando Meursault diz "perdera um pouco o hábito de interrogar a mim mesmo", ele releva uma falta de reflexão. No entanto, mais do que a ausência de autocrítica em relação ao que acredita e ao que a sociedade impõe, suas ações parecem decorrer de um contexto onde a doutrina do julgamento se torna uma sentença. O personagem-narrador é julgado não tanto pelo assassinato que cometeu, mas por viver alheio às expectativas sociais. Momentos como estes, do excerto utilizado no começo deste parágrafo, indicam a troca pronominal no diálogo construído no livro.

A desconexão emocional, por exemplo, no enterro da mãe, por estar cansado e com sono (motivos que impediram Meursault de ter uma maior percepção sobre o que estava acontecendo), faz com que o personagem seja visto como alguém insensível, por mais que o protagonista estivesse sendo franco sobre o que sentiu. A passagem da página 69, em particular, destaca a dificuldade do narrador em articular suas emoções e a complexidade de seus sentimentos em relação à morte da mãe. A recusa em conformar-se com as expectativas sociais tradicionais sobre luto e emoção pode ser vista como uma forma de rebelião existencial contra as convenções estabelecidas. Ambas as citações (p. 64 e p. 69) refletem a complexidade do personagem. Ao relatar cansaço e sono no funeral, além de ter fumado e bebido café com leite, o sentimento contido diante do evento traumático faz com que ele seja visto como uma pessoa incapaz de afeto. No ponto de vista de Meursault, ele está apenas realizando movimentos e verbalizando questões legítimas e próprias para si. Analisando essa questão, temos um personagem que é julgado desde as primeiras páginas da obra, como se estivesse cometendo pequenos assassinatos no decorrer das relações de que ele participa e se constitui. Para ele, a morte da mãe é um fato, e a sua reação revela uma vida em que ele se

permite agir a partir do presente, sem tentar confrontar o outro com uma maneira de ser.

Essa maneira de compreender a visão que se tem sobre a morte e/ou os sentimentos que podem ser acionados diante do luto é uma das questões importantes da obra de Camus e que necessitam um maior aprofundamento. A obra de 1942 foi publicada em meio a uma tríade de livros que consistiram em um ciclo chamado "Ciclo do Absurdo". Faz sentido a obra se destacar tanto, sobretudo com relação à perspectiva sobre a morte que consta no romance, por se tratar de um livro publicado em meio à Segunda Guerra Mundial. Enquanto a obra *A Peste* (1946) é uma alegoria direta à ocupação nazista na Europa, *O Estrangeiro* trata sobre a irracionalidade do mundo, além da falta de alteridade. A obra capta o absurdo de uma Europa doente, como Camus costumava falar, e a sensação de alienação e impotência que eram vistas durante a segunda Guerra é também vista por Meursault, sobretudo na segunda parte do livro, quando ele se vê distante de um tribunal que o julga. Amparado no ensaio filosófico *O Mito de Sísifo* (1942), *O Estrangeiro* descreve Meursault como um sujeito avesso à realidade e, por conta disso, se faz tão importante falar sobre busca de identidade, autenticidade e o lugar do *eu* no mundo, no contexto absurdo da existência. A obra, contudo, funciona também como uma crítica aos julgamentos e aos assassinatos gratuitos, tornando o local do seu julgamento um lugar no qual se destacam a hipocrisia e a arbitrariedade do sistema judicial.

Essa perspectiva de pensamento sobre a existência encontrará elos com as análises diante dos estudos de linguagem que aqui estão sendo feitas. Ao olhar para a obra, com os óculos da teoria benvenistiana, percebe-se como o personagem-narrador, aparentemente, se esvanece não só diante da utilização pronominal nas articulações advindas da transitividade com os outros personagens, mas que o seu esvanecimento enquanto sujeito pertencente aos espaços também vai desaparecendo.

No âmbito da linguística da enunciação, conforme os estudos de Benveniste, é possível relacionar o ato de discurso ao modo como Meursault se constitui linguisticamente na obra. Essa constituição ocorre por meio dos usos pronominais que, em cada ato de enunciação, produzem sentidos específicos, revelando a experiência vivida pelo personagem. Essa realização modifica-se, atribui novos sentidos para os acontecimentos em meio a subjetividade, a fim de

destacar, com isso, a importância das relações intersubjetivas. Meursault, ao longo da obra, constrói significados a partir de sua experiência da realidade. Contudo, à medida em que percebe a indiferença da sociedade em relação a ele no tribunal – onde é julgado não apenas pelo crime cometido, mas também por sua suposta “indiferença” diante da morte da mãe –, Meursault sente-se cada vez mais desconectado dos cenários que constituem a sua existência. Essa desconexão se reflete tanto no julgamento quanto no afastamento do personagem em relação à realidade que o cerca.

Ao narrar sua história, Meursault utiliza o monólogo para relatar suas experiências. Nesses momentos, seu *eu* emerge para organizar suas reflexões e expor sua compreensão acerca de si mesmo e de seu entorno, enquanto, nos diálogos, esse *eu* é posto em confronto com os outros personagens e as normas sociais que os estruturam. A distinção entre monólogo e diálogo é essencial para compreender como ele constrói sua relação com o mundo. Quando Meursault utiliza sua fala em diálogos, como com seu advogado ou com Marie, suas reflexões entram em choque com as expectativas morais impostas pela sociedade. Esse embate revela um *eu* que busca compreender a si mesmo em contraste com os valores coletivos, que se apresentam via os pronomes *tu* e *ele*. Já nos monólogos, sua fala se volta para a introspecção.

No jogo pronominal, observa-se que a relação entre *eu* e *tu*, em diálogos, é marcada por um distanciamento emocional e uma superficialidade que intensificam a percepção de Meursault como um ser isolado. Isso é evidente nas interações com Marie e com o advogado, onde o *eu* de Meursault raramente alcança uma conexão empática com o *tu* que o interpela. Essas relações de *eu* e *tu*, sobretudo em diálogos, sublinham a dificuldade de Meursault em estabelecer conexões profundas e emocionais com os outros.

Sobre esse desenrolar na obra, trago algumas citações que conversam entre si para que se possa discutir um pouco sobre elas nesta seção, a fim de procurar um desenvolvimento maior sobre a relação dos pronomes com o sujeito aniquilado, que é Meursault,

Obrigaram-me outra vez a declinar minha identidade e, apesar da minha irritação, pensei que, no fundo, era bastante natural, pois seria muito grave julgar um homem em lugar de outro. Em seguida, o presidente recomeçou o relato do que eu tinha feito

dirigindo-se a mim, de três em três frases, para perguntar: “Foi assim mesmo não foi?” A cada vez, respondi “Sim, Sr. Presidente”, conforme as instruções do meu advogado (Camus, 2020, p. 92).

Nesta primeira citação, Meursault é confrontado com a necessidade de se identificar e confirmar sua versão dos eventos, enquanto é pressionado a afirmar sua identidade e concordar com a narrativa que está sendo apresentada pelo presidente do tribunal. A insistência do presidente em confirmar os detalhes da história de Meursault destaca a formalidade e a rigidez do sistema legal. Nesse contexto, Meursault sente-se pressionado pela imposição do presidente, e o que lhe é proferido reflete uma aceitação do “tu” – o presidente da sessão.

Meursault ocupa lugar de enunciador, respondendo questões e se posicionando diante do tribunal. A frase “foi assim mesmo não foi?”, dirigida ao protagonista pelo presidente do tribunal, coloca Meursault na posição de *tu*, enquanto o presidente que assume a posição de *eu* é quem fala e questiona. No entanto, o *eu* de Meursault também está presente nas suas respostas: “Sim, Sr. Presidente”. Ele responde diretamente ao *tu*. O protagonista, aqui, não é excluído da posição de enunciador porque, apesar da formalidade e opressão do tribunal, ele continua a afirmar sua posição discursiva, sem perder totalmente o controle da sua enunciação; ele ainda é, na sua voz, o agente que responde. Entretanto, ao dizer: “Sim, Sr. Presidente”, Meursault também sugere um movimento de passividade. Ele responde aqui não mais como um *eu* ativo, mas sim de forma conformista. A rigidez do processo e a ausência de contestação por parte do protagonista antecipam o momento em que ele passa a ser apenas um objeto do discurso, marcado como não-pessoa, o *ele* presentificado. A reflexão denota um prenúncio da transição desse “tu” para um “ele”, à medida que Meursault passa a aceitar passivamente as falas do presidente e do advogado, deixando de se opor, mesmo diante de uma situação que contraria seus sentimentos naquele momento.

A atitude de Meursault, ao responder repetidamente “Sim, Sr. Presidente”, indica uma certa indiferença ou resignação em relação ao processo judicial. Ele está seguindo as instruções de seu advogado, o qual sugere uma abordagem pragmática e talvez desapegada em relação ao próprio julgamento. Esse comportamento de Meursault também está alinhado com sua caracterização ao longo do romance como alguém que parece não se conformar completamente

com as expectativas sociais e normas. Esse desconforto do personagem servirá para uma discussão que ainda será realizada aqui que é o confronto de Meursault com o absurdo da existência, conceito de Camus de que já tratei aqui brevemente. Além disso, a observação inicial de Meursault sobre a naturalidade da situação destaca possivelmente sua compreensão de que, em um julgamento, é crucial que a pessoa seja julgada pelos seus atos, evitando-se erros judiciais que poderiam resultar em condenação injusta.

- Pouco tenho a acrescentar. O acusado era seu amigo?
 - perguntou [o advogado] a Raymond.
 - Sim – respondeu - , era meu amigo.
- O promotor me fez então a mesma pergunta e eu olhei para Raymond, que não desviou os olhos.
- Sim – respondi.
- O promotor voltou-se então para o júri e declarou:
- O mesmo homem que no dia seguinte à morte da mãe se entregava à mais vergonhosa devassidão matou por motivos fúteis e para liquidar um inqualificável caso de costumes.
- Em seguida, sentou-se. Mas o meu advogado, já sem paciência, gritou levantando os braços de tal forma que as mangas, ao caírem para trás, descobriram as pregas de uma camisa engomada:
- Afinal, ele é acusado de ter enterrado a mãe ou de matar um homem? (Camus, 2020, p. 100).

A passagem acima revela como transita o funcionamento pronominal na obra, como estrutura da narrativa. Meursault, como *eu*, ocupa um lugar central na enunciação, mas sua posição é constantemente colocada sob questionamento pelos outros personagens, oscilando entre as transitividades de *tu* e *ele*. O promotor, por exemplo, desloca Meursault para a instância de não-pessoa, objetificando-o como símbolo de uma possível moralidade distorcida. Ao mesmo tempo, o advogado de Meursault se dirige ao tribunal e indiretamente ao promotor, que passa a ocupar a posição de *tu*, enquanto o protagonista permanece na posição de *eu*, mas em um lugar de passividade, ausente de poder enunciativo efetivo. No diálogo com Raymond e, mais tarde, no embate entre o promotor e o advogado, o *eu* de Meursault transita entre ser interpelado diretamente e ser reduzido a um *ele* quando é descrito como o homem que "entregou-se à mais vergonhosa devassidão". Nesse jogo pronominal, o protagonista é afastado da sua própria narrativa, por mais que ainda esteja

presente nela, perdendo progressivamente, no espaço de diálogo, o controle sobre a construção da narrativa.

Além disso, o contraste nas relações de Meursault reforça a sua posição pronominal transitória. Com Marie, há momentos em que ocupa a posição de um *tu* afetuoso, ainda que haja uma ausência, por vezes, de uma profundidade emocional - frustrando a expectativa de Marie. Já com Raymond, a relação parece marcar um *tu* submisso, moldado pelas decisões de Raymond, como na cena do confronto com os árabes. Essas relações e posicionamentos pronominais vão constituindo o *eu* de Meursault na transitividade pronominal, o transformando em um *ele* a ser julgado moral e legalmente por conta das suas ações e posicionamentos anteriores. O *eu* do protagonista vai se apagando - e sendo apagado - conforme ele é apropriado pelos discursos que o cercam, tornando essa relação pronominal mais um aspecto revelador do absurdo da narrativa, que constrói o distanciamento entre o indivíduo e as estruturas que pretendem julgá-lo e defini-lo.

Assim como o protagonista do livro, os personagens que conduzem a narrativa, especialmente durante o julgamento, se encontram em uma posição de confronto. Não por acaso, esses personagens representam as expectativas sociais e normas que contrastam com a maneira de viver de Meursault. Como discutido neste trabalho de tese, o julgamento do protagonista não se limita ao ato de assassinato, mas também examina o modo como ele viveu até então, especialmente em suas relações com Marie e com seu amigo Raymond. Com Marie, Meursault relacionava-se de forma direta e descomplicada, o que contrastava com a forma como Marie se relacionava, com maior envolvimento e afetividade. Esse aspecto da relação também é trazido à tona no julgamento. Com Raymond, Meursault não se opôs quando o amigo agrediu uma mulher na primeira parte do livro e concordou com os pedidos de Raymond, como o de acompanhá-lo à praia para um confronto com um grupo de árabes. A citação acima ainda ganha destaque pelo promotor, que associa a aparente ausência de emoção de Meursault à sua moralidade, sobretudo após a morte da mãe, argumentando que ele teria se entregado a ações consideradas impróprias e ao assassinato de um homem.

Ao se manifestar no final da citação, o advogado de Meursault está expressando sua frustração e incredulidade com a forma como o promotor está

conduzindo o caso. Ele questiona se o acusado está sendo julgado por enterrar a mãe ou por assassinar um homem, destacando a confusão e a falta de clareza nos argumentos apresentados no tribunal. Essa perspectiva que se estabelece nesse momento é uma construção que esclarece, também, a relação dos acontecimentos da segunda parte do livro com os acontecimentos iniciais da obra. Essa passagem reflete a atmosfera absurda presente na obra de Camus. Meursault é julgado não apenas pelos atos específicos que cometeu, mas também por sua aparente indiferença diante da vida e da morte, o que contribui para a desconexão entre ele e a sociedade que o julga.

Mesmo no banco dos réus, é sempre interessante ouvir falar de si mesmo [...] No entanto, uma coisa me incomodava vagamente. Apesar das minhas preocupações, às vezes eu ficava tentado a intervir e meu advogado me dizia, então: "Cale-se, é melhor para o seu caso." De algum modo, pareciam tratar deste caso à margem de mim. Tudo se desenrolava sem a minha intervenção. Acertavam o meu destino sem me pedir uma opinião. De vez em quando tinha vontade de interromper todo mundo e dizer: "Mas afinal, quem é o acusado? É importante ser o acusado. E tenho algo a dizer." Mas, pensando bem, nada tinha a dizer. Devo reconhecer, aliás, que o interesse que se tem em ocupar as pessoas não dura muito tempo (Camus, 2020, p. 104).

Por fim, na terceira citação, o personagem principal descreve sua experiência enquanto acompanha o julgamento do qual é réu. Ele relata um sentimento de desconforto e um desejo, por vezes, de intervir para expressar algo a seu respeito, mas é instruído por seu advogado a permanecer em silêncio para o benefício do caso. Em suas reflexões, o protagonista vê que o julgamento parece ocorrer à sua revelia, com decisões sendo tomadas sobre seu destino sem sua participação direta, o que fica claro após os relatos do narrador na obra. O relato evidencia uma sensação de exclusão do processo e uma percepção de distanciamento, já são observadas por Meursault as ações ao redor como se o seu papel ali naquele espaço fosse à margem.

A sensação de que o julgamento está ocorrendo "à margem" dele e que seu destino está sendo decidido sem sua intervenção ressalta não só o desconforto de Meursault diante das normas sociais e expectativas convencionais dos que ali estão, como também o afastamento do personagem,

sendo reduzido na obra e colocado, em certos momentos de diálogo, em uma instância fora da correlação entre *eu* e *tu*.

A citação de Camus evidencia o sentimento que vem sendo discutido até aqui: do sujeito, personagem-narrador, estar à margem principalmente no segundo momento da obra, o que se relaciona com a ideia de menosprezo, evidenciada por Benveniste no texto *Natureza dos pronomes*, do primeiro PLG. Esse afastamento é reflexo de um deslocamento social, no qual Meursault é reduzido a um objeto na instância discursiva, tratado como um indivíduo externo que não participa ativamente do processo que decide o seu destino. Segundo Benveniste, o *ele* é um pronome que ocupa, também, uma posição de afastamento em relação à enunciação direta de *eu* e de *tu*. Esse afastamento não é apenas espacial, mas é também relacional, pois implica um distanciamento que pode carregar conotações de exclusão. Ao dizer "testemunho de menosprezo" (Benveniste, 2005, p. 254), Benveniste indica que a referência ao *ele* frequentemente implica a negação quanto à intersubjetividade, relegando o referido ao lugar de observador ou objeto.

Meursault é posicionado como um *ele* em um espaço que deveria validá-lo como *eu*, e isso pouco acontece. Ao ser silenciado por seu advogado, quando diz "cale-se, é melhor para o seu caso", ele é deslocado para uma espécie de periferia discursiva, visto que é colocado à margem nesse espaço que ocupa. Em vez de ser o pronome *eu* que fala, o personagem se torna o *ele* sobre quem se fala.

Ao longo deste trabalho, procurei descrever como a obra foi mostrando Meursault saindo de uma posição de primeira pessoa para terceira pessoa em situações de diálogo. Essa noção de transitividade pronominal pode ser explicada por algumas questões pertinentes para a análise da obra, sobretudo no que concerne os momentos nos quais Meursault está sendo julgado. A maneira de Meursault narrar seus acontecimentos até o assassinato ao final da primeira é visto não só pelos espectadores do tribunal, mas também pelo próprio leitor, como um relato desapaixonado, sereno e aparentemente desconectado da realidade. O que Meursault faz, seja em relação ao que sente, seja em relação ao que entende por verdade. Essa constatação do seu descompasso com a realidade declara o contraste do personagem-narrador com a sociedade que ali

o está julgando. Meursault não tem religião, obedece a suas vontades, seu tempo, seu processo, seus próprios amores.

Meursault tem empatia por si. O protagonista não compreende as normas e expectativas sociais que estão sendo usadas para julgá-lo. Quando ele é julgado não só pelo assassinato do árabe, mas também por sua atitude no funeral de sua mãe, por exemplo. Seu comportamento diante da morte de sua mãe é visto como um sinal de sua natureza moralmente questionável, levando-o à sentença de pena de morte não exclusivamente por conta da morte do árabe, mas por ser “intrinsecamente mau”. Meursault é, de fato, julgado por ser quem ele é, e não por conta dos seus atos, apenas. A segunda parte da obra destaca, portanto, uma desconexão do personagem central da obra com a realidade, com as normas sociais. Meursault, por fim, acaba sendo protagonista de um espetáculo.

Essas citações encontram elo entre si, e foi justamente esse elo que me fez trazê-las para ilustrar o caminho percorrido. Tratar aqui sobre o que está sendo abordado, existência e mutabilidade da ação através do ato sempre constante dos sujeitos na instância discursiva, é também falar sobre as infinitudes de sujeitos que o *e/e* pode denotar. Benveniste já nos alertava no texto de 1946 que, ao menos para o linguista, há duas maneiras de referenciar esse *e/e*. Com Dufour, veremos outras maneiras além das duas de Benveniste (reverência e/ou menosprezo) para abordar a terceira pessoa.

A construção feita até aqui traçou um fio condutor para a discussão pronominal na obra *O Estrangeiro*. Ao passar pelas seções, em especial a seção 2.3, onde analisei a instância discursiva de Meursault, procurei mostrar como esse personagem se enuncia, se percebe e se posiciona no mundo, mesmo enquanto sua personalidade é questionada pelo tribunal que o julga. O protagonista acaba sendo, por fim, condenado pela sua suposta incapacidade de amar sua mãe, além de ser interpretado como um sujeito que não adere a certos códigos sociais, como o luto da mãe também. Esse julgamento, no entanto, não aniquila totalmente sua posição, tendo em vista que o personagem é colocado fora da reversibilidade de *eu* e *tu* somente nas situações de diálogo. Como ele é o narrador, há situações de monólogo em que ele toma o lugar de *eu*, até o final da narrativa. Embora Meursault sinta o peso das normas que lhe

são impostas, ele permanece fiel a si. Ademais, mesmo diante da expectativa de que ele revele um "outro eu" - mais socialmente aceitável -, o personagem opta por se afirmar em sua verdade. Esse ato, esse movimento de escolha transpõe uma manutenção ativa da sua narrativa, o que o faz recusar uma redução a uma não-pessoa, a que é submetido em situações de diálogo, mantendo uma consciência de si, via monólogo.

A análise das posições pronominais na narrativa de Camus revela uma complexidade que vai além da simples leitura de indiferença ou desprezo, embora essas sensações sejam, de fato, evidentes ao longo da obra. Em Meursault, é possível observar um sujeito cuja relação com os outros – e consigo mesmo – é marcada por dinâmicas que transcendem a mera ausência de empatia.

No capítulo seguinte, abordarei os conceitos de absurdo e revolta em Camus, que dialogam intimamente com os elementos que foram vistos até aqui, como o cenário e a atmosfera em *O Estrangeiro*. O Sol, a luminosidade e a escuridão, bem como os espaços que Meursault ocupa, tornam-se representações simbólicas da condição humana na constatação do absurdo, onde o sujeito é desafiado a afirmar-se, ou resignar-se. Esta etapa última da tese expandirá a análise para compreender, no campo filosófico, como Camus concebe o confronto entre o *eu* e o mundo sem sentido, culminando na ideia de revolta, configurando uma resposta possível ao absurdo.

3 - A FILOSOFIA CAMUSIANA E OS ESTUDOS DE LINGUAGEM: INTERSECÇÕES

A hora em que dizeis: “Que importa minha felicidade? Ela é pobreza, imundície e lamentável satisfação. Mas minha felicidade deveria justificar a própria existência!”. A hora em que dizeis: “Que importa minha razão? Procura ela o saber, como o leão seu alimento? Ela é pobreza, imundície e lamentável satisfação!”. A hora em que dizeis: “Que importa minha virtude? Ela ainda não me fez delirar. Como estou cansado de meu bem e meu mal! Tudo isso é pobreza, imundície e lamentável satisfação!” (Nietzsche, 2011, p.13).

Neste capítulo final, abrirei a discussão de análise para os estudos filosóficos. Resolvi adentrar nessa discussão por compreender que a temática sobre a construção da subjetividade na obra literária condiz, sobretudo, com a sociabilidade partilhada ao longo da existência. Além disso, é a partir da leitura realizada na obra de Camus, que temos possibilidades de encontrar traços semelhantes ao que é vivido pelo sujeito nas suas relações sociais, familiares, entre outras. Além disso, falar sobre existência, sobre o sujeito que se encontra numa circunstância de angústia, é algo recorrente na discussão sobre o mundo e suas relações.

Na filosofia existencialista, temos uma nova tomada de pensamento com Soren Kierkegaard, na obra *O desespero humano* (1876), mas é após a produção e inserção da obra *Ser e Tempo* (1927), de Martin Heidegger, na França, em meados de 1930, que as discussões sobre existência afloram. Não podemos esquecer que se enfrentava uma grande guerra e a falta de alteridade no mundo serviu para alavancar discussões sobre a falta de sentido, sobre as mortes, os assassinatos e a própria angústia do sujeito. Com isso, esta seção, além dos próximos três pontos, em especial o 3.1 chamado *Assassinato e violência já são doutrinas: o absurdo e a revolta para Camus*, irão servir para adentrar em uma nova discussão, a partir do que a análise pronominal na obra de Camus deixa em aberto para uma nova abordagem, agora no campo da filosofia.

Em 2019, Serge Martin, professor de literatura contemporânea na Paris 3, discorreu a respeito de Camus e a sua voz poética, afirmando que, “Camus fait le plein du poème dans et par sa voix pour que *vivre* soit possible pour tous, même ‘en haute mer’ ”¹⁷ (Martin, 2019). A ideia é mostrar como Camus, tanto em sua vida quanto em sua obra, não se limita a ser um poeta ou um escritor em um sentido estritamente literário. Para Camus, o ato de viver, com todas as incertezas e complexidades, é o foco central. A poesia ou a escrita em geral não são fins em si mesmos, mas meios de expressar e confrontar a experiência viva e o absurdo da existência. Martin sugere, com essa frase que, para Camus, tanto a escrita quanto a vida refletem uma contínua experimentação com a condição humana. Martin vê em Camus obra e vida do autor como continuidade entre o ato de escrever e o ato de existir.

A partir de Martin, começamos a entender um outro viés de estudos em Camus e que nos leva ao ensaio filosófico *O Homem Revoltado*. O pensamento de Camus foge da regra, ou seja, ambientando-se a partir da teorização filosófica francesa dos anos 40 e 50, a linguagem em Camus era vista pelo escritor como possibilidade de quebra com a normalização dos padrões de sociabilidade na cultura europeia. Começamos em Camus um trajeto sobre a vida, o sol e o amor (1937-1942)¹⁸ e vamos para a recusa, o consentimento e o assassinato (1946-1956)¹⁹.

As teorias de Camus, nestes anos em que o filósofo se debruçou sobre os estudos acerca da existência humana, compreendem as construções de sociabilidade, sobretudo quando se trata sobre as figuras sociais que sofrem algum tipo de abandono, sofrimento ou marginalização. Afinal, diante das teorias do absurdo e da revolta, podemos compreender que essa noção de absurdo, que parte da sua constatação, coincide com todas as interpelações que regem a nossa existência, tudo aquilo que é conflituoso e, sobretudo, excludente. É preciso pensar, no entanto, que será encaminhada aqui uma possibilidade do

¹⁷ Tradução: “Camus preenche o poema na e através da sua voz para que a *vida* seja possível a todos, mesmo ‘em alto mar’”. Disponível em: <https://ver.hypotheses.org/3212>. Acesso em: set. de 2024.

¹⁸ “*O avesso e o direito* (1937), *Calígula* (1938), *Núpcias* (1939), *O Mito de Sísifo* (1942) e *O Estrangeiro* (1942).

¹⁹ *A crise humana* (1946), *A Peste* (1947), *O estado de sítio* (1948), *O tempo dos assassinos* (1949), *Os Justos* (1949), *O homem revoltado* (1951), *O Verão* (1956) e *A queda* (1956).

sujeito em ressignificar as experiências, assim como Camus traz no capítulo nomeado de *A Criação Absurda*, no livro *O Mito de Sísifo*:

Na experiência que tento descrever e fazer sentir de diversos modos, é certo que aparece um tormento em cada ponto em que morre outro. A busca pueril do esquecimento, o apelo da satisfação fica agora sem eco. Mas é a tensão constante que mantém o homem diante do mundo, o delírio organizado que o impele a acolher tudo lhe deixa uma outra febre. Nesse universo, a obra é então a única possibilidade de se manter a consciência e se fixar em suas aventuras. Criar é viver duas vezes (Camus, p. 68, 2012).

A citação de Camus levanta a questão de que a criação artística e literária emerge como uma forma de *re-sistência* e afirmação da consciência. No contexto de um universo absurdo, a criação artística se torna uma forma de manter a consciência e dar significado às experiências de vida. Este é um dos motivos para trazer essa aproximação entre os estudos da linguagem de Benveniste e a obra de Camus, a ver, *O Estrangeiro*.

A citação ainda reflete a visão de Camus sobre a criação artística como uma resposta ao absurdo, e essa constatação é algo muito importante de se levar em conta enquanto se faz a análise da obra *O Estrangeiro*. Segundo Germano (2007), em um mundo sem sentido intrínseco, onde o sofrimento é inevitável e as tentativas de esquecer ou encontrar satisfação superficial são fúteis, a criação se torna uma forma de resistência e de afirmação da existência. A arte, então, permite ao indivíduo confrontar e organizar suas experiências, transformando a tensão e o delírio da vida absurda em algo significativo. Criar, portanto, é uma maneira de viver plenamente, de constatar e de enfrentar o absurdo. Recriar, então, é novamente, de maneira plena, através de um novo olhar criado a partir da constatação desse absurdo.

A obra de arte, como pode ser vista por Camus (1951), permite ao indivíduo explorar e fixar suas experiências, dando a elas forma e sentido. Camus diz, portanto, que o indivíduo vive sua experiência e, ao mesmo tempo, *re-vive* e *re-interpreta* essa experiência através da obra criada. A criação, contudo, permite uma outra possibilidade de viver, onde as experiências são vividas e concomitantemente recriadas, levando à uma forma de imortalidade.

Cito novamente Camus:

Um pensamento profundo está em contínuo devir, esposa a experiência de uma vida e se amolda a ela. Do mesmo modo, a criação única de um homem se fortalece nas faces múltiplas e sucessivas que são suas obras. Umas completam as outras, corrigem-nas ou as recuperam, contradizem-nas também (Camus, p. 82, 2012).

Em paralelo tem-se, em Benveniste, a linguagem concebida como *locus* da re-criação e produção de sentidos. Logo, temos na literatura de Camus a possibilidade de ingressar em um estudo antropológico, através da incessante discussão interdisciplinar que envolve a experiência do sentir-se sujeito no mundo absurdo, enquanto experiência da subjetividade na linguagem. Benveniste destaca a linguagem como um espaço de recriação e produção de sentidos, a partir dessa constatação pode-se tomar a literatura como um campo próspero para explorar a experiência humana e a subjetividade. Relacionando com a obra literária, podemos examinar como o romance usa a linguagem e a narrativa para construir o conceito do absurdo e a experiência de sentir-se sujeito em um mundo sem sentido. *O Estrangeiro* pode, então, ser analisado pelo prisma da subjetividade focalizando especialmente o personagem Meursault, através da reflexão sobre a tríade pronominal, a fim de desafiar as construções de sentido e fazer com que seja possível refletir sobre a condição humana em um universo indiferente, proporcionando um terreno para a discussão interdisciplinar.

Para falar de absurdidade - primeiro sintoma de Camus que é estudado, principalmente, até 1946 e que surgiu, segundo Geske (2012), pela primeira vez em 1935 nos *Carnets*²⁰ de Camus – é preciso pensar na revolta, e ela se dá, consequentemente, em uma relação intersubjetiva. O discurso do sujeito revoltado se mostra no contraste entre o sim e o não (negar a história e aceitar a história) através da experiência. Camus (2014) explorou a ideia de que não há como estagnar a carne nessa eterna existência da dúvida entre o sim e o não,

²⁰ Entre 1935 e 1942, Camus escreveu três *Carnets* (*Esperança do Mundo* (1935-1937), *A desmedida da medida* (1937-1939) e *A guerra começou, onde está a guerra?* (1939-1942), cadernetas que o autor usava como maneira de revisitar suas anotações e, em muitos casos, utilizá-las para seguir suas reflexões seja no campo literário, teatral ou filosófico.

fazendo com que o seu protesto tenha validade para si e que a tomada por decisões seja potencializada dia a dia.

Em *O Estrangeiro*, vemos o personagem-narrador como um estrangeiro na obra, procurando identificar-se em uma sociedade que normaliza atos que são conflituosos com o modo de enxergar a vida de Meursault. Nos pontos abaixo, irei tratar sobre os conceitos de absurdo e revolta em Camus, para identificar como o trabalho de análise na obra faz com que seja possível identificarmos esse “distanciamento presente” do *ele* na instância discursiva de *eu-tu*, e por quais motivos esses sintomas acontecem, ampliando a discussão para além da relação pronominal.

3.1 “Assassinato e violência já são doutrinas”: o absurdo e a revolta para Camus

A filosofia de Albert Camus, antes de tudo, aprofunda-se no estudo sobre a filosofia da existência, sobretudo quanto à construção teórica que o autor franco-argelino promove em suas escritas. A filosofia de Albert Camus é um percurso cultural e social e uma imersão na conceituação filosófica sobre os seus principais temas. Em suma, tem-se, para Camus, duas importantes frentes para o pensamento daquilo que se busca estudar sobre ser-sujeito²¹ no mundo: o sintoma do absurdo e o sintoma da revolta. Estes são, a grosso modo, os dois maiores pontos que Camus aborda em toda a sua trajetória como ensaísta, literato e artista. Em meio a essa imersão no estudo sobre o sujeito em Camus, é possível estudar, também, a subjetividade em sua filosofia.

Detenho-me, aqui, tão logo, em exemplificar absurdo e revolta mostrando que esta construção teórico-metodológica a partir da produção de Camus faz com que se possam articular outros temas que florescem sob a luz da pesquisa camusiana. Entre alguns temas, existem dois que estão sendo abordados desde

²¹ Por não ser considerado um existencialista, a noção de sujeito em Camus não é facilmente alinhada às correntes tradicionais do existencialismo, apesar de frequentemente ser associada a elas. Como aponta Geske (2012), Camus entende o sujeito não como um ser isolado, mas como um ser em constante confronto com o mundo absurdo que o cerca. Esse sujeito camusiano não busca sentido fora de si mesmo, mas afirma sua liberdade e dignidade na recusa de soluções metafísicas ou religiosas para o absurdo. Portanto, o sujeito em Camus é caracterizado tanto pela consciência de sua finitude quanto pela capacidade de revolta, que, ao contrário da resignação, afirma o valor intrínseco da vida.

o começo deste trabalho: a discussão pronominal e a subjetividade. Albert Camus não trata, necessariamente, dos conceitos citados anteriormente, porém, isso não impede de se discutir acerca da obra, desde esse ponto de vista. Ademais, é imprescindível que tratemos do absurdo e da revolta falando sobre a falta de alteridade no mundo e a própria *re-descoberta* de si, temáticas que conduzem os ensaios filosóficos escritos pelo autor.

Na leitura da conferência que Camus proferiu na Universidade de Columbia, em Nova York, no dia 28 de março de 1946 chamada *La crise de L'homme*²², o filósofo traz à tona a problemática vista em 1942 na obra *O Mito de Sísifo*, sobretudo o contraste da vida absurda para com um recente fim da Segunda Guerra Mundial. Na conferência, Camus busca situar a questão do sujeito frente ao silenciamento para com as mortes nos grandes conflitos, negando-as e ofuscando os sujeitos através do totalitarismo. A crise humana versa, portanto, sobre a vontade de ser e a (falsa) liberdade de ter. Ser sujeito e ter liberdade como sujeito pode ser compreendido, para Camus, quando há a aproximação do eu com o mundo ao seu redor, assim como podemos ver em *O Estrangeiro*, no confronto de Meursault com o capelão em sua cela na prisão. Com isso, Camus confronta os assassinos do seu tempo, fazendo aqui um diálogo que será utilizado em suas próximas conferências e no seu segundo ensaio filosófico, *O Homem Revoltado*, de 1951. O assassino, logo na primeira página do ensaio, é colocado em um estatuto de juiz, aquele que premedita, interfere e sujeita o ser aos direitos, ofuscando-o por completo. Para Camus, os crimes se revelam de maneiras diversas. Como o mesmo escreve nas duas primeiras linhas de *O homem revoltado*, “há crimes de amor e crimes de lógica” (Camus, 2017, p 11), ou seja, ele aponta para a construção de um novo sujeito, que se vê moldado por um sistema regido pela barbárie e pela tragédia. Existem algumas formas de refúgio, seja na religião e/ou na política, porém Camus destina a sua obra para tratar, como podemos ver na citação abaixo, dos crimes

²² A conferência foi proferida no Teatro McMillin da Universidade e repetida no Brooklyn College e em Harvard, no mesmo ano de 1946. Em 1949, Camus profere no Brasil a conferência *O Tempo dos Assassinos*. A nota que antecede o texto de abertura da conferência que está no livro *Camus, o Viajante* nos remete à semelhança no discurso de 1946: “Se as problemáticas aqui abordadas por Camus se inscrevem na continuidade dos temas abordados em suas conferências norte-americanas de 1946, elas também prenunciam *O homem revoltado* ensaio publicado em 1951 e do qual ‘O tempo dos assassinos’ constitui um dos trabalhos preparatórios” (Pinto, 2019, p. 163).

lógicos, daqueles dos detentores de poder que julgam e fazem as suas próprias leis em um sistema falho e caótico.

Mas, a partir do momento em que, na falta do caráter, o homem corre para se refugiar em uma doutrina, a partir do instante em que o crime é racionalizado, ele prolifera como a própria razão, assumindo todas as figuras do silogismo. Ele, que era solitário como o grito, ei-lo universal como a ciência. Ontem julgado, hoje faz-se lei (Camus, 2017, p. 11).

A perspectiva de uma análise sobre os crimes lógicos, presentes em *O Homem Revoltado*, encontram elo com a análise de *O Estrangeiro*. Camus identifica nos crimes lógicos a expressão de uma racionalidade desumanizante, onde a razão é instrumentalizada para justificar atos de violência em nome de ideais absolutos ou sistemas de poder. Não é por acaso que Camus concedeu palestras e descreveu situações, como em *Reflexões sobre a guilhotina*²³, dizendo que o Estado “disfarça execuções e cala sobre estes textos e sobre estes testemunhos. Ele não acredita, portanto, no valor da pena como exemplo, a não ser por tradição e sem se dar ao trabalho de refletir” (Camus, 2022, p. 34) ou em *Tempo dos Assassinos*, quando afirma que “o mundo não se divide mais entre justos e injustos, mas entre senhores e escravos” (Camus, 2019, p. 172), o que suscita à reflexão sobre de que maneira, na história, ocorreu e ainda ocorre a legitimação da morte na e pelas instituições.

Quando uma ideia ou doutrina se torna refúgio do ser humano, ela transforma o ato isolado do crime em uma lógica normativa que o universaliza, como aponta também Pinto (1998). Dessa maneira, o crime passa a ser universal como a ciência e deixa de ser solitário. Essa constatação pode ser vista e interpretada, também, através da citação abaixo.

Não existe vida sem diálogo. E na maior parte do mundo, o diálogo é substituído hoje em dia pela polêmica, a linguagem da eficácia. O século XX é, entre nós, o século da polêmica e do insulto. Ela ocupa entre as nações e os indivíduos, e até mesmo no nível das disciplinas outrora desinteressadas, o lugar tradicionalmente ocupado pelo diálogo refletido. Dia e noite, milhares de vozes, cada uma delas entregue a um tumultuado

²³ Publicado originalmente em 1957, no livro *Réflexions sur la peine capitale*, Camus discorre e realiza uma crítica (que será feita também em *O Homem Revoltado* a legitimação da morte, da violência e a relação entre indivíduo/sociedade, além da relação entre indivíduo/Estrado.

monólogo, derramam sobre os povos uma torrente de palavras ludibriadoras. Mas qual é o mecanismo da polêmica? Ela consiste em considerar o adversário como inimigo, em simplificá-lo, conseqüentemente, e em se recusar a vê-lo. Naquele que insulto, deixo de reconhecer a cor do olhar. Graças à polêmica, não vivemos mais num mundo de homens, mas num mundo de silhuetas (Camus, 2019, p. 176).

O diálogo, na perspectiva apontada por Camus, implica o reconhecimento mútuo entre os sujeitos: um *eu* que enuncia e um *tu* que responde. Esse espaço de reciprocidade é vital para a construção de uma relação intersubjetiva. Por outro lado, o monólogo e a polêmica parecem eliminar essa reciprocidade, substituindo o *tu* por um *ele* que desumaniza, como a citação parece mostrar, reduzindo o outro a uma silhueta, uma figura quase que instrumentalizada. Quando a polêmica toma conta do lugar de diálogo, o *tu* é deslocado para a posição de *ele*. Nesse contexto, o *tu* perde sua força como um sujeito ativo, tornando-se um objeto passivo do discurso, ou uma simples abstração. Quanto ao *Estrangeiro*, podemos observar essa dinâmica. O julgamento de Meursault é conduzido não como um diálogo genuíno que busca compreender a situação, mas como uma polêmica onde o personagem é reduzido a uma "silhueta". O *tu* de Meursault é constantemente negado, sendo relegado aos poucos à posição de *ele*. Quando o promotor associa suas atitudes à morte da mãe há uma tentativa de condenação moral, há uma negação da legitimidade da posição do protagonista. Meursault é tomado como um *ele* (sobre quem se fala) e não como um *tu* (para quem se fala), destacando a polêmica que substitui qualquer tentativa de diálogo.

Quando a racionalidade é usada para institucionalizar a opressão, distanciando-se do sentido humano e se tornando apenas uma ferramenta para preservar a ordem, o poder ou a autoridade, é que vemos os crimes de lógica acontecerem. Na perspectiva de Camus, os ideais de justiça e poder, quando "desconectados" de uma atitude moral e ética social da humanidade, conduzem a uma tradição de assassinato, na qual o crime é calculado, justificado e sistematizado. A polêmica, nesse caso, representa exatamente o mecanismo de desumanização, pois torna o outro uma "silhueta", alguém cuja complexidade e humanidade são reduzidas a uma figura simplificada, a um "inimigo", assim como quando ocorre o julgamento de Meursault em *O Estrangeiro*. No contexto do

absurdo, por exemplo, o que o personagem vive no seu íntimo, diante das ações que o interpelam. Enquanto a revolta é justamente a resposta à percepção do absurdo; não é uma aceitação passiva, mas um movimento, uma constatação e uma resistência contra a injustiça. Para o filósofo, o ser revoltado é o ser que aceita e recusa o absurdo, e ao mesmo tempo rejeita o extremismo e a violência que se justificam pela lógica - que resultam em crimes e opressões sistemáticas.

Em uma sociedade dominada pela polêmica, em pleno século XX (mas visivelmente podemos estender essa discussão para o século XXI), há uma quebra na comunicação, no relacionamento e no reconhecimento entre os pares, acentuando a experiência do absurdo. Quando não há diálogo por conta da opressão, a sociedade se fecha em "tumultuados monólogos", deixando as pessoas isoladas em suas visões, em seus mundos, como se fossem incapazes de se conectarem umas com as outras. No que compete à revolta, esse movimento para Camus deveria rejeitar a polêmica em favor da autenticidade, no respeito das diferenças e na humanidade do outro.

Para Camus, portanto, o absurdo e a revolta são movimentos que acontecem em conjunto, pois a sua constatação (absurdo) e a sua reação ao mundo (revolta) são respostas criativas e éticas, em que a liberdade do ser humano é afirmada sem ceder ao dogmatismo ou à barbárie. Mesmo sabendo que este é um movimento e um equilíbrio difícil, se faz necessário a fim de que se evite a lógica do poder quando ela se fundamenta em justificativa para a violência sistemática.

3.2 Meursault: a existência absurda

A fim de dar continuidade à discussão sobre o personagem-narrador, penso que seja necessário adentrar aos estudos filosóficos para que possamos compreender como sua construção na narrativa dialoga com o contexto mais geral da obra de Camus. Com isso, nesta seção, irei fazer uma discussão sobre filosofia na obra de Camus, buscando os livros do autor que dialoguem com os primeiros movimentos sobre a filosofia do absurdo.

A filosofia do absurdo, primeiro conceito de fôlego de Camus, sugere um ponto de partida para o indivíduo que reconhece o absurdo que é a existência humana. O conceito de absurdo se dá pela experiência e pela maneira como os indivíduos percebem, interpretam e respondem ao mundo ao seu redor através da constatação desse absurdo. Para a filosofia de Camus, essa constatação pode ser conceituada, nesse caso de relação do sujeito com o mundo, como uma ação que está ligada à percepção individual e à forma como cada indivíduo experimenta o mundo de maneira particular. Essa tomada de pensamento irá levar para uma nova compreensão sobre o eu e sobre o agir de si no mundo, de acordo com a filosofia camusiana.

As normas, valores e crenças da sociedade em que uma pessoa vive desempenham um papel importante na formação do sujeito no mundo. Em uma crítica à obra *Náusea*, de Jean-Paul Sartre, Camus diz “constatar o absurdo da vida não pode ser um fim, mas apenas um começo [...] Não é esta descoberta que interessa, e sim as consequências e as regras de ação que se tira dela” (2018, p. 122). Nesse ponto de partida, compreende-se a constatação do absurdo como essa experiência que visa a modificar a realidade. Cabe ao sujeito marginalizado/angustiado transpor, ultrapassar esse sintoma, através de um novo sentido, inventando-se diante da sua existência no mundo.

Ademais, se faz necessário a intersecção entre os estudos filosóficos, linguísticos e literários, tendo em vista toda uma discussão proposta aqui, edificando um caminho de base sobre os pronomes, na compreensão que se tem sobre o seu devir na e pela linguagem e como essa transitividade pode surtir efeitos no campo da coletividade. Por fim, como pressupostos para as discussões futuras nesta seção, o conceito de absurdo em Camus está profundamente enraizado na filosofia da existência e em sua própria interpretação dessa corrente filosófica. Para Camus, o absurdo surge da confrontação entre a busca humana por significado e sentido na vida e o universo aparentemente irracional.

Cenários desabarem é coisa que acontece. Acordar, bonde, quatro horas no escritório ou na fábrica, almoço, bonde, quatro horas de trabalho, jantar, sono e segunda terça quarta quinta sexta e sábado no mesmo ritmo, um percurso que transcorre sem problemas a maior parte do tempo. Um belo dia, surge o “por quê” e tudo começa a entrar numa lassidão tingida de

assombro. “Começa”, isto é o importante. A lassidão está ao final dos atos de uma vida maquinal, mas inaugura ao mesmo tempo um movimento da consciência. Ele o desperta e provoca sua continuação. A continuação é um retorno inconsciente aos grilhões, ou é o despertar definitivo. Depois do despertar vem, com o tempo, a consequência: o suicídio ou restabelecimento. Em si, a lassidão tem algo de desalentador. Aqui devo concluir que ela é boa. Pois tudo começa pela consciência e nada vale sem ela (Camus, 2014, p. 28)

A filosofia do absurdo é, também, quebra e confronto. O "por quê" é, por exemplo, rompimento com a vida maquinal, interrompendo a repetição e trazendo uma lassidão. Por mais que o absurdo possa, em um primeiro momento, trazer uma sensação de desespero e solidão, a sua constatação, o seu despertar, é mola para reflexão sobre o sentido do hoje. Camus inclusive indica duas opções para esse confronto: o suicídio ou o restabelecimento. Negando a morte precoce, Camus considera o reestabelecer-se no mundo um primeiro movimento de revolta, pois além de conceber o absurdo, é preciso viver com ele.

Camus argumenta, portanto, que a vida é intrinsecamente desprovida de sentido, e os esforços humanos para encontrar significado são, portanto, absurdos. Esse movimento do conceito sobre o absurdismo é imprescindível para compreendermos, também, como se dá a constituição da narrativa de Meursault frente aos outros personagens na obra de Camus.

Quanto aos outros personagens, a hesitação de Meursault em explicar ou justificar sua falta de emoção também destaca sua recusa em se conformar com as convenções sociais. Ele menciona a vontade de dizer à Marie que a culpa não era dele, sugerindo uma possível sensação de julgamento ou condenação que ele enfrenta de outros. Esse padrão de comportamento de Meursault se desenrola ao longo do romance, mostrando sua jornada como um estrangeiro que desafia as normas sociais e enfrenta as consequências dessa escolha. Nessa sua relação com Marie, *eu* e *tu* são, como se sabe, índices da enunciação. Por mais que *eu-tu* dependem inteiramente da presença e engajamento no discurso através do diálogo, a reciprocidade por vezes se mostra fragmentada através de como Meursault estabelece seus diálogos com Marie, o que parece ficar mais visível quando essa relação revela uma ruptura na relação discursiva.

Albert Camus explicitaria posteriormente à publicação de *O Estrangeiro* sobre assuntos relacionados à felicidade humana e como essa felicidade está ligada às doutrinas e aos processos sociais pelos quais os indivíduos passavam, exclusivamente em um mundo pós Segunda Guerra Mundial. Na conferência de 1948, chamada “Testemunha da Liberdade”, durante o comício do movimento político *Rassemblement démocratique révolutionnaire* (RDR), junto a Sartre, Carlo Levi e Richard Wright, Camus destaca uma menção importante sobre a liberdade e sobre a morte que posso encontrar elo e trazer como um resgate para a compreensão do movimento de Meursault:

Quando a morte se torna assunto de estatística e administração, é porque os assuntos do mundo não vão bem. Mas, se a morte se torna abstrata, é porque a vida também é abstrata. E a vida de cada um só pode ser abstrata quando se resolve submetê-la a uma ideologia [...] querer dominar alguém ou alguma coisa é desejar a esterilidade, o silêncio ou a morte de alguém. Para constatá-lo, basta olhar ao redor. Não existe vida sem diálogo. E na maior parte do mundo o diálogo hoje é substituído pela polêmica (Camus, 2023, p. 122).

A vida de Meursault se torna abstrata dentro do seu julgamento, principalmente quando o personagem não se sujeita às crenças que ali são impostas, procurando mostrar-se convicto quanto à sua fala. Ainda sobre a abstração da morte, em *O Estrangeiro*, Meursault demonstra uma atitude de incompreensão em relação à morte, tanto a de sua mãe, quanto a sua própria. A fim de destaque adicional, considero importante também falar sobre a polêmica (falta de) do diálogo. Essa incompreensão evidencia a desconexão entre a experiência humana e os sistemas estabelecidos que tentam encapsular a vida e a morte em narrativas objetivas. Sua vida, assim como a morte, é vista de maneira adversa pela sociedade dentro da lógica do tribunal, que o transforma em um objeto de julgamento, reforçando o sentido de abstração mencionado por Camus.

A citação menciona, também, a ausência de diálogo verdadeiro, substituído pela polêmica. Aqui, é fundamental retomar a distinção entre diálogo e monólogo segundo Camus. O diálogo, na concepção camusiana, é uma troca autêntica que só ocorre entre um *eu* e um *tu* reconhecidos como interlocutores. Em termos pronominais, o *eu* se dirige ao *tu* não apenas como receptor passivo, mas como sujeito ativo de resposta. Já a polêmica, representada por monólogos

disfarçados de diálogos, elimina essa reciprocidade ao reduzir o *tu* a um *ele*, uma figura desumanizada. No tribunal de *O Estrangeiro*, essa ausência de diálogo se manifesta quando Meursault é despojado progressivamente de sua humanidade e transformado em uma abstração, por vezes, julgado mais pela sua suposta falta de emoções do que pelo ato concreto que cometeu.

Em *O Estrangeiro*, Meursault é julgado não apenas pelo crime que cometeu, mas também por sua falta de conformidade com as expectativas sociais. O julgamento de Meursault transforma-se numa polêmica sobre sua moralidade e caráter, em vez de um diálogo sobre sua humanidade, ausentificando esse personagem diante da realidade de que antes ele participava ativamente. Esse ponto merece maior detalhamento, pois evidencia como o tribunal age como uma máquina que produz discursos desumanizadores na obra de Camus. O julgamento, ao se concentrar na conduta pessoal de Meursault – como sua reação à morte da mãe ou seu comportamento com Marie –, se desvia do crime em si, tornando-se um espetáculo. O protagonista, assim, deixa de ser um *tu* que dialoga com a sociedade para se tornar um *ele* ausente e presentificado, encaixado em uma narrativa que busca reafirmar valores coletivos através da sua condenação. Para Camus, a ausência de diálogo decorre da substituição das trocas intersubjetivas por discursos polarizados, como já apontava na sua palestra *Tempo dos Assassinos* (1949), onde a compreensão do outro é substituída pela imposição de verdades absolutas. Em *O Estrangeiro*, essa falta de diálogo se manifesta nas relações pessoais de Meursault e no julgamento, em que sua indiferença é interpretada como imoralidade.

O que vai levar o indivíduo para uma constatação do absurdo é a relação com o outro, com o mundo e com a existência. O absurdo da existência é um conceito que permeia a narrativa de *O Estrangeiro* e é refletido em Meursault quando o protagonista começa a compreender os padrões morais e sociais, no contexto do seu julgamento. Sua resposta à vida, por ser espontânea, muitas vezes, revela uma indiferença existencial: para o protagonista, a vida carece de propósito definido, e qualquer esforço para encontrar significado parece inútil. Este posicionamento remete à filosofia de Camus, que sugere que, em um universo indiferente e sem propósito, qualquer tentativa de encontrar uma lógica

absoluta ou moralidade fundamental se vê inútil. Ao invés de mostrar um personagem em busca ativa do sentido, Camus apresenta Meursault como alguém que parece aceitar a ausência de sentido sem resistir. No tribunal, quando é julgado não apenas pelo crime, mas também por sua vida e suas escolhas, o questionamento se impõe de fora para dentro: Meursault é pressionado a dar um sentido que ele próprio não enxerga ou valoriza. Esse momento final de julgamento ressalta o conflito entre as expectativas sociais de uma existência significativa e a recusa do personagem central de adotar qualquer explicação confortável ou reconfortante para suas ações. O que a obra suscita, também, é como o livro nos confronta com um questionamento sobre existir - ou não - uma busca por significado na vida como um imperativo humano universal.

3.3 Meursault: a existência da revolta

Uma das questões que mais chamam a atenção durante a análise da obra *O Estrangeiro* é como a rotina de Meursault muda na segunda parte do livro, colocando-o em uma posição de ausência. Não mais narrando o curso rotineiro de sua vida, o personagem volta-se para uma introspecção que o afasta de sua relação direta com outros personagens - tanto na prisão quanto no tribunal, cenários centrais na segunda parte. Nesse novo contexto, ele se depara com uma solidão frequente e presente, fazendo com que seja possível refletir ainda mais sobre a sua existência, além da sua situação e o que o levou até ali, embora sem um aparente desespero, já que o sujeito que passa a assumir a revolta “desafia mais do que nega” (Camus, 2014, p. 39).

Essa discussão relaciona-se com aquela feita por Camus em *O Homem Revoltado* (1951), onde a revolta é descrita como uma resposta humana ao absurdo e à experiência da morte. Para Camus, a morte é o limite intransponível que desafia uma busca por sentido na vida. Em *O Estrangeiro*, a morte da mãe, por exemplo, aparece inicialmente como um evento cotidiano, sem grandes emoções por parte do personagem, diferentemente do que os amigos de sua mãe esperavam de um filho. Esse distanciamento frente à morte pode ser lido, pelo tribunal, como uma frieza moral, enquanto para o personagem central da

obra, a morte não carrega o peso de um evento metafísico; é apenas uma realidade inevitável. A forma como Meursault enfrenta a morte encontra eco no que Camus entende por revolta. O direcionamento do pensamento sobre a morte, para Meursault, busca uma compreensão sobre a revolta de Camus. Afinal, como diz Camus,

O desespero, como o absurdo, julga e deseja tudo, em geral, e nada, em particular. O silêncio bem o traduz. Mas, a partir do momento em que fala, mesmo dizendo não, ele deseja e julga. O revoltado, no sentido etimológico, é alguém que se rebela. Caminhava sob o chicote do senhor, agora o enfrenta. Contrapõe o que é preferível ao que não o é. Nem todo valor acarreta a revolta, mas todo movimento de revolta invoca tacitamente um valor (Camus, 2014, p. 24).

A postura de Meursault reflete uma aceitação silenciosa do absurdo, que não se opõe necessariamente à revolta, mas a manifesta de maneira particular, distinta daquelas dos outros personagens bem estabelecidos em seus papéis sociais, cuja adesão inquestionável às normas reflete não uma atitude de revolta, mas de conformismo. A indiferença de Meursault, frequentemente interpretada como inadequação pela sociedade, abre espaço para uma forma de reflexão que questiona a mecanicidade do sistema judicial e a ausência de sentido que permeia as instituições e relações humanas. Nesse contexto, a revolta não surge como uma ação direta ou um confronto explícito, mas como um movimento interno, uma constatação crítica silenciosa que, paradoxalmente, reafirma sua dignidade diante do absurdo.

Como foi mencionado anteriormente, em 1946 Albert Camus proferiu, nos Estados Unidos, uma conferência chamada *La crise de l'homme*, salientando que era necessário que houvesse, entre os sujeitos, um processo de relação de empatia, que levasse o ser para a empatia, além de uma atenção frente às mortes no pós 2ª guerra sob o olhar do trauma e do silêncio. Em 1949, Camus palestrou no Brasil. Na conferência chamada *Tempo dos Assassinos*, o autor afirma que quando a morte se transforma em estatística, em apenas um número, algo não está sendo feito corretamente. Camus (1946)²⁴, em um recente pós-guerra e com um trabalho sobre o absurdo mais consistente após *O Estrangeiro*

²⁴ *A crise do homem* (1946).

(1942), postula “Nossa vida, sem dúvidas, pertence aos outros e é justo doá-la quando se faz necessário. Mas nossa morte pertence apenas a nós. Essa é a minha definição de liberdade” (2023, p. 51). Camus trabalhou, portanto, com as paixões coletivas sendo estas puros enfrentamentos, confrontos. No que compete ao conceito de liberdade, a conferência de Camus, ministrada em 1946, é um prenúncio do que será apresentado em seu segundo ensaio filosófico, o livro nomeado de *O Homem Revoltado* (1951).

A questão da morte, conforme mencionada por Camus nas conferências, é diretamente associada aos eventos que são narrados na obra literária de 1942 e à postura de Meursault diante do absurdo. Quando Camus afirma que “nossa morte pertence apenas a nós” como definição de liberdade, ele apresenta um contraponto à transformação da morte em estatística ou em instrumento de poder e controle, como ocorre nos sistemas autoritários ou nas estruturas sociais mecanizadas. Essa reflexão ecoa na narrativa do julgamento de Meursault, onde a morte – tanto a da mãe quanto a do árabe – é descontextualizada e ressignificada pelo tribunal para servir a um propósito moralizante e condenatório.

Quanto à narrativa, a morte não é tratada como experiência pessoal ou única, mas como elemento instrumentalizado, que simboliza a ausência de humanidade e empatia na sociedade. O tribunal não julga apenas o ato cometido pelo protagonista, como já foi mencionado em outros momentos nesta tese, mas também sua reação à morte da mãe. O silêncio de Meursault sobre a morte, sua falta de teatralidade e sua recusa em aderir às expectativas sociais o tornam uma figura que desafia as paixões coletivas mencionadas por Camus, revelando uma sociedade que transforma eventos, como a morte, em ferramentas de controle. Além disso, o comportamento de Meursault durante o julgamento reflete a liberdade que Camus associa à apropriação da morte. Ele não busca justificar ou racionalizar suas ações de acordo com as normas impostas, mas aceita sua condição e o absurdo que ela encerra. Essa aceitação final, mais próxima da revolta do que da resignação, posiciona Meursault como um sujeito que, mesmo isolado, se mantém fiel a si mesmo. Assim, a narrativa ilustra a crítica de Camus à desumanização e ao silenciamento promovidos pelas estruturas sociais e pela falta de diálogo, enquanto reafirma a singularidade da morte como uma dimensão irredutivelmente pessoal. A revolta, diante da

reflexão feita, para Camus, parte do nós, desse processo coletivo e se tem, portanto, uma posição do homem diante do todo e em meio ao todo – uma teorização inclinada para a ação diante daquilo que vimos como um motor propulsor do absurdo, partindo do eu.

Em *O Estrangeiro*, o protagonista, Meursault, é muitas vezes interpretado como um homem que se rebela contra as expectativas sociais e as normas culturais. Essa atitude de Meursault pode ser vista como uma forma de revolta contra as expectativas tradicionais da sociedade. No ensaio *O Homem Revoltado*, Camus explora a ideia de revolta como uma resposta à injustiça e à opressão. Ele argumenta que a revolta é uma rejeição da submissão cega à autoridade e à tirania, mas também destaca os perigos do extremismo revolucionário. Camus defende uma revolta que busca a justiça sem se perder na violência e na destruição.

Transpassando deste absurdo à discussão para a revolta, um jovem Camus, no dia 9 de setembro de 1937, escreve, após passar pelas lápides no “mosteiro dos mortos na Santíssima Annunziata” (2014, p. 60), sobre as mortes carregadas de histórias contadas pelos entes queridos nas lápides:

(Todos criaram para si mesmos obrigações, e crianças, hoje, brincam de pula-cela nas lápides que querem perpetuar sua virtude.) Ali, uma moça era a esperança de todos os seus, “*Ma la gioia è pellegrina sulla terra*”. Mas nada disso tudo me convence. Quase todos, segundo as inscrições, resignaram-se obviamente porque aceitaram, suas outras obrigações. Eu não resignarei. Com todo o meu silêncio, eu protestarei até o fim. Não faz sentido dizer “é preciso”. É minha revolta que tem razão, e essa alegria que é como um peregrino sobre a terra, e é preciso que eu siga passo a passo.[...] Se eu tivesse que escrever um livro sobre moral, ele teria cem páginas, e noventa e nove seriam brancas. Na última, eu escreveria: “Eu só conheço uma obrigação: a de amar” (Camus, 2014, p. 61).

Camus procurou dizer que não há como estagnar a carne nessa eterna existência da dúvida, fazendo com que o seu protesto tenha validade para si e que a tomada por decisões seja potencializada dia a dia. A revolta é expressão e movimento, justamente por ser representada pela resistência contra uma existência que é marcada pela passividade gerada pela opressão e do primeiro movimento filosófico de Camus, do absurdo. No fragmento acima (2014), por exemplo, Camus rejeita uma resignação que a maioria das pessoas adota,

diante do que é representado pelas lápides que ele observa. Essa rejeição é uma afirmação de um sentido pessoal em face da morte e do “é preciso” – a imposição social e o conformismo com as normas e os valores institucionalizados. Ao dizer “eu só conheço uma obrigação; a de amar”, Camus revela a perspectiva da revolta como uma resposta ética que vai além da rejeição da tirania, tornando a revolta um compromisso com a humanidade, além de um protesto em favor da liberdade e da alteridade.

Tem-se, por sinal, em Meursault, protagonista da obra *O Estrangeiro* (1942), esse confronto com a moralidade, com os regimes e com o retrocesso de uma sociedade em um eterno círculo que se instaura na repetição das ações e dos crimes contra os sujeitos, aniquilando-os por completo. O julgamento de Meursault reflete um embate entre normas sociais e comportamentos que escapam a elas, como vem sendo amplamente discutido. A análise de suas ações revela um tensionamento entre o que é esperado e o que é vivido, marcando uma ruptura entre as expectativas coletivas e as experiências individuais. Esse embate é evidente, por exemplo, na insistência do tribunal em avaliar o fato de Meursault não ter chorado no enterro de sua mãe como uma evidência de falta de moralidade, deslocando o foco do crime para sua vida pessoal. Mesmo com esse aniquilamento, o sujeito excluído, marginalizado, pode vir a ter uma chance de se *re-colocar* na existência. A vivência do absurdo e o despertar de uma revolta interior faz de Meursault um sujeito que vive em constante confronto. Ao ser confrontado pelas normas e expectativas, o personagem-narrador vai percebendo que suas ações não coincidem com as normas sociais, fazendo com que haja aqui uma ruptura de valores que a sociedade daquele lugar possui. Em termos pronominais, essa relação entre o sujeito e a sociedade se reflete na transição entre as categorias discursivas do *eu*, *tu* e *ele*. Em *O Estrangeiro*, o *eu* de Meursault frequentemente aparece isolado, sem um *tu* com quem dialogar diretamente, o que ressalta sua posição narrativa introspectiva. O tribunal, enquanto instituição, atua como um *ele* coletivo, impessoal, que julga Meursault a distância, desconsiderando a possibilidade de uma interlocução autêntica. Essa ausência de um *tu* empático no espaço social e jurídico reflete um ambiente onde os laços de alteridade são enfraquecidos, e a comunicação entre o indivíduo e o coletivo opera predominantemente como monólogo, no qual as normas sociais se impõem sem

espaço para negociação direta.

Ao se encontrar em uma situação de antagonismo, o personagem encarna o dilema da revolta de Camus ao ser julgado não apenas por suas ações, mas também pela maneira que sua existência destoava do que é esperado moralmente, sobretudo pelos advogados, testemunhas e pelo juiz do tribunal. A sociedade, portanto, exige que o protagonista atue com moralidade de acordo com a que é vivenciada pelos pares que ali se encontram. O promotor e os juízes, como já mencionado, não julgam Meursault apenas pelo assassinato, mas também pela conduta que ele demonstra ao longo da narrativa. Sua atitude diante de eventos como a morte de sua mãe, as interações sociais e as decisões cotidianas são usadas contra ele, revelando o que pode ser interpretado como um "crime lógico" – um conceito que emerge quando o julgamento ultrapassa a análise de atos objetivos e se fundamenta em doutrinas ou lógicas institucionais que justificam a opressão. Esse "crime lógico", praticado pelo Estado, está ligado ao uso da racionalidade como ferramenta para aniquilar o sujeito ao inseri-lo em moldes normativos fixos, segundo a filosofia camusiana. No caso de Meursault, sua postura de "estrangeiro", alheio às convenções sociais, é utilizada para sustentar sua condenação, e Camus observa, no fragmento citado, que doutrinas e moralidades dogmáticas são frequentemente empregadas como justificativa para oprimir e silenciar.

No julgamento, o tribunal adota uma moralidade que transforma o comportamento de Meursault em uma ameaça simbólica, tratando-o como um "inimigo da moralidade estabelecida". A falta de conformidade de Meursault às expectativas sociais é enquadrada como um desvio perigoso, que o Estado, por meio de seus representantes, deve conter, e isso é demonstrado ao longo do julgamento do protagonista na obra. Assim, a condenação no livro ilustra como o "crime lógico" se manifesta na sociedade: uma justificativa racional para eliminar aquele que não se adapta.

Em termos pronominais, o "crime lógico" se evidencia no deslocamento entre o *eu* de Meursault e o *ele* representado pelo tribunal e pela sociedade. Enquanto o *eu* de Meursault é introspectivo, isolado e destituído de uma interlocução direta, o *ele* do tribunal o trata como um objeto de julgamento e

moralização. O distanciamento entre o *eu* do protagonista e a coletividade (*e/e*) ressalta a ausência de um *tu* relacional que possibilite o diálogo.

Essa lacuna reforça o monólogo social imposto pela lógica do tribunal, que não busca compreender Meursault como sujeito, mas apenas enquadrá-lo dentro de um esquema de normas sociais pré-estabelecidas. Portanto, o "crime lógico" praticado pelo Estado é percebido no jogo pronominal na medida em que Meursault é despersonalizado e deslocado de sua condição de sujeito (*eu*) para a posição de um *e/e*, tratado como inimigo e estranho. Isso evidencia a ruptura entre o individual e o coletivo, eliminando a possibilidade de interlocução e transformando a sentença em um ato de eliminação simbólica e literal, como pode ser observado ao final da obra.

Camus (2020) realiza um movimento de afirmação da vida que ganha significado na experiência. Embora Meursault não articule uma revolta explícita, ele encarna um movimento de revolta. A escolha de viver o presente, de maneira direta e sem se submeter às imposições da sociedade é uma forma de protesto, por mais silencioso que seja – e percebemos isso através do que o narrador relata ao longo da obra, principalmente ao final do livro,

Então, não sei por que, qualquer coisa se partiu dentro de mim. Comecei a gritar em altos berros, insultei-o e disse-lhe para não rezar. Agarrara-o pela gola da batina. Despejava nele todo o âmago do meu coração com repentes de alegria e de cólera. Tinha um ar tão confiante, não tinha? No entanto, nenhuma das suas certezas valia um cabelo de mulher. Nem sequer tinha certeza de estar vivo, já que vivia como um morto. Eu parecia ter as mãos vazias. Mas estava certo de mim mesmo, certo de tudo, mais certo do que ele, certo da minha vida e desta morte que se aproximava. Sim, só tinha isto. Mas ao menos agarrava esta verdade tanto quanto esta verdade se agarrava a mim. Tinha tido razão, ainda tinha razão, teria sempre razão. Vivera de uma certa maneira e poderia ter vivido de outra. Fizera isto e não fizera aquilo. Não fizera determinada coisa, ao passo que fizera esta outra. E depois? Era como se durante todo o tempo tivesse esperado por este minuto e por essa madrugada em que seria justificado. Nada, nada tinha importância, e eu sabia bem por quê? Também ele sabia por quê (Camus, 2020, p. 124).

Na citação acima, o *eu* do protagonista emerge como a figura central que, ao confrontar o capelão, assume uma posição oposta ao *tu*, representado pela figura religiosa. O *eu* aqui não é apenas o pronome que se refere a Meursault,

mas a manifestação de uma subjetividade que se rebela contra qualquer tentativa de imposição da cena descrita. O personagem não apenas se recusa a aceitar as certezas e as convicções do capelão, sobretudo a sua oferta de crença em Deus, mas também afirma a si mesmo como sujeito consciente de sua existência e finitude. O *tu*, nessa citação, simboliza não apenas o capelão, que é o interlocutor, mas a estrutura de poder e as doutrinas que essa autoridade representa. Aqui, temos um enfrentamento simbólico entre a liberdade do *eu* revoltado e o dogmatismo do *tu* que busca subjugar. Nessa narrativa, o discurso de Meursault se transforma em um monólogo que afirma a total autonomia do *eu*. Essa dinâmica evidencia uma ruptura fundamental no espaço do diálogo: o *tu* perde sua qualidade de interlocutor para se tornar uma ameaça, enquanto o *eu* se concentra em afirmar a sua posição. Essa recusa ao diálogo reflete a filosofia camusiana do absurdo, na qual o *eu* encontra sua autenticidade na aceitação da ausência de sentido maior e confronto com a finitude. Ao rejeitar o conforto da religião, Meursault declara sua liberdade: ele não busca aprovação divina, mas encontra sentido em sua própria condenação.

Nesse confronto com o capelão, Meursault recusa qualquer tentativa de encontrar consolo em uma visão inteiramente divina, o que representa um ponto importante para a filosofia de Camus sobre o absurdo. Aqui, é marcado o absurdo como recusa na busca por significado externo e pela aceitação radical da existência que se limita ao mundo concreto e sensorial. Para o personagem da obra literária de 1942, o sentido da vida não está em uma redenção pós-morte, mas no viver no e do tempo presente, além de aceitar plenamente sua realidade que se esvanece. Essa constituição do sujeito revoltado ocorre justamente na recusa do diálogo e na afirmação de uma posição autônoma, que reconhece a vida como limitada ao presente sensorial e concreto. Para Camus, essa revolta não é uma negação destrutiva, mas uma reafirmação da existência frente ao apagamento imposto por sistemas. Ao se opor à narrativa do capelão, Meursault realiza um movimento de afirmação: não de um significado universal, mas da sua própria experiência individual e da aceitação da morte como parte intrínseca da vida. Essa é a questão sobre o sujeito revoltado na filosofia de Camus: um *eu* que se recusa a ser reduzido a um *tu* genérico, imposto por instituições ou doutrinas, e que, ao contrário, se define no enfrentamento direto

e lúcido da condição humana.

O embate é conflituoso pois coloca a revolta, segundo conceito-chave de Camus e presente no ensaio filosófico de 1951, contra um sistema que demanda conformidade moral e imposição de uma narrativa externa que daria sentido à vida de Meursault. Além disso, ao rejeitar a "oferta" do capelão, Meursault reafirma sua condição de "homem absurdo", pois preenche o seu vazio com a experiência do instante em que é vivida, sem tentar transcender ou negar a sua experiência. Por conseguinte, negar uma vida justificada pela fé é, para Camus, umas das tantas formas da revolta: é o ato de persistir em um caminho de liberdade, aceitando as consequências de viver sem respostas definitivas. O momento do confronto na obra é, então, reafirmação da vida, *re-fazer-se* desse sujeito.

Camus, em *O Homem Revoltado*, aprofunda essa ideia ao propor que a revolta é o momento no qual o indivíduo se encontra fiel a si mesmo e ao valor intrínseco das existências. Por isso Camus diz que "temos que viver e deixar viver para criar o que somos" (Camus, 2014, p. 288). Para Meursault, ser fiel implica viver uma vida sem concessões ao que não experimentou ou acreditou, o que ele sintetiza em sua rejeição às certezas do capelão. Com isso, a revolta não busca redenção - e Meursault não buscava redenção divina - mas a sua verdade, intransferível, ao encarar a morte. Ele não nega a vida, mas a afirma em sua própria maneira de existir, sem buscar sentido além do que vive no presente.

Através da construção do personagem Meursault, Camus explora uma luta genuína entre a autenticidade e as imposições morais, destacando como o personagem mantém sua integridade ao longo da obra e como a sua existência sofre interpelações. O monólogo interno de Meursault evidencia seu apego ao que é concreto e mostra, também, o seu estranhamento ao que considera ilusório. Essa firmeza reafirma o absurdo e o revela como personagem que encara a vida e a morte: não como o fim, mas como uma confirmação do modo pelo qual viveu: "certo da minha vida e desta morte que se aproximava" (2020, p. 124). Dessa maneira, o protagonista se torna um símbolo de alguém que se recusa a delegar o sentido de sua existência a um sistema de crenças, vivendo uma liberdade radical e pessoal que desafia as normas da sociedade.

Para encerrar este capítulo 3, é possível concluir que a trajetória de

Meursault em *O Estrangeiro* se configura de maneira complexa. Neste trabalho, essa complexidade foi explorada via o olhar dos estudos da linguagem, buscando intersecção com a filosofia. A análise da obra revela um protagonista que se recusa a adotar valores impostos a si, encarnando resistência e reafirmando sua autenticidade. Por meio do personagem, Camus nos coloca, leitores e analistas, diante do dilema da existência entre viver em conformidade com as normas sociais e a tentativa de um viver autêntico, ainda que tal autenticidade seja constantemente questionada pelas imposições da vida em sociedade. Meursault representa a existência absurda, vivendo e recusando qualquer justificativa, na medida em que permanece fiel a si. A revolta, neste caso, não é uma busca de sentido fora do próprio viver, mas uma afirmação de liberdade pessoal diante do vazio que possa ser constatado em respostas definitivas. A liberdade, aqui, é abertura, irreduzível e não negociável.

Por fim, *O Estrangeiro* se revela como uma narrativa em que o absurdo e a revolta, conceitos camusianos de mais fôlego, são progressivamente construídos através de uma dinâmica pronominal que reflete as tensões que competem à existência e ao social, enfrentadas pelo personagem-narrador. Desde o início da obra, Meursault ocupa predominantemente a posição de *eu*. Nos momentos iniciais, o diálogo é quase funcional, pois interações com o diretor do asilo, com Marie ou com Raymond não revelam uma relação intersubjetiva tão profunda. Nessas trocas, o *tu* se apresenta mais como uma figura situacional. No decorrer da narrativa, Meursault começa a ser deslocado de sua posição de *eu* para ocupar posição de *ele*, nos diálogos, à medida em que os eventos se tornam mais centrados na percepção social e no julgamento externo. Isso é particularmente presente no julgamento do protagonista quando é objetificado: suas ações, palavras e até mesmo o que ele deixou de dizer são reinterpretados pela corte e pela sociedade como sinais de uma falta - e uma falha - de moralidade. Aqui, Meursault é progressivamente aniquilado, se tornando um objeto de análise e condenação, respectivamente. A dinâmica pronominal reflete a transitividade e a fluidez do *eu* em favor de um *ele* coletivo, representado pelas instituições e valores dogmáticos que buscam definir o protagonista.

Nos monólogos, como na prisão, e especialmente, no confronto com o capelão, Meursault é um *eu* em uma posição de resistência consciente. Ele

rejeita tanto o diálogo proposto pela religião quanto as imposições da sociedade, afirmando sua verdade. O monólogo é onde o *eu* se estabelece plenamente, como alguém que encontra significado na própria ausência de sentido, abraçando o absurdo e a liberdade. Dessa forma, o percurso pronominal de Meursault ilustra as dinâmicas do absurdo e da revolta na filosofia camusiana. O *eu* que se distancia no início, o *ele* objetificado pelo julgamento e o *eu* consciente e revoltado no final são momentos que se entrelaçam para contar a história de um sujeito em confronto com as estruturas sociais e existenciais que tentam aniquilá-lo por completo.

Esse jogo entre eu, *tu* e *ele* mostra não apenas as marcas, as formas e os sentidos da linguagem, mas também as possibilidades de resistência e afirmação do sujeito diante do mundo, convocando nós, leitores, a refletir sobre seu próprio lugar entre as normas sociais e a busca pela autenticidade. Com isso, a intersecção entre os estudos da linguagem, da filosofia e da literatura encontram elo e lançam luzes que destacam novas portas para os estudos de análise no campo literário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, considero importante dizer que aqui foi aberta mais uma porta para os estudos interdisciplinares no campo da Letras. Iniciei, nesta tese, elencando uma proposta que penso ser sim exaustiva e extensa, mas dentro do que vem sendo possível trabalhar, acredito que o caminho traçado até então constrói um trilhar pertinente dentro dos estudos linguísticos e a sua intersecção com os estudos literários e filosóficos. Busquei, com isso, traçar uma linha que vai desde os estudos em Benveniste, a saber, os princípios fundadores do seu pensamento, por um caminho sólido e de base para os estudos de análise na obra *O Estrangeiro*, de Albert Camus.

Benveniste causa um grande impacto no que tange aos estudos linguísticos pela abertura através dos pronomes no que compete aos estudos enunciativos. Neste trabalho, contudo, busquei aliar essa discussão ao campo literário, sobretudo por esse caminho já ter sido trilhado por diferentes autoras e autores no Brasil e na França. No que tange à relação com sua teorização pronominal e o impacto da linguagem na construção da subjetividade e da sociedade, Benveniste foi muito certo em mostrar, nos textos selecionados, uma extensão dessa reflexão teórica para fora do campo da linguística, utilizando-a para pensarmos não só nas marcas linguísticas, mas também no que se constitui a partir dessas marcas. Ademais, pensar a construção da sociedade, da existência, é uma possibilidade justamente pelo que nos mostra a teorização pronominal de Benveniste. Tudo que somos, pensamos e fazemos se constitui na e pela linguagem.

Seguindo uma linha cronológica do que foi trabalhado aqui, os princípios que fundamentam o pensamento de Benveniste ressaltam a importância dos estudos pronominais para a constituição do sujeito e a sua organização social. Benveniste, a partir da tríade do *eu*, do *tu* e do *ele*, revela a língua não apenas como aquela que estrutura relações humanas e formas de subjetividade, mas também revela a língua como um meio essencial de constituição do sujeito e da alteridade, sendo fundamental para a formação da consciência de si e do outro, e para o estabelecimento de uma rede que reconfigura a experiência humana no mundo. Esses pontos foram e são centrais para o que foi percorrido ao longo do trabalho, tendo em vista que na análise da obra, temos um personagem-narrador

que enuncia em seu espaço discursivo e, também, participa desse espaço como uma não-pessoa, o *e/e*. Adiante, ainda na primeira parte deste trabalho, busquei iniciar uma fundamentação justamente sobre o papel do *e/e* na teorização benvenistiana. Essa tomada de pensamento se constitui ao longo do trabalho, em pontos nos quais trouxe conceitos sobre língua e sociedade, por exemplo, para mencionar como as próprias coletividades buscam, nas suas formações, maneiras diversas de se constituírem, no que tange aos diferentes modos de pensamento e de ação. A língua, não só no primeiro capítulo mas em toda a tese, foi referenciada como aquela que guia a sociedade, orienta, renova e interpreta as interações sociais.

No segundo capítulo, busquei trazer uma reflexão mais profunda sobre a constituição do *e/e*, a partir de Dufour, ainda mais quando temos, em *Os Mistérios da Trindade*, uma discussão sobre o que se aniquila quando esse *e/e* é visto como ausente no espaço discursivo e transitivo de *eu* e *tu*. O aniquilamento é visto por Dufour como um ponto muito importante para a discussão de sociedade. Essa ausência que, paradoxalmente, é presentificada, se aplica na relação com a teorização de Benveniste, dando corpo e mote para a análise proposta da obra escolhida de Albert Camus. Aqui, busquei mostrar como a linguagem pode encenar a ausência e como essa encenação é essencial para a construção de novos significados na literatura, assim como propulsiona uma reflexão sobre a vida, sobre a alteridade e a empatia que emergem quando analisamos a figura de Meursault na obra.

Além disso, cenários da obra literária, como o sol e a escuridão, operam marcadores simbólicos de estados de ânimo e decisões existenciais do protagonista, influenciando suas respostas e ações. A exposição ao sol intenso naquele dia de praia, torna-se uma instância em que o ambiente exerce um forte impacto, tão visceral, que o leva a um comportamento impulsivo. O sol, então, deixa de ser um simples elemento climático e emerge como um “outro” externo que atua nas ações de Meursault, provocando uma dissolução de barreiras entre o sujeito e o ambiente.

A relação pronominal, nesse contexto, permitiu uma análise sobre como Meursault interage com os cenários descritos na obra e como esses cenários transcendem a materialidade para ganhar força simbólica. Quando se observa o sol como um “outro”, externo, é possível pensar nesse outro como influência

direta sobre o *eu* do protagonista. O sol não apenas participa das ações de Meursault, mas o posiciona discursivamente como um sujeito cujas decisões são moldadas pelo ambiente como se esse lugar funcionasse como um ator na construção do significado. O sol, ao provocar reações físicas e emocionais intensas, por exemplo, insere-se no discurso de Meursault como um *e/e* presentificado, repleto de poder, porém inatingível. O *e/e*, na obra, revela-se como presente e impositivo, mas ausente de uma relação da díade *eu-tu*, contribuindo para o isolamento, por vezes, de Meursault, e para a atmosfera absurda que permeia a obra. O *e/e*, também, articula-se no livro não apenas com os aspectos linguísticos, mas também com os temáticos, ao destacar como a linguagem encena a alienação e a exclusão do protagonista no espaço discursivo.

A falta de alteridade, também, é uma questão central na obra. Em *O Estrangeiro*, o mundo parece não oferecer a possibilidade de um verdadeiro diálogo, autêntico, deixando o protagonista numa posição, por vezes, de exclusão. A figura do personagem se torna um emblema de uma sociedade que nega a alteridade em certos momentos.

Já no terceiro capítulo, realizei intersecções entre a filosofia de Camus e o que foi estudado até então para que se pudesse pensar, além do que já foi discutido, sobre existência. A análise do protagonista da obra, Meursault, não pode ser limitada apenas aos estudos sobre as marcas linguísticas dentro da obra. A maneira pela qual ocorrem as transições pronominais ao longo do livro, assim como ocorre a transição pronominal de Meursault para um *e/e* em diversos momentos, auxilia a pensar sobre como aquela instituição e aquela sociedade funcionam no processo que envolve o personagem-narrador. Ademais, o próprio julgamento evidencia uma visão sobre a pessoa de Meursault, e não tão somente sobre o ato de assassinato que ele cometeu. Essas prerrogativas me fazem ir à filosofia de Camus, principalmente aos estudos sobre o absurdo e sobre a revolta, por compreender que linguagem e subjetividade estão intrinsecamente ligadas ao sentido – ou à falta dele – na experiência humana.

Na filosofia, o absurdo emerge da percepção de que o mundo é sem sentido, sem coerência e sem propósito. O julgamento de Meursault, que se foca mais em sua falta de reação emotiva do que no próprio crime cometido, revela uma sociedade que se sente ameaçada pela negação de sentido e por alguém

que, em última instância, questiona a ordem por esses valores, além de negar a crença divina. Meursault, além de ver por vezes um estrangeiro, é visto como um, também. Assim, mesmo sem declarar-se “revoltado”, vive em uma posição de revolta ao se recusar a aderir ao que lhe é exigido, fazendo com que estes movimentos sejam respostas diante da constatação do absurdo e aproximação de aceitar a sua existência como ela é. Embora silenciosa e constatada perto da sua morte, em sua cela da prisão, a revolta desafia a imposição de normas, tornando-o sujeito e objeto de um sistema que tenta classificá-lo, aprisioná-lo e aniquilá-lo. Ao fim, Meursault encontra em si a liberdade e não só personifica o absurdo como, também, transcende a sua condição através da revolta, reforçando a importância de seu papel como representação da filosofia de Camus, em especial o ensaio filosófico *O Mito de Sísifo*.

*

Meursault, enquanto sujeito, encarna a tensão entre presença e ausência, revolta e ressignificação e acaba por proporcionar a reflexão sobre as complexidades que são geradas por conta das interações pronominais discutidas ao longo da tese. Com isso, é importante e necessário que seja discutido sobre existência para além da obra, sem esquecer que a obra, diante dos estudos linguísticos, nos suscita a pensar e ressignificar.

Tive neste trabalho a teorização de Émile Benveniste como fio condutor, assim como seguirá sendo para tantos outros que foram e ainda são importantes na discussão sobre os pronomes e subjetividade. Benveniste ilumina aspectos fundamentais da condição humana, e esse pensamento foi utilizado para fundamentar este trabalho. Através da análise, destaco a importância da linguagem como aquela que compreende não apenas o sujeito individual, mas o coletivo, na sociedade.

*

Ao interpretar a construção de sujeito e sociedade a partir do sistema pronominal em *O Estrangeiro*, pude entender como as estruturas linguísticas que Benveniste analisa teatralizam as estruturas sociais que limitam e aprisionam a

experiência do indivíduo. A língua, como intermediária de nossas relações e possibilidade e compreensão do mundo, revela-se não apenas como um meio de intersubjetividade, mas também de exclusão e inclusão. A ausência que na obra de Camus denota, também, um esvaziamento das relações sociais, é representada pelo *e/le* o qual é relegado a uma posição fora da correlação *eu-tu*, porém, ainda como participante enquanto as pessoas falam da não-pessoa.

Encerro a tese, mas não a discussão advinda desta. Espero que esta análise ilumine não só a importância dos cenários e dos estudos de linguagem na obra de Camus, mas também os impactos das categorias pronominais em nossa própria construção de mundo e de relações alteritárias. Em cada parte da análise, evidenciei como a obra permite uma compreensão ampliada da linguística como reflexo das complexidades existenciais e sociais, sendo *O Estrangeiro*, de Albert Camus, um convite a revisitar nosso próprio papel no mundo e reconhecer o potencial transformador da língua, da literatura e da filosofia na criação de alteridade e compreensão mútua.

REFERÊNCIAS

ABES, Gilles Jean. Traduzir O estrangeiro, de Albert Camus: pensar a luz estrangeira na literatura em prosa. **Remate de Males**, Campinas, SP, v. 38, n. 2, p. 683–702, 2018. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8652369>.

Acessado em: 20/10/2024.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral I**. Campinas: Pontes Editora, 2005.

_____. **Problemas de linguística geral II**. Campinas: Pontes Editora, 2006.

_____. Estrutura das relações de pessoa no verbo (1946). In: **Problemas de linguística geral I**. Campinas, SP: Pontes, 2005. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri.

_____. Natureza dos pronomes (1956). In: **Problemas de linguística geral I**. Campinas, SP: Pontes, 2005. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri.

_____. Da subjetividade na linguagem (1958). In: **Problemas de linguística geral I**. Campinas, SP: Pontes, 2005. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri.

_____. A linguagem e a experiência humana (1965). In: **Problemas de linguística geral II**. Campinas, SP: Pontes, 2006. Trad. Eduardo Guimarães [et al.].

_____. A forma e o sentido na linguagem (1966). In: **Problemas de linguística geral II**. Campinas, SP: Pontes, 2006. Trad. Eduardo Guimarães [et al.].

_____. Esta linguagem que faz a história (1968). In: **Problemas de linguística geral II**. Campinas, SP: Pontes, 2006. Trad. Eduardo Guimarães [et al.].

_____. Semiologia da língua (1969). In: **Problemas de linguística geral II**. Campinas, SP: Pontes, 2006. Trad. Eduardo Guimarães [et al.].

_____. O aparelho formal da enunciação (1970). In: **Problemas de linguística geral II**. Campinas, SP: Pontes, 2006. Trad. Eduardo Guimarães [et al.].

CAMUS, Albert. **Esperança do mundo**. 2ª ed. São Paulo: Hedra, 2014a.

_____. **A desmedida na medida**. 1ª ed. São Paulo: Hedra, 2014b.

_____. **A guerra começou, onde está a guerra?**. 1ª ed. São Paulo: Hedra, 2014c.

_____. **Conferências e discursos: 1937-1958**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2023.

_____. **A peste**. 1ª ed. São Paulo: José Olympio, 1950.

_____. **Camus, o viajante**. 1ªed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

_____. **O Estrangeiro**. Rio de Janeiro: Record, 2020.

_____. **O homem revoltado**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2012.

_____. **O mito de Sísifo**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2016.

_____. **La crise de l'homme**: conférence donnée par Albert Camus au McMillin Theater de l'université de Columbia (New-York) le 28 mars 1946. Disponível em: <https://cingpetitessecondes.wordpress.com/2018/02/22/la-crise-de-lhomme-discours-dalbert-camus-a-luniversite-de-columbia-en-1947-audio-et-texte/>. Acessado em: 01/07/2024.

CAVALHEIRO, Juciane dos Santos. O espaço ficcional e a experiência subjetiva: uma análise enunciativa de A Metamorfose. **Dissertação**. 2005. 126 pgs. (Mestrado em linguística aplicada). Centro de Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, São Leopoldo/RS, 2005.

_____. Enunciação e literatura: contribuições da teoria da linguagem e do estudo dos pronomes de Émile Benveniste. **ReVEL**, edição especial n. 11, 2016. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/pt/edicoes/?id=42>. Acessado em: 01/07/2024.

DESSONS, Gérard. **Émile Benveniste : l'invention du discours**. Paris, Éditions In Press, 2006.

DUFOUR, Dany-Robert. **Os mistérios da trindade**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000. Trad. Dulce Duque Estrada.

GALVÃO, Marisa. Aspectos fronteiriços do reconhecimento na obra "o estrangeiro" de camus. **Revista Ágora**. Edição Especial do Simpósio de Filosofia. Novembro-2017. Disponível em: <http://periodicos.unimesvirtual.com.br/index.php?journal=formacao&page=index>. Acessado em: 20/10/2024.

GESKE, Samara F. Lócio e Silva. Do universo privado ao espaço aberto, do espaço aberto ao universo privado – recepção e gênese de L'étranger de Albert Camus. **Revista Criação & Crítica**, n. 3, p. 100-114, 2009. Disponível em: <https://revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/53973/57916>. Acessado em: 20/10/2024.

_____. O avesso e o direito da escritura: a relação entre literatura e filosofia em L'étranger e Le mythe de Sisyphe de Albert Camus. **Revista MOARA** n.37, p.134-145, jan./jun., 2012, Estudos Literários. Disponível em:

<https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/1354/1790>. Acessado em: 20/10/2024.

FERREIRA, Moisés David S. G. A questão das origens da linguagem na obra *Linguagem e Mito* de Ernst Cassirer. **SABERES**, Natal – RN, v. 1, n.1, dez. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/saberres/article/view/555>. Acessado em: 01/07/2024.

GERMANO, Emanuel Ricardo. O pensamento dos limites: contingência e engajamento em Albert Camus. **Tese**. 498 pgs. 2007 (Doutorado em Filosofia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

HUMBOLDT, W. V. **Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaus und ihren Einfluss auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts**. 1836. [Tradução utilizada: *Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad*. Trad. y pró-logo de Ana Agud. Barcelona: Anthropos; Madrid: Ministerio de Educación y Ciencia, 1990.

KNACK, Carolina. A língua como prática humana: desdobramentos das relações entre língua e sociedade. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, v. 14, n. 3, p. 394-403, set./dez. 2018. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/8583>. Acessado em: 01/07/2024.

LAPLANTINE, Chloé. **Émile Benveniste: poétique de la théorie**. Publication et transcription des manuscrits inédits d'une poétique de Baudelaire. Linguistique. Université Paris 8, 2008

_____. Émile Benveniste: em direção a uma poética do discurso (Entrevista realizada por Valdir N. Flores e Marlene Teixeira). **Calidoscópico**, São Leopoldo, vol. 11, n. 2, p. 222-225, maio/ago. 2013.

MARTIN, Serge. **Hypotheses**. Une certaine voix: Albert Camus ou le poème dans et par la voix. Disponível em: <https://ver.hypotheses.org/3212>. Acessado em: 23/08/2024.

NEUMANN, Daiane. A linguagem e a vida: reflexões acerca de língua e literatura. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, v. 14, n.3, p. 435-443, 2018. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/8577/114114362>. Acessado em: 01/07/2024.

_____. Em busca de uma poética da voz. 2016. 175 f. **Tese** (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

_____. A poética nos estudos da linguagem: a busca pelo desconhecido. In: SILVA, Silvana; CAVALHEIRO, Juciane (org.). **Atualidade dos estudos**

enunciativos. Curitiba: Prismas Ltda, 2016.

_____. O estudo da arte da linguagem: uma questão de significação.

ReVEL, edição especial n. 11, 2016. Disponível em:

<http://www.revel.inf.br/pt/edicoes/?id=42>. Acessado em: 07/01/2024.

NEUMANN, D., & MILANO, L. (2022). Discursos que interrogam: efeitos de aproximação entre linguística e poética. *Caderno De Letras*, (44), 7-12.

Disponível em:

<<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/cadernodeletras/article/view/24049>>.

Acesso em: 29/10/2024.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. Companhia das Letras: São Paulo, 2011.

OLIVERA, C. S. de, & Lopes, S. A. T. (2021). O Caso Meursault, de Kamel Daoud: Do silêncio canônico à enunciação pós-colonial. **Letrônica**, 14(3), e39285. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/letronica/article/view/39285>. Acessado em: 20/10/2024.

PERES, Carolina Alves. O processo de subjetivação em narrativas digitais: um estudo sobre a experiência narrativa em *The Witcher 3: Wild Hunt*.

Dissertação de Mestrado. 2021. Universidade Federal de Pelotas, 2021.

PINTO, Manuel da Costa. **Albert Camus, um elogio do ensaio**. Ateliê Cultural – São Paulo, 1998.

SILVA, Silvana. A relação entre sociedade e língua em Benveniste: três hipóteses e uma alternativa. In: OLIVEIRA, Giovane Fernandes Oliveira; ARESI, Fábio (org.). **O universo benvenistiano: enunciação, sociedade, semiologia**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. 424p.

SURREAUX, Luiza Milano. Linguagem, sintoma e clínica em *Clínica de linguagem*. **Tese**. 2006. 202 pgs. Tese. 498 pgs. 2006 (Doutorado em Letras). Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre/RS.

SOUZA, Fabricio Magalhães de. Émile Benveniste: a linguística no limiar da literatura. In: SILVA, Silvana; CAVALHEIRO, Juciane (org.). **Atualidade dos estudos enunciativos**. Curitiba: Prismas Ltda, 2016.

STUMPF, Elisa Marchioro. Das formas de o homem estar na língua: interdição, eufemismos e enunciação em Benveniste. **ReVEL**, edição especial n. 11, 2016. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/pt/edicoes/?id=42>. Acessado em: 01/07/2024.

TEIXEIRA, Marlene. O estudo dos pronomes em Benveniste e o projeto de uma ciência geral do homem. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, - v. 8 - n. 1 - p. 71-83 - jan./jun.

2012. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/2639>.
Acessado em: 01/07/2024.

_____. O ato enunciativo e a instauração da experiência de trabalho de profissionais de enfermagem. **Revista Moara** ISSN 0104-0944 (Impresso), n.38, jul.-dez., Estudos Linguísticos, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/1269>. Acessado em: 01/07/2024.

_____. "A linguagem serve para viver": contribuição de Benveniste para análises no campo aplicado. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.15, n.2, p. 439-456, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/index>. Acessado em: 01/07/2024.

_____. **Benveniste: um talvez terceiro gesto?**. Letras de Hoje. Porto Alegre, v.39 n°4, p. 107-120, dezembro, 2004.

VIER, Sabrina. "Os perfumes, as cores e os sons se correspondem": Benveniste e a busca pela imagem criativa em Baudelaire. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, v. 14, n. 3, p. 515-540, set./dez. 2018. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/8587>. Acessado em: 01/07/2024.

_____. Quando a linguística encontra a linguagem: da escrita de Émile Benveniste presente no Dossiê Baudelaire ao estudo semiológico de uma obra literária. 2016a. 176 f. **Tese** (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2016.

_____. Dossiê Baudelaire e a enunciação. In: SILVA, Silvana; CAVALHEIRO, Juciane (org.). **Atualidade dos estudos enunciativos**. Curitiba: Prismas Ltda, 2016b.